



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

EVIDENCIALIDADE EM KAINGANG
DESCRIÇÃO, PROCESSAMENTO E AQUISIÇÃO

Márcia Nascimento

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

EVIDENCIALIDADE EM KAINGANG
DESCRIÇÃO, PROCESSAMENTO E AQUISIÇÃO

Márcia Nascimento

Tese de Doutorado em Linguística apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Antônio Rezende
Maia

Coorientador: Prof. Dr. Luiz Amaral

Departamento de Linguística, UFRJ
Rio de Janeiro, fevereiro de 2017

FICHA CATALOGRÁFICA

N244e Nascimento, Márcia
EVIDENCIALIDADE EM KAINGANG DESCRIÇÃO,
PROCESSAMENTO E AQUISIÇÃO / Márcia Nascimento. --
Rio de Janeiro, 2017.
184 f.

Orientador: Marcus Maia.
Coorientador: Luiz Amaral.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2017.

1. Evidencialidade. 2. Kaingang. 3. Descrição. 4.
Processamento. 5. Aquisição da Linguagem. I. Maia,
Marcus, orient. II. Amaral, Luiz, coorient. III.
Título.

MÁRCIA NASCIMENTO

EVIDENCIALIDADE EM KAINGANG
DESCRIÇÃO, PROCESSAMENTO E AQUISIÇÃO

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcus Antônio Rezende Maia - Orientador
Departamento de Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. Luiz Amaral - Coorientador
University of Massachusetts Amherst - UMASS

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis
IEL - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof. Dra. Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa
Letras/LIBRAS - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dra. Bruna Franchetto
Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis
Departamento de Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dra. Kristine Sue Stenzel - Suplente
Departamento Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dra. Cristiane Oliveira - Suplente
Departamento de Linguística UFRJ

Agradecimentos

Ao meu orientador professor Marcus Maia, obrigada por tudo! Minha admiração pela pessoa e professor que és. Com a sua generosidade me ensinou muito mais do que linguística.

Ao meu co-orientador, Luiz Amaral pela preciosa orientação e dedicação em levar este estudo para o conhecimento dos professores do departamento de linguística da UMass. Obrigada a todos eles pelos comentários e sugestões. Marcus e Luiz, vocês me ofereceram o melhor suporte durante todo o processo. Os erros e acertos que, certamente houve, sei que são responsabilidades minhas.

À CAPES pelo subsídio financeiro que tornou possível a realização dessa pesquisa.

À Letícia Couto pelo incentivo e pela amizade para além da UFRJ e espero que para além dos tempos também.

Aos amigos Cintia Graton, Glasiele Valvan, Ilessi Silva e Thiago Amud, minha pequena família do 403, no Rio de Janeiro. Obrigada pela amizade. Tive a sorte de conviver com gente que canta e faz bolo de fubá e brigadeiro (entre muitas coisas). Levarei muitas saudades desse tempo bom.

A toda minha família, especialmente meu pai José e minha mãe Teresa, obrigada pelo amor e o apoio de sempre. E ao Jeferson (*ũn ãgno ti*), meu irmão mais novo, que se tornou um belo homem na minha ausência. Obrigada por todas as vezes que me buscou e me levou para o aeroporto nessas idas e vindas durante o período de estudos. O seu carinho e amor no olhar, em cada chegada minha, nunca me deixaram perder a sensação de estar voltando pra casa.

Ao meu povo Kaingang.

A Topê, por me abençoar para muito além dos meus sonhos.

Agradeço também a todos os professores da banca que aceitaram prontamente o convite. De modo especial a professora Bruna, Kristine e o professor Wilmar, que de uma forma ou outra sempre estiveram presente nessa minha trajetória de estudos. Obrigada por me mostrarem que através da linguística também se luta pelos povos indígenas.

RESUMO

EVIDENCIALIDADE EM KAINGANG

DESCRIÇÃO, AQUISIÇÃO E PROCESSAMENTO

MÁRCIA NASCIMENTO - Orientador: Marcus Antonio Rezende Maia

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Esta tese aborda a categoria de Evidencialidade na língua Kaingang a partir do ponto de vista descritivo bem como do seu processamento e aquisição. Interessa ao presente estudo, além de buscar a descrição do sistema, entender como se dá o processo de compreensão dos evidenciais pelos falantes adultos e as implicações no seu uso. Em termos de aquisição desse sistema, o objetivo do estudo é o de averiguar se as crianças são sensíveis às implicações dos diferentes tipos de evidenciais, e em que momento elas passam a compreender essas diferenças. Para a descrição do sistema de evidencialidade em Kaingang retomamos o trabalho de Nascimento (2013), explicando questões relacionadas ao funcionamento desta categoria gramatical e sua relação com a categoria dos Núcleos oracionais. Denominamos Núcleos oracionais a proposta de reanálise que sugerimos à categoria conhecida na literatura como marcadores de sujeito em Kaingang (Wieseman 1967, 2002). Argumentamos que os Núcleos oracionais compõem a categoria funcional que é responsável por licenciar orações matrizes nesta língua, sendo que essa categoria comporta também alguns marcadores evidenciais. Utilizando técnicas da Psicolinguística Experimental, averiguamos questões relacionadas ao processamento dos evidenciais direto e indireto por falantes adultos, através de dois estudos: um experimento de compreensão *off-line* e um estudo de *Eye-tracking* (rastreamento ocular). Além desses estudos, abordamos de forma exploratória, questões relacionadas aos evidenciais e à recursividade. Para averiguar a aquisição dos evidenciais pelas crianças, aplicou-se um experimento exploratório de compreensão *off-line* do tipo “*oral sentence/picture matching*”, buscando

averiguar se crianças Kaingang com idade entre 3 e 7 anos são sensíveis às implicações dos evidenciais reportativo e visual. Os resultados dos estudos experimentais, de modo geral, apoiam nossas hipóteses experimentais e fornecem pistas importantes sobre as características desses morfemas evidenciais, a forma como atuam no processamento e na aquisição pelas crianças.

Palavras-chave: Evidencialidade; Descrição; Processamento; Aquisição; Rastreamento ocular; Língua Kaingang.

ABSTRACT

This dissertation approaches the category of Evidentiality in the Kaingang language from a descriptive point of view as well as from processing and acquisition standpoints. In addition to seeking the description of the system, it is relevant to try to understand the process of comprehending and producing evidentials by adult speakers and the implications for their use. In terms of the acquisition of this system, the objective of the study is to determine if children are sensitive to the implications of different types of evidence, and at what point they come to understand these differences. For the description of the system of evidentiality in Kaingang we return to the thesis of Nascimento (2013), explaining questions related to the functioning of this grammatical category and its relationship with the category of the clause heads. We call clause heads the proposal of reanalysis that we suggest to the category known in the literature as subject markers in Kaingang (Wieseman 1967, 2002). We argue that the clause heads make up the functional category that is responsible for licensing matrix clauses in this language, showing that this category also includes some evidential markers. Using techniques from Experimental Psycholinguistics, we tried to explain issues related to the processing of direct and indirect evidence by adult speakers through two studies: an off-line comprehension experiment and an eye-tracking study. In addition to these studies, we address exploratory issues related to evidentiality and recursion. To investigate children's acquisition of evidentials, an off-line oral-sentence/picture matching experiment was applied to investigate whether Kaingang children aged 3 to 7 years are sensitive to the implications of reported and visual evidentials. The results of the experimental studies, in general, support our experimental hypotheses and provide important clues about the characteristics of these evidential morphemes, how they behave in adults processing and children acquisition.

Key-words: Evidentiality; Description; Processing; Eye-tracking; Acquisition; Kaingang Language

RESUMO

Tese tag tóg Kanhgág vī ki evidencialidade to kāmén ke mǔ. Categoria gramatical tag descrição han jé tóg mǔ, ti tǔ, tǔ ne nǐ ěn kāmén jé tóg mǔ. Kar tǔ ti processamento to vēmén mǔ gé, ti tǔ ũn sanh vī ki tǔ ne nǐ ěn ti. Kar categoria tag tǔ hēren kǔ gǐr vī ki vēnhven ti kegé, aquisição ki. Estudo tag ki ěg tǔ nón tugnǔm mǔ vǔ tǔ tag nǔtǐ, gǐr mǔ hēn evidencial tǔ hēnrike tag ag kinhra nǔg nǐ hēn, kar gǐr ti hēre kǎ evidencial tag tǔ tǔ'ũ nǐ ke ěn to kinhrēg tǐ. Kanhgág vī ki evidencialidade sistema to kāmén jé ěg tóg, vēnhrá tǔ Nascimento (2013) ki tó kǔ nǐ ěn kǎpǎn to ve mǎn jé ěg tóg mǔ. Gramática ki categoria tag tǔ Kanhgág vī ki hēre nǐ ěn, kar ti tǔ Núcleo oracional ag categoria to sa ěn to kāmén jé ěg tóg mǔ, kegé. ěg tǔ to Núcleos oracionais ke mǔ tag vǔ Kanhgág vī to vēnhrá ki tǔ marcador de sujeito ag nǔtǐ (Wieseman 1967, 2002). ěg vēnhrá tag ki ěg tóg Núcleo oracional tag ag tóg tǔ núcleo funcional ag categoria ki ke nǔtǐ, ke mǔ, ũ tǔ vēnhvī tag ki oração matriz vēnhven jo nǔtǐ hǎ vē. Kǔ ser, categoria tag kǎki evidencial ũ vǔ nǔtǐ gé. Psicolinguística experimental ki técnica tǔ ěg tóg evidencial mǔr kar je ag processamento to vé gé, ũn sanh vī ki. Tag jé ěg tóg experimento régre han, compreensão *off-line* kar *Eye-tracking* ke gé. Estudo tag jagtǎ tá ěg tóg evidencial ag tǔ hēren recursividade mré jagnē mré ke nón tugnǔm kǎmǎg mǔ gé. Evidencial mǔr kar je tǔ hēren kǔ gǐr vī ki vēnhven tugnǔm jé ěg tóg experimento tǔ compreensão *off-line* han gé, gǐr mré. Nén ũ kǎgrá kar frase tǔ kafǎn kǔ ěg tóg, gǐr tǔ kri prǔg tǔ 3 kar 7 tá krǔ ěn mǔ ven mǔ, ěg tǔ ag tǔ to kinhra tugnǔm jé. Estudo tag ki experimento hynhan ja kar tóg ěg mǔ resultado há vinven, ũn sanh vī ki hēren kǔ morfema tag kutēn fē, kar ti tǔ hǎre kǎ gǐr vī ki vēnhvinven fē ti kegé.

Palavras-chave: Evidencialidade; Descrição; Processamento; Aquisição; Rastreamento ocular; Kanhgág vī.

EVIDENCIALIDADE EM KAINGANG
DESCRIÇÃO, PROCESSAMENTO E AQUISIÇÃO

MÁRCIA NASCIMENTO

Orientador: Marcus Antonio Rezende Maia

LISTA DE ABREVIACÕES

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira Pessoa
SG	Singular
PL	Plural
ASP	Aspecto
CAUS	Causativo
DEM	Demonstrativo
DUB	Dubitativo
EVID	Marcador de evidencialidade
F	Feminino
FUT	Futuro
HAB	Aspecto habitual
INF	Informação
INFER	Inferência
INT	Interrogativo
MIR	Mirativo
M	Modo
NUC	Núcleo Oracional
N.VIS	Não visual
NEG	Negação
PASS	Passado
POSS	Possessivo
POSP	Posposição
PERF	Perfectivo
REP	Reportativo
SOV	Sujeito/ Obejeto/ Verbo
VALID	Marcador validacional

VIS Visual

Abreviaturas usadas nos Experimentos

EV - Evidencial visual

ER - Evidencial reportativo

CV - Complemento com visual

CR - Complemento com reportativo

DF - Sentença declarativa com frustrativo

DN - Sentença declarativa sem frustrativo

CF - Complemento com frustrativo

CN - Complemento sem frustrativo

MC - *Mÿr* correto na condição simétrica

MF - *Mÿr* falso na condição assimétrica

JC - *Je* correto na condição simétrica

JF - *Je* falso na condição assimétrica

RDPPK - Recursividade em dois sintagmas posposicionais em kaingang

RDPPPB - Recursividade em dois sintagmas preposicionados em português brasileiro

RTPPPB - Recursividade em três sintagmas preposicionados em português brasileiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de condição simétrica com evidencial visual <i>mÿr</i> (MC).....	111
Figura 2: Exemplo de condição assimétrica para o evidencial visual <i>mÿr</i> (MF)	111
Figura 3: Exemplo de condição simétrica para o evidencial reportativo <i>je</i> (JC).....	112
Figura 4: Exemplo de condição assimétrica para o evidencial reportativo <i>je</i> (JF)	113
Figura 5: Sequência de imagens apresentada aos participantes do experimento	115
Figura 6: Mapa de calor de frase com evidencial <i>je</i> (JC1)	120
Figura 7: Mapa de calor em frase com evidencial <i>mÿr</i> (MC1)	120
Figura 8: Mapa de calor na condição simétrica de <i>je</i> (JC1im)	121
Figura 9: Mapa de calor em condição simétrica de <i>mÿr</i> (MC1im)	122

Figura 10: Mapa <i>gaze plot</i> em condição simétrica de <i>je</i> (JC1im)	123
Figura 11: Mapa <i>gaze plot</i> em condição simétrica de <i>mÿr</i> (MC1im).....	123
Figura 12: Mapa <i>gaze plot</i> em condição assimétrica de <i>je</i> (JF6im)	124
Figura 13: Mapa <i>gaze plot</i> em condição assimétrica de <i>mÿr</i> (MF6im)	125
Figura 14: Mapa <i>gaze plot</i> em condição simétrica de <i>mÿr</i> (MC2im)	126
Figura 15: Mapa <i>gaze plot</i> em condição assimétrica de <i>mÿr</i> (MF2im)	127
Figura 16: Contorno de <i>pitch</i> em sentença simples (‘Pedro fez uma casa’)	137
Figura 17: Contorno de <i>pitch</i> em oração encaixada (‘As frutas que estão no cesto são azedas’)	137
Figura 18: Contorno de <i>pitch</i> em sentença simples com reportativo <i>je</i> (‘Os meninos soltaram o cavalo’)	139

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Fonemas consonantais do Kaingang	35
Tabela 2: Fonemas vocálicos orais do Kaingang	36
Tabela 3: Fonemas vocálicos nasais do Kaingang	36
Tabela 4: Consoantes do Kaingang	36
Tabela 5: Vogais orais do Kaingang	37
Tabela 6: Vogais nasais do Kaingang	37
Tabela 7: adjetivos com flexão de número	49
Tabela 8: Núcleos Oracionais	57
Tabela 9: Evidenciais em Kaingang - Reproduzido de Nascimento (2013, p. 98)	75
Tabela 10: Sistema de evidencialidade em Kaingang	76
Tabela 11 - Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Assertivas.....	88
Tabela 12: Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Negativas com <i>pi</i>	90
Tabela 13: Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Negativas com <i>tũ</i>	90
Tabela 14: Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Interrogativas com <i>mÿ</i>	91

Tabela 15: Índices de aceitabilidade	104
Tabela 16: Tempos médios de resposta (ms).....	104
Tabela 17: Quadrado latino	114
Tabela 18: Tempos totais de fixação (ms) nas áreas crítica por condição.....	117
Tabela 19: Índices de fixação nas respostas.....	119
Tabela 20: Resultado dos índices e tempos de decisão	132
Tabela 21: Tempos médios de resposta para Kaingang e PB.....	132
Tabela 22: Quadrado Latino.....	151
Tabela 23: Índices de respostas por faixa etária - <i>háv</i> ‘sim’ e <i>va</i> ‘não’	154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição de falantes e não falantes por faixa etária na aldeia Bananeira no ano de 2010	29
Gráfico 2: Índices de aceitação de compatibilidade	106
Gráfico 3: Tempos médios de resposta	106
Gráfico 4: Tempos totais de fixação (ms) na área crítica por condição.....	117
Gráfico 5: Análise comparativa dos experimentos de Kaingang e Português	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Uso de Línguas na comunicação.	31
Quadro 2: Marcadores de Sujeito - Wiese mann (2002: 160).	52
Quadro 3: Exemplo de materiais testados	103
Quadro 4: Exemplo das condições experimentais	150
Quadro 5: Exemplo de condição controle assimétrico (CN5).....	158

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
1.1 Objetivos e estrutura da tese	18
1.2 O povo Kaingang	25
1.3 A língua Kaingang e seus falantes	26
1.4 Perfil estrutural e tipológico da língua Kaingang	35
1.4.1 Fonologia	35
1.4.2 Ortografia	36
1.4.3 Tipologia de ordem vocabular	37
1.4.4 Morfologia	38
2. CATEGORIAS FUNCIONAIS QUE LICENCIAM ORAÇÕES MATRIZES	50
2.1 Licenciamento de orações matrizes	50
2.2 Licenciamento de orações matrizes em Kaingang - Núcleos oracionais	50
2.2.1 Núcleos oracionais em orações simples, subordinadas e coordenadas	56
2.2.2 Núcleos oracionais em orações interrogativas e negativas e marcador mirativo	60
2.2.3 Construções imperativas e interjeição	64
3. EVIDENCIALIDADE	69
3.1 Pressupostos teóricos	69
3.2 Evidencialidade em Kaingang	72
3.3 Evidenciais e núcleos oracionais	80
3.4 O morfema ja como estratégia de evidencialidade	91
3.5 Imperativos - ausência de núcleos oracionais	93
4. O ESTUDO DOS EVIDENCIAIS E A PSICOLINGUÍSTICA EXPERIMENTAL	95
4.1. Técnicas utilizadas	96

4.2. Evidencialidade e Processamento	98
4.2.1 Estudo off-line de compreensão de evidenciais	100
4.3 Estudo on-line - Rastreamento ocular de evidenciais em Kaingang	107
4.4 Evidenciais e recursividade - seriam os evidenciais marcas de estruturas recursivas em Kaingang?	128
4.4.1 Estruturas recursivas em Kaingang	128
4.4.2 Estudo de processamento de sintagmas posposicionais e preposicionais encaixados e coordenados em Kaingang e em Português	130
4.4.3 Prosódia e Recursividade - Falas reportadas em Kaingang	134
5. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E EVIDENCIALIDADE	141
5.1 Pressupostos teóricos	141
5.2 Evidencialidade e Aquisição	143
5.3 Metodologia utilizada	146
5.4 Experimento de compreensão do evidencial visual mÿr e do reportativo je	147
5.5 Teste exploratório de produção	155
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
APÊNDICES	168
Apêndice A - Sentenças experimentais para o estudo de aquisição	168
Apêndice B - Formulário de consentimento	173
Apêndice B - Questionário Sociolinguístico	176
Apêndice C - Questionário Maia (2006)	181

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos e estrutura da tese

Neste trabalho, temos como principal objetivo investigar o sistema de evidencialidade na língua Kaingang (com dados provenientes da variação dialetal falada na Terra Indígena Nvonoai - RS), dos pontos de vista de sua caracterização estrutural, de seu processamento e de sua aquisição. Interessa ao presente estudo, além de buscar a descrição do sistema, entender como se dá o processo de compreensão dos evidenciais pelos falantes adultos e as implicações do seu uso. Em termos de aquisição desse sistema, o objetivo do estudo é o de averiguar se as crianças são sensíveis às implicações dos diferentes tipos de evidenciais, e em que momento elas passam a compreender essas diferenças.

O estudo da categoria de evidencialidade é muito recente para a língua Kaingang. O presente estudo é na verdade a continuação de um trabalho feito na minha dissertação de mestrado, em Nascimento (2013), na qual consta uma primeira sistematização da categoria de evidencialidade, juntamente com alguns questionamentos sobre a natureza dos evidenciais, tais como: o que essas estruturas gramaticais estariam de fato codificando, uma vez que elas desencadeiam operações mentais com relação a informações implícitas? Como se dá o seu funcionamento e quais são as questões implicadas na sua aquisição pelas crianças?

A partir desse questionamento inicial, objetivou-se fazer nesta tese, uma descrição do sistema de evidencialidade, buscando entender sua natureza e seu funcionamento na língua Kaingang, bem como sua relação com a categoria dos Núcleos Oracionais. A categoria dos núcleos oracionais é uma nova proposta de análise que apresentamos para o grupo de morfemas, tradicionalmente conhecidos na literatura sobre o Kaingang como “Indicadores de Sujeito” (Wiesemann, 1967, 2002). Essa categoria é formada por um grupo extenso de morfemas funcionais, em torno de dez morfemas, as quais seguem o sujeito em diferentes tipos de construções oracionais na língua Kaingang e algumas desses morfemas estariam atuando no sistema de marcação de caso da língua (Nascimento, 1995). A nossa proposta é de que, na realidade, trata-se de uma categoria funcional que tem papel essencial na

construção de orações nesta língua, pois são elas que licenciam orações finitas nas diferentes construções e, além disso, parecem ter relação direta com outras categorias como modo, aspecto e a própria evidencialidade.

A partir do estudo descritivo, iniciaremos a discussão sobre os evidenciais, utilizando-se dos métodos psicolinguísticos, com o objetivo de entender de modo mais preciso aspectos mais sutis do processamento dos evidenciais. Desta forma, na parte sobre processamento, apresentaremos dois estudos experimentais com falantes adultos de Kaingang, com o objetivo de testar a compreensão do evidencial reportativo *je* e do evidencial visual *mÿr*. O primeiro experimento é de compreensão *off-line*, enquanto o segundo experimento é de rastreamento ocular, portanto, incluindo medidas *on-line*, além das medidas *off-line*. Acreditamos que o estudo dessas estruturas em termos de processamento linguístico, buscando identificar se existem diferenças na compreensão de frases com evidenciais e frases sem evidenciais, por exemplo, possa nos trazer resultados interessantes para a discussão sobre o uso dos evidenciais e suas extensões semânticas na compreensão da linguagem. A utilização de procedimentos experimentais para capturar os processos em ação na compreensão de leitura e na compreensão oral de estruturas contendo partículas marcadoras de evidencialidade pode nos fornecer pistas importantes em relação aos processos mentais ativados por essas estruturas gramaticais, em consonância com o objetivo central das teorias de processamento da linguagem, que é o de identificar os procedimentos psicologicamente reais que colocamos em jogo ao produzir e compreender palavras e frases (cf. Maia, 2015).

Os evidenciais codificam gramaticalmente o conhecimento do falante sobre a fonte da informação veiculada, constituindo também um fenômeno de interface entre a gramática e o discurso. A função precípua dos evidenciais é a de sinalizar a procedência da informação veiculada, especificando, por exemplo, se a informação faz parte da experiência do próprio falante ou se vem de fontes externas, sendo que falantes de línguas que apresentam a categoria dos evidenciais, seriam “altamente conscientes” desta categoria gramatical (cf. Aikhenvald, 2004).

Na língua Kaingang, Nascimento (2013) já observa a presença sistemática nas frases de especificações sobre o tipo de evidência fornecido pelo falante. Por exemplo, indica-se se é uma informação reportada ou se é da experiência direta do próprio falante, o que também pode ter sido obtido através de experiências sensoriais visuais ou auditivas. Como veremos em detalhe adiante, temos em Kaingang partículas gramaticais evidenciais fundamentais, como, por exemplo, *je* que sinaliza a informação reportada, e o evidencial *mÿr*, que sinaliza que a informação faz parte da experiência visual do próprio falante.

Outros elementos gramaticais aparentemente relacionados a categorias de modalidade epistêmica trazem noções interessantes, como é o caso da partícula *vẽ* que nos enunciados sinaliza ações realizadas sem sucesso nos resultados, como se pode ver no exemplo em (1).

- (1) *Mÿrinh fî tÿ vënhkagta kron mÿr vë.*
 Maria 3SG.F NUC remédio tomar VIS FRUST
 ‘Maria tomou o remédio (mas continua doente).’

Numa tradução livre ficaria “Maria tomou o remédio em vão”, sendo que tem no Kaingang a forma *véké* que significa ‘em vão’

Essa estrutura em (1), com a partícula no final da sentença, a qual está glosada como frustrativo, codifica a informação de que mesmo tomando o remédio Maria continua doente.

Buscando compreender de modo mais preciso o uso desses marcadores evidenciais, o visual *mÿr* e o reportativo *je*, realizamos um experimento de compreensão com falantes adultos de Kaingang. Neste experimento, através de um subgrupo de frases, testamos também a compreensão da partícula de frustrativo *vë*. A questão que norteou fundamentalmente os estudos experimentais foi a seguinte: Como se dá precisamente a compreensão e em que consiste o uso desses evidenciais pelos falantes adultos?

Integra também a seção sobre processamento, um estudo exploratório que busca identificar possíveis correlações entre estruturas prosódicas de sentenças contendo o evidencial reportativo e estruturas recursivas na língua Kaingang.

O estudo sobre estruturas recursivas (*recursion*) nas diferentes línguas do mundo é um tema que, notavelmente, vem ganhando força e gerando amplos debates na comunidade linguística nos últimos anos. Estudos recentes apontam que esta propriedade pode se manifestar de várias maneiras entre as diferentes línguas. Uma das questões que se tem investigado, por exemplo, é a hipótese de que as línguas que aparentemente não realizam processos recursivos na sintaxe, poderiam apresentar essa propriedade na sua estrutura prosódica, ou seja, a prosódia poderia estar fornecendo pistas importantes de processos recursivos existentes em determinadas línguas, visto que a recursão é propriedade fundamental da faculdade da linguagem, portanto universal. Neste sentido, um trabalho recente, ainda em vias de publicação, analisa através de método neurolinguístico o processo de mudança de acento (*stress shift*) que é usado para diferir na língua indígena Karajá estruturas de encaixe recursivo de orações relativas. Embora não haja partículas relativizadoras, é possível haver encaixes recursivos de orações relativas através da interface com a prosódia (cf. Gomes, Maia, França, Rilliard, a aparecer). Como houve um questionamento intenso (cf. Everett 2005, entre vários outros trabalhos) sobre a propriedade da recursividade, tendo como base uma língua indígena brasileira, o Pirahã, consideramos extremamente relevante apontar que haja processos ainda pouco conhecidos de expressão da recursividade nessas línguas.

Como apontam trabalhos como o de Féry & Schubö (2010), a fim de identificar as várias formas de manifestação da recursividade na gramática de diferentes línguas, estudos recentes que abordam a interface entre sintaxe e prosódia têm reforçado a “ideia” de que a recursão sintática pode estar refletida na estrutura fonológica (entoacional) das línguas.

Esse tipo de estudo consiste, basicamente, em se realizar um mapeamento das estruturas prosódicas das línguas a fim de verificar o uso da informação prosódica para diagnosticar a recursão sintática. Busca-se identificar se estruturas fonológicas fornecem evidências de estruturas recursivas, e de que forma exatamente isso acontece.

Com base nesses estudos, analisamos acusticamente a estrutura prosódica de enunciados contendo partículas de evidencialidade, como a partícula ‘*je*’ que caracteriza falas

reportadas, com objetivo de identificar os processos de recursividade que possam estar envolvidos, explorando relações importantes entre a recursividade e a evidencialidade. Testamos a hipótese de que os evidenciais, e nesse caso, o reportativo, estariam sendo interpretados como sentenças encaixadas. Com o objetivo de aprofundar um pouco mais a investigação das construções recursivas em Kaingang, além dos resultados da análise prosódica, apresentaremos, também, um estudo experimental de processamento de sintagmas posposicionais e preposicionais encaixados e coordenados em Kaingang e em Português realizados com falantes bilíngues de Kaingang e português.

Após os estudos de processamento, trataremos dos estudos de aquisição realizados com crianças de idade entre três e sete anos, com as quais testamos estruturas envolvendo partículas de evidencialidade na língua Kaingang. À luz dos trabalhos de De Villiers et al (2009) sobre aquisição de evidenciais do tibetano, nosso objetivo principal foi tentar determinar em que momento a criança Kaingang adquire as noções relacionadas aos evidenciais e de que forma essas noções se relacionam com princípios inatos de natureza universal, como também discutido por Jeschull & Roeper (2009), que investigam através de experimentos simples, por exemplo, como as crianças adquirem certas noções relacionadas à evidencialidade e à expressão de certeza.

A existência da relação entre os processos mentais ativados por essas estruturas gramaticais com a chamada Teoria da Mente¹ (cf. De Villiers, 2007) implica em dizer que o processo de compreensão e produção dessas estruturas evidenciais requer uma capacidade de raciocínio inferencial de atribuir um determinado estado mental a outros indivíduos. Podemos mesmo dizer que o uso dos evidenciais, entre outras coisas, implica em realizar uma teorização a respeito do estado mental do outro.

A Teoria da Mente (*Theory of Mind* - ToM) pode ser explicada como a teoria psicológica do estado mental de outros indivíduos, usada para prever e explicar seus comportamentos, é uma capacidade própria dos seres humanos. Trata-se de um aspecto essencial da natureza

¹ Sobre Teoria da Mente conferir Astington (1993); Perner (1991); Wellman (1990); Gopnik (1993).

da linguagem, com impacto direto na comunicação, no tratamento das informações, nos levando a entender como mantemos e usamos diferentes crenças e conhecimentos. Nesse sentido, os estudos dos evidências relacionados com a Teoria da Mente buscam investigar não só sua natureza, sua aquisição e uso, mas também procuram explorar as implicações entre a natureza dos evidências e os processos do cérebro/mente humano.

Assim, além dessa dimensão do processamento, parece-nos igualmente fundamental investigar como e quando os evidências são adquiridos pelas crianças Kaingang. Para isso, foi aplicado um estudo de compreensão dos dois evidências que se opõem quanto a fonte da informação, a saber, o visual *mÿr* e o reportativo *je*. As questões que guiam esse estudo são as seguintes: As crianças são sensíveis às implicações de evidência direta e indireta usados por diferentes falantes? Elas percebem os diferentes tipos de evidência? Este estudo será reportado em detalhes no penúltimo capítulo desta tese.

Em termos de organização e estrutura, a tese está organizada basicamente em três partes principais. A primeira parte é composta pelos três primeiros capítulos. No capítulo 1, como parte introdutória apresentamos os objetivos do estudo da evidencialidade na língua Kaingang, ofereceremos dados informativos sobre o povo Kaingang, informações gerais e também informações específicas relativas às comunidades da etnia com as quais realizou-se a presente pesquisa. Constam também nesse capítulo, dados sociolinguísticos da variedade dialetal da qual vem a maioria dos dados. Trás, também, subseções com informações básicas sobre o perfil estrutural e tipológico da língua. No capítulo 2 discutimos sobre a categoria dos Núcleos funcionais do Kaingang, discutindo a bibliografia relevante sobre esse tema, dando ênfase para a seção 2.2 em que apresentamos a proposta dos núcleos oracionais como categoria responsável pelo licenciamento de orações matrizes em Kaingang.

No capítulo 3, apresentaremos um panorama acerca do tema central da tese, a categoria de Evidencialidade, e faremos uma revisão das principais discussões teóricas acerca do tema, bem como de estudos relacionados à noção de evidencialidade já realizados sobre a categoria na língua Kaingang. Em seguida, na seção 3.2 será apresentada a análise

descritiva do sistema de evidencialidade em Kaingang, com um quadro reestruturado e um quadro explicativo sobre o comportamento dos marcadores de evidencialidade nos diferentes tipos de sentenças. Na seção 3.3 discutiremos a interação entre a categoria de evidencialidade e a categorias dos núcleos oracionais, bem como as categorias de modo e aspecto na língua Kaingang.

Na segunda parte, no capítulo 4, trataremos do estudo dos evidenciais a partir da Psicolinguística experimental em estudo de compreensão com falantes adultos de Kaingang. Apresentaremos o tipo de metodologia utilizada para a coleta e análise dos nossos dados, especialmente os métodos experimentais utilizados em diferentes estudos na tese. Questões como a natureza desses métodos, e a utilidade dos mesmos para a nossa análise, serão explicitadas. Na seção 4.2 será apresentado o estudo *off-line* de compreensão de evidenciais realizado com falantes adultos e, na seção 4.3 apresentaremos o estudo *on-line* de rastreamento ocular. Este capítulo contém ainda um estudo que discute a interface entre sintaxe e prosódia, relacionando estruturas prosódicas de construções contendo evidenciais reportativos com estruturas recursivas, como forma de sinalizar recursividade em Kaingang. Na seção 4.4 apresentaremos as análises acústicas, e na seção 4.4.2 apresentaremos o estudo de processamento de sintagmas posposicionais e preposicionais encaixados e coordenados em Kaingang e em Português. E, finalizaremos essa segunda parte com a seção de considerações finais.

A terceira parte da tese é composta pelo capítulo 5, que trata da aquisição dos evidenciais pelas crianças Kaingang. O capítulo consiste de uma parte introdutória de discussão dos pressupostos teóricos sobre aquisição da linguagem, sobretudo, a aquisição dos evidenciais, e, em seguida, será apresentado o estudo de compreensão *off-line*, seguido de alguns apontamentos acerca do tema.

No capítulo 6, faremos as considerações finais sobre o estudo apresentado, pontuando seus alcances e as questões que ficaram em aberto para futuros estudos acerca dos temas abordados no âmbito desta tese.

1.2 O povo Kaingang

Segundo dados do IBGE no censo de 2010, o povo Kaingang soma uma população de 37.470 pessoas distribuídas nos três estados da região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) e algumas Terras Indígenas no estado de São Paulo. Com esse número populacional o Kaingang é hoje o terceiro maior povo indígena do Brasil, ficando atrás dos Tikuna, no Amazonas, que conta com uma população em torno de 46 mil pessoas, e os Kaiowá-Guarani no Mato Grosso do Sul, com pouco mais de 43 mil pessoas.

A história de contato do povo Kaingang com a sociedade não indígena começa ainda nas primeiras décadas do século XVII, intensificando-se em 1812 pelas frentes de expedição. E mais especificamente no Rio Grande do Sul se deu a partir da década 1840. Inicia-se aí o longo processo de opressão da língua e cultura Kaingang como se pode ver nas palavras de D'Angelis:

A presença cada vez mais maciça de brancos nas proximidades de suas terras e - a partir das invasões e de arrendamentos promovidos pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) - dentro das próprias áreas foi fator importante de compulsão contra a permanência de tradições e práticas culturais indígenas, incluída a língua, além de casamentos interétnicos (...). (D'Angelis, Wilmar. Panorama da História Kaingang. Disponível em www.portalkaingang.org.br Acesso em: 20 de janeiro de 2017)

Como já se sabe, um instrumento importante da política de integração dos indígenas à sociedade nacional foi a escola, ou educação escolar, e com ela a escrita da língua. Desta maneira, a língua Kaingang ganha uma ortografia oficial na década de 60 a partir de um longo estudo linguístico realizado por Ursula Wiesemann, linguista do *Summer Institute of Linguistics* - SIL, a qual produziu materiais de alfabetização na língua Kaingang para o ensino nas escolas. Na mesma época, o SIL em parceria com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) inicia o primeiro curso de capacitação de monitores indígenas Kaingang no sul do

Brasil, criando, assim, um dos primeiros programas de “educação escolar indígena bilíngue” do país. O bilinguismo de transição² foi o modelo de educação implantado nas escolas indígenas até muito recentemente quando se passou a discutir uma nova proposta de Educação Escolar Indígena a partir de uma postura de respeito à diversidade cultural e democratização da educação.

Desse modo, atualmente são os professores e profissionais indígenas das diversas áreas, em parceria com as lideranças indígenas (*pã'i, kófa, kar ãn têtá fag* - líderes, anciãos e, sobretudo, as mulheres) que vem fazendo o trabalho de revitalização da língua bem como o fortalecimento cultural, ensinando e revivendo práticas e valores culturais que são essenciais para o fortalecimento do grupo como povo que busca o bem-estar coletivo. Com toda a certeza trata-se de um trabalho nada fácil, devido aos diversos fatores que influenciam o conceito de bem-estar, em que muitas vezes prevalece os interesses individuais sobre o coletivo, e os valores culturais étnicos já não ganham as mesmas conotações, originalmente estabelecidos.

Apesar de tudo, pode-se dizer hoje que os Kaingang superaram o estágio extremamente crítico que a língua atingiu no decorrer do processo de contato. De modo geral, a luta pelo fortalecimento das línguas indígenas tem se intensificado em todo país, por iniciativas próprias das comunidades, mesmo que lentamente. É muito nítida a postura política de preservar, fortalecer as línguas e culturas, e com isso, as gerações mais jovens passaram a compartilhar um sentimento, uma memória afetiva para com sua história e sua língua, ainda que as práticas adotadas muitas vezes não atendam esses anseios.

1.3 A língua Kaingang e seus falantes

A língua Kaingang pertence a Família Jê, Tronco Macro-Jê. Conforme a literatura disponível (Wiesemann, 2002), em decorrência da ampla distribuição geográfica há

² “Os programas Bilíngües de Substituição ou Transição são programas em que a língua indígena é utilizada como instrumento de alfabetização, apenas pelo fato de que as crianças chegam à escola sem domínio da língua portuguesa. Não se trata de uma política de valorização da língua materna, uma vez que o objetivo é sua completa substituição ao longo do processo de 3 a 4 anos” (D’Angelis, 2000, p. 3, disponível em <http://www.portalkaingang.org/alfabetizando.pdf>).

registros de quatro a cinco variedades dialetais. De acordo com Rodrigues (1986), dentre as línguas da família Jê, o Kaingang é o ramo mais diferenciado, com maior proximidade ao Xokleng, e juntos constituem o ramo Jê meridional. A língua Kaingang é hoje uma das línguas indígenas brasileiras com maior número de falantes. Do total de 37 mil pessoas, os dados apontam para 22 mil falantes, o que significa uma perda linguística de aproximadamente 40% (cf. www.portalkaingang.org, acessado em 24/07/2016). A situação sociolinguística varia muito entre as comunidades, sendo que em algumas comunidades o Kaingang é a língua predominante, porém, em outras é o português que predomina, principalmente entre as gerações mais jovens.

Apesar de não ter encontrado dados oficiais recentes mais detalhados sobre a situação sociolinguística da língua Kaingang, é possível afirmar que, a situação não tem mudado muito nos últimos 20 anos, pois em 1995 pelas estimativas de D'Angelis o percentual de Kaingang falante da língua indígena havia diminuído rapidamente, quase proporcional ao aumento populacional, 50% na média das Terras Indígenas (D'Angelis & Veiga, 1995). Numa perspectiva bem otimista, talvez o número total esteja em 60% hoje. Somente um levantamento sociolinguístico detalhado é capaz de nos fornecer dados mais precisos sobre o número de falantes plenos e o grau de vitalidade da língua, visto que a vitalidade de uma língua é medida em graus e níveis, como apontam os especialistas da área.

A Terra Indígena Nonoai, de onde vem a maioria dos dados para a realização do presente estudo, possui uma população de aproximadamente 3 mil pessoas. Conforme um estudo de levantamento sociolinguístico realizado em 2010, a população falante de Kaingang em Nonoai é de aproximadamente 70%. Essa Terra indígena está localizada ao Norte do estado do Rio Grande do Sul. A extensão territorial é de 34 mil hectares (com 50% de mata nativa preservada) que se estende por quatro municípios: Nonoai, Planalto, Gramado dos Loureiros e Rio dos Índios. Esta Terra Indígena no ano de 2010 contava com nove escolas, das quais sete são Kaingang e duas são Guarani. Deste total, duas escolas oferecem o ensino médio completo. Nos últimos anos a demanda pelo ensino infantil (pré-escola e creche) tem crescido e, em muitas comunidades já existem escolas oferecendo essa

modalidade. Em muitos casos esse fato tem sido mais um agravante na aquisição da língua indígena pelas crianças, pois ao invés de priorizar a língua indígena contratam-se professores não indígenas para ministrarem aulas em português (cf. Da Rosa, 2015). Dessa forma, a criança é exposta cada vez mais cedo a língua portuguesa, que vai tomando o lugar da língua indígena numa etapa importante da aquisição da língua pelas crianças. E a língua indígena, mais uma vez, vai ficando de lado.

Essa sistemática persiste ao longo dos anos e as problemáticas em relação ao ensino de língua indígena nas escolas perpassa por todas as séries e modalidades de ensino ofertadas pelas escolas indígenas, a começar pelo próprio ensino infantil, que hoje é uma realidade cada vez mais presente nas comunidades Kaingang devido ao fato de muitos cuidadores (principalmente as mães) se inserirem no mercado de trabalho, tendo que se ausentar por grande parte do dia. São as creches, portanto, que de alguma forma dão suporte a essas novas necessidades.

Para obtermos dados mais precisos sobre o número de falantes plenos, em 2010 realizamos um levantamento sociolinguístico³ em uma das comunidades da Terra indígena Nonoai, a comunidade de Bananeiras, que na época tinha pouco mais de 500 pessoas. O questionário foi aplicado para 123 famílias totalizando 511 pessoas.

Pela proximidade com as cidades destes municípios, o contato com a sociedade não indígena é muito intenso, por diversos motivos: comércio, jovens que estudam na cidade, etc. Também há muitos não-indígenas que trabalham nas aldeias em escolas, postos de saúde, posto da FUNAI, entre outras instituições que realizam trabalhos diversos nas aldeias.

No questionário aplicado, incluímos questões que pudessem nos dar informações sobre o tipo de falantes (plenos e não plenos) existentes na comunidade, a porcentagem de crianças

³ O referido estudo sociolinguístico foi realizado no âmbito do curso de especialização *Diplomatura en Revitalización Lingüística e Cultural*, promovido entre 2010 e 2011 pelo *Fondo Indígena, Universidad Indígena Intercultural e Universidad Nacional Mayor de San Marcos/Perú* em parceria com instituições de diversos países, como a UFRJ no Brasil.

que estão aprendendo ou não a língua, o espaço que a língua ocupa na vida da comunidade, o que poderia estar ocasionando essa ameaça linguística, etc. O questionário foi respondido por um membro da família, de preferência o pai ou a mãe (ou responsável) e quando possível os dois juntos. E, na falta destes, um dos filhos respondia o questionário.

É importante destacar aqui que antes da aplicação do questionário fizemos um trabalho prévio sobre cada família com levantamento de dados fornecidos pelo posto de saúde da comunidade e algumas lideranças mais antigas que conhecem bem as pessoas da comunidade. Conseguimos obter o número de componentes de cada família, filhos adultos e crianças, identificar casamentos interétnicos onde possivelmente haveria filhos não falantes da língua Kaingang.

Os resultados obtidos foram os seguintes: do total de 511 pessoas, constatamos que havia 81 pessoas não falantes da língua Kaingang, entre eles estavam 27 crianças com idades entre 1 a 12 anos. Em números percentuais podemos dizer que na comunidade/aldeia Bananeiras, 85% da população era falante ativo da língua Kaingang, no ano de 2010. Em torno de 15% da população não era falante da língua Kaingang. Desse total 5% tinha entre 1 a 12 anos de idade, conforme ilustrado no gráfico.

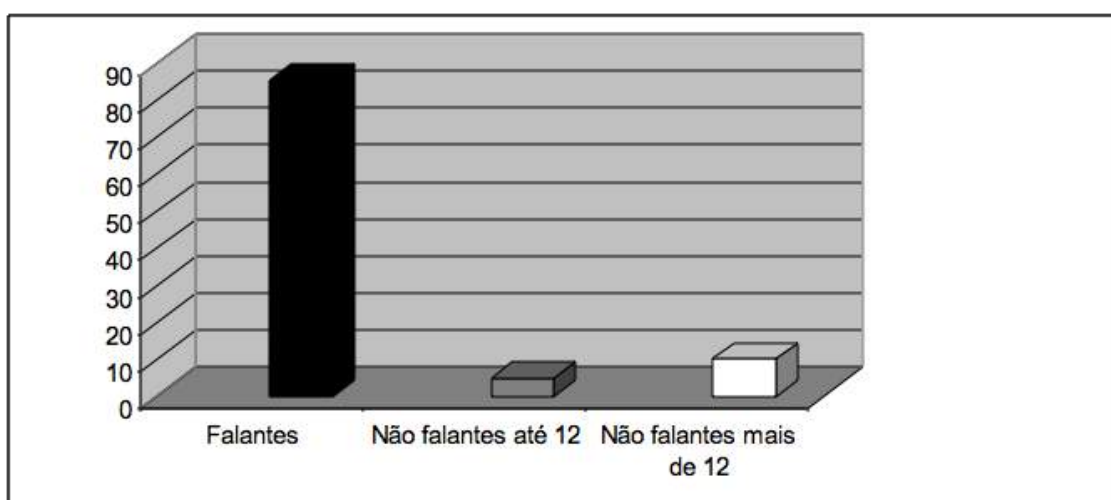


Gráfico 1: Distribuição de falantes e não falantes por faixa etária na aldeia Bananeira no ano de 2010.

Conforme nossas análises, do grupo de não falantes da língua Kaingang, as gerações mais jovens tendem a falar a língua indígena. Encontramos situações em que pessoas que não falavam a língua Kaingang ao se casarem com um falante nativo aprenderam e passaram a falar também e constituíram uma nova geração de filhos falantes plenos da língua.

No total foram 8 pessoas que aprenderam a língua indígena durante a adolescência ou na idade adulta, ou seja, tem a língua indígena como segunda língua. Havia também 13 famílias em que nenhum membro era falante da língua indígena.

As pessoas listadas como não falantes do Kaingang nunca adquiriram a língua, apesar de entenderem um pouco. A língua indígena não faz parte da sua vida familiar e comunitária cotidiana. O grau de conhecimento que estas pessoas têm da língua varia entre usuários latentes (minoria), certo grau de entendimento e os que entendem quase nada. Por outro lado, a população que tem a língua Kaingang como primeira língua usam essa língua como principal meio de comunicação familiar e comunitária, ou seja, fala a língua em todos os locais possíveis. A língua Kaingang faz parte da sua vida diária, está presente no seu cotidiano integralmente.

Os falantes de idade mais avançada são praticamente monolíngues em Kaingang, pois têm contato muito esporádico com pessoas não falantes do Kaingang, especialmente pessoas não indígenas. Eles são os que dominam os estilos especiais da língua, os estilos que estão além da fala comum, as artes da palavra⁴. Podemos dizer que esse grupo de falantes possui o nível mais alto de proficiência da língua.

O quadro abaixo mostra a(s) língua(s) utilizada(s) nas situações de comunicação do dia-a-dia entre os membros do grupo. As faixas etárias aqui especificadas podem ser compreendidas com base na maneira como os Kaingang percebem essas faixas etárias. Assim, crianças seriam os indivíduos de 0 a 12 anos denominados *gĩr* ‘criança’ em Kaingang. Para a menina, a primeira menstruação é fase característica para que ela passe a ser considerada adolescente. Os jovens ou adolescente seriam os de 13 aos 17 anos, esse grupo seriam os denominados *mugmog tẽg* ‘adolescentes’. Os adultos seriam os de 18 aos

⁴ Sobre Artes da palavra conferir Franchetto (2003), e sobre artes da palavra em Kaingang ver o trabalho de Nascimento (2010).

60 anos, os denominados *ũn sanh*. Os velhos são os *kófa*, as pessoas acima de 60 anos. São noções aproximadas de faixas etárias que podem variar de acordo com as diferentes comunidades e suas relações com a língua portuguesa e a sociedade envolvente.

	Velhos	Adultos	Jovens	Crianças
Velhos	Kaingang	Kaingang	Kaingang	Kaingang
Adultos	Kaingang	Kaingang	1º Kaingang 2º portugues	1º Kaingang 2º portugues
Jovens	Kaingang	1º Kaingang 2º portugues	1º Kaingang 2º portugues	1º Kaingang 2º portugues
Crianças	Kaingang	1º Kaingang 2º portugues	1º Kaingang 2º portugues	1º Kaingang 2º portugues

Quadro 1: Uso de línguas na comunicação

Apesar de a língua Kaingang ser a língua preferencial, o português já se faz bem presente na vida das gerações mais novas. Embora não tenhamos detectado nesta comunidade famílias nas quais os pais eram falantes plenos da língua indígena, mas não a transmitiram a seus filhos, sabe-se que esse é um dos fatos que marcaram a história do povo Kaingang em relação a sua língua. Em conversa com lideranças e membros da comunidade, obtive informações de que há mais ou menos 20 anos muitos casais fizeram de seus filhos monolíngües em português, devido ao forte preconceito sofrido pela comunidade. Teve casos que até mesmo professores/monitores que ensinavam a língua indígena na escola, em casa não falavam com seus filhos na língua indígena. A regra era ensinar o português para tentar de alguma forma minimizar o preconceito para com seus filhos. Felizmente o que se tem visto hoje é exatamente o contrário, famílias não falantes da língua têm algum filho que aprendeu e passou a ser falante competente da língua.

Com relação aos níveis de bilinguismo, um total de 104 famílias declarou usar somente a língua Kaingang em casa. Essas famílias tendem a manter esse comportamento também na comunidade e em qualquer lugar onde seja possível falar apenas na língua materna. Apenas 6 famílias disseram usar as duas línguas em casa, o Kaingang e o português, e conseqüentemente, também fora de casa. Nestes casos, geralmente a mãe não domina a língua indígena e o português acaba predominando.

Podemos dizer que a situação sociolinguística da comunidade de Bananeiras em Nonoai não tenha se modificado tanto nos últimos 6 anos. Com relação às outras duas comunidades que compõe a Terra Indígena Nonoai, a aldeia Pinhalzinho e Sede, a situação é bastante diferente. Apesar de não haver estudos mais detalhados ainda, sabemos que o número de famílias monolíngues em português é maior nessas comunidades, conforme dados e informações fornecidos pelas escolas e postos de saúde sobre os membros da comunidade que frequentam essas instituições.

Independentemente de se ter ou não dados detalhados sobre as línguas indígenas do nosso país, no geral, as estimativas não são nada agradáveis sobre a diversidade linguística no Brasil. Apesar de se destacar como uma das línguas indígenas mais faladas no Brasil, a língua Kaingang é classificada pelo *Atlas of the World's Languages in Danger* da UNESCO (<http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php>, acessado em 10 de fevereiro de 2016) como *definitely endangered* “definitivamente ameaçada de extinção”. Esta é, na verdade, a situação real de todas as línguas indígenas brasileiras, pelo fato de serem línguas minoritárias com baixo número de falantes que vem de uma trajetória de povos colonizados, segundo Franchetto (2004), todas as 180 línguas indígenas são consideradas línguas minoritárias em perigo de desaparecimento. Essa triste realidade exige urgentemente de levantamentos sociolinguísticos detalhados, que possam nos fornecer dados sobre os graus de ameaça dessas línguas, pois, essa ameaça pode estar presente em diferentes níveis ou graus entre as comunidades. Como afirmam muitos especialistas “*la amenaza lingüística és una cuestion de grados*” (Tsunoda, 2006).

A literatura nos oferece várias categorias de classificação para medir o grau de ameaça da língua. Como podemos ver nas definições de Schmidt, as línguas podem ser classificadas como:

i) Lenguas sanas: todas las generaciones usan activamente la lengua en una grand variedad de actividades; ii) Lenguas debilitadas: son habladas en general por las personas mayores, pero no se transmiten completamente a la generación más joven; iii) Lenguas moribundas: sólo quedan algunos hablantes; y iv) Lenguas extintas: ya no quedan hablantes. (Schmidt, 1990: 54).

A análise é baseada em um conjunto de critérios considerados fundamentais, que são: número de falantes plenos, idade dos falantes, transmissão da língua para os filhos e as funções da língua ou contextos onde a língua indígena é falada. Com base em critérios como esses, a própria UNESCO classifica as línguas em: i) Língua segura: falada por todas as gerações; ii) Língua ameaçada, mas estável: falada por todas as gerações, mas os domínios de uso são reduzidos; iii) Língua insegura: muitas crianças já não falam; iv) Língua em perigo: já não mais transmitida às crianças; v) Língua em sério perigo: falada apenas pelos velhos; vi) Língua em extremo perigo: os mais velhos só lembram algumas palavras, mas não usam a língua no dia-a-dia; vii) Língua extinta: já não há ninguém que fale ou lembre da língua.

Para que essa situação comece a se reverter é necessário que haja o real interesse em tratar as línguas indígenas com a devida importância que elas representam, pois essa diversidade torna o Brasil um dos países mais multilíngues do mundo. No entanto, não há uma política linguística clara com ações efetivas de salvaguarda desse patrimônio linguístico e cultural no sentido de revitalizar essas línguas tidas como seriamente comprometidas. É necessário que se faça investimentos através de ações concretas, com bases teóricas e metodológicas apropriadas.

Evidentemente, muito se tem feito em termos de garantia de direitos dos povos indígenas quanto as suas línguas e culturas, educação escolar diferenciada, formação de professores para o ensino de línguas indígenas nas escolas, etc. Porém, os povos indígenas necessitam

de projetos e iniciativas que apoiem diretamente a transmissão intergeracional dessas línguas, fator considerado essencial para a vitalidade das línguas.

Como forma de apoiar o movimento de fortalecimento e revitalização das línguas indígenas, bem como as línguas minoritárias, os princípios e valores éticos e sociais com que se aborda os estudos linguísticos no meio acadêmico/científico, nos parece fundamental. Temos visto que nos últimos anos a demanda dos povos indígenas pela formação superior tem crescido bastante, sobretudo na área da educação. Assim, a postura positivista adotada pelas universidades através de ações afirmativas tem sido muito importante para a formação dos próprios membros desses povos indígenas, especialmente os professores pelo seu papel de formadores que exercem entre as comunidades. A área da linguagem tem sido uma reivindicação constante devido a necessidade de ter os próprios membros das diferentes etnias estudando e pesquisando suas línguas. Nesse sentido, a adoção de programa de pesquisa que reconheça a importância da diversidade linguística, portanto, é de fundamental importância, como, por exemplo, o programa denominado de Biolinguística, referenciado em Maia (2006)

Um primeiro tópico fundamental a ser trabalhado no âmbito de um programa de formação de professores indígenas é a compreensão adequada da natureza da linguagem humana e das línguas que dela resultam. A proposta que temos feito sobre essa questão fundamental inclui aspectos do programa de pesquisa que tem sido denominado de **Biolinguística** (cf. Jenkins, 2000). Entendida como produto da faculdade ou órgão da linguagem, uma língua é, antes de mais nada, parte da dotação biológica da espécie humana. Esta abordagem vem permitindo um grande avanço na investigação linguística ao longo de meio século, desde a sua proposição inicial pelo linguista Noam Chomsky, na década de 1950. Além de adequada explicativamente, a proposta biolinguística oferece o melhor argumento contra a visão preconceituosa que propõe diferenças qualitativas entre as línguas (e.g. “dialetos primitivos” versus “línguas de civilização”) - as línguas têm como ponto de partida uma mesma gramática universal, são todas produtos do mesmo cérebro humano (Maia, 2006, p. 231).

Incentivar e apoiar a formação de linguístas indígenas tem sido uma das propostas adotadas por algumas universidades, como a UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, como foram de apoiar o movimento dos povos indígenas para o fortalecimento e revitalização de línguas e também como forma de reconhecimento da diversidade linguística do nosso país.

1.4 Perfil estrutural e tipológico da língua Kaingang

Nesta seção será apresentado um resumo da estrutura gramatical da língua Kaingang. Informações básicas da fonologia, ortografia, morfologia e da tipologia de ordem vocabular serão fornecidos.

1.4.1 Fonologia

Apresentamos a seguir, um quadro dos fonemas da língua Kaingang, com base em Wiesemann (1967), D'Angelis (2007), Gonçalves (2007, 2011) e Nascimento (2013). A tabela 1 consta dos fonemas consonantais, seguido da tabela 2 com os fonemas vocálicos orais e na tabela 3 os fonemas vocálicos nasais.

	DESCONTÍNUAS	CONTÍNUAS
OBSTRUINTES	/p/, /t/, /k/, /ʔ/	/f/, /ʃ/, /h/
SOANTES	/m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/	/w/, /r/, /j/

Tabela 1: Fonemas consonantais do Kaingang

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/ɨ/	/u/
Média	/e/	/ə/	/o/
Baixa	/ɛ/	/a/	/ɔ/

Tabela 2: Fonemas vocálicos orais do Kaingang

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/ĩ/	/ɨ̃/	/ũ/
Média			
Baixa	/ẽ/	/ã/	/ɔ̃/

Tabela 3: Fonemas vocálicos nasais do Kaingang

Na seção a seguir, sobre ortografia, apresentamos as tabelas com as representações ortográficas correspondentes dos fonemas da língua Kaingang ora apresentados.

1.4.2 Ortografia

A língua Kaingang passa a ter uma ortografia⁵ na década de 1960, quando Úrsula Wiesemann, do SIL, define um alfabeto para esta língua. O alfabeto é composto por 13 consoantes e 14 vogais.

	DESCONTÍNUAS	CONTÍNUAS
OBSTRUÍNTES	< p > , < t > , < k > , < ' >	< f > , < s > , < h >
SOANTES	< m > , < n > , < nh > , < g >	< v > , < r > , < j >

Tabela 4: Consoantes do Kaingang

⁵ Conferir D'Angelis (2007) para questões relacionadas à ortografia e escrita do Kaingang.

As consoantes /m/ e /n/ são consideradas pelos professores algumas das dificuldades ortográficas na alfabetização, pois estas consoantes ganham contornos desnasalizados diante de vogais orais. A consoante /m/ antes de vogal oral passa a [mb] e /n/ passa a [nd], porém, ortograficamente, essa variação não é representada.

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	y	u
Média	e	á	o
Baixa	é	a	ó

Tabela 5: Vogais orais do Kaingang

	Anterior	Central	Posterior
Alta	ĩ	ỹ	ũ
Média			
Baixa	ẽ	ã	

Tabela 6: Vogais nasais do Kaingang

Por motivos de simplificação e unificação da ortografia para as variedades dialetais do Kaingang, Wiesemann opta por representar os fonemas vocálicos nasais, central baixa /ã/ e posterior baixa /ɔ̃/, unicamente por /ã/, como pode ser observado nas tabelas 3 e 6, dispostos anteriormente.

1.4.3 Tipologia de ordem vocabular

Como ordem básica dos constituintes, esta língua apresenta a ordem SOV – Sujeito, Verbo, Objeto – onde o sujeito pode ser marcado morfologicamente por diferentes morfemas como núcleo oracional, gênero e evidenciais. Como demonstrado no exemplo abaixo para construções transitivas e intransitivas.

- (2) S O V
Ůnsĩ vỹ krěkufár juján.
 menino NUC peixe pescou
 ‘o menino pescou peixe’

- (3) S V
Ůnsĩ vỹ věnhva.
 menino NUC correr
 ‘o menino correu’

Quanto ao gênero, o Kaingang especifica feminino e não-feminino, ou seja, a marcação do gênero feminino é obrigatória nessa língua, sendo que esta marcação ocorre através de pronomes que marcam também número - *fi* para feminino singular e *fag* para feminino plural, enquanto que *ti* marca o masculino singular e *ag* o masculino plural (cf. D'Angelis, 2002).

1.4.4 Morfologia

A língua Kaingang é uma língua do tipo isolante, não tem uma morfologia flexional muito produtiva. Talvez a categoria que mais apresenta processos morfológicos seja a categoria dos verbos. Entre esses processos podemos destacar o processo de ativação e a expressão de número. Sobre a flexão de tempo, além de alguns processos morfológicos como a

prefixação do morfema -j para indicar futuro em verbos terminados em vogais, o Kaingang realiza um processo prosódico para flexão de tempo (cf. Nascimento, 2013).

Os verbos apresentam um processo de ativação⁶ realizado pelo morfema -n, em que um verbo estativo se transforma em ativo, como por exemplo, em verbos como *for* ‘jogado fora’ o sufixo -n transforma em *fón* ‘jogar fora’.

Número se manifesta como sendo uma categoria verbal, se manifesta primeiramente na categoria dos verbos, que parece estar diretamente relacionado ao número de ações, pluralidade de eventos envolvidos, o que implica na quantificação de participantes ou argumentos e isso parece estar sinalizado morfologicamente em alguns casos. Os dados analisados nos sugerem dizer que no Kaingang há pelo menos três formas de expressar número verbal e não apenas duas formas, como proposto em D’Angelis (2004). As três formas encontrada são: por alternância de forma, uma para singular e outra para o plural; por reduplicação e; por indexação do morfema *kyg-*.

Em D’Angelis (2004) a principal questão trazida para análise é verificar se no Kaingang teria uma concordância verbal de número envolvendo pluralidade de participantes (seres ou objetos) como os exemplos de 4 a 7 sugerem, ou se o foco seria a “expressão da noção semântica de **ação** múltipla (repetida ou recorrente) *versus* **ação** única”, como questiona o autor, também ilustrando com exemplos, como veremos a seguir.

D’Angelis identifica basicamente duas formas de concordância verbal que se realizam morfologicamente, a saber, uma por reduplicação e outra por alternância lexical, ou seja, há um grupo de verbos onde se tem uma forma própria para o singular e outra para o plural.

(4) Kófa tỹ **jun** huri

velho+Nom. chegar(sg.) já

O velho já chegou

⁶ Para uma discussão mais detalhada sobre processos de ativação, conferir Cavalcante (1987).

(5) Kófa ag tỹ **junjun** huri

velho+masc.pl.+Nom. chegar(pl.) já

Os velhos já chegaram

(D'Angelis, 2004: 73)

(6) Kasor vỹ **ter**

cachorro+Nom. morrer(sg.)

O cachorro morreu

(7) Kasor ag vỹ **kãgter**

cachorro+masc.pl.+Nom. morrer(pl.)

Os cachorros morreram

(D'Angelis, 2004: 74)

Nos exemplos 6 e 7, observe que não se trata exatamente de alternar a forma do verbo, como o autor afirma. O que se observa é a prefixação do morfema *kãg-* à raiz verbal *ter*. Mais à frente retornaremos a essa observação onde serão fornecidos outros exemplos para análise. Os dados vistos até aqui, realmente sugerem haver, concordância verbal de número e seus argumentos. O autor argumenta que essa idéia é apenas uma noção aparente dos verbos, que numa análise mais cuidadosa essa idéia começa a ser desfeita. Para isso, o autor apresenta os dados a seguir.

(8) Kófa vỹ vỹfy **hynhan** tĩ

velho+Nom. trançado⁹ fazer(pl.) Hab

O velho faz balaaios

(9) Kófa ag vỹ vỹfy **hynhan** tĩ

velho+masc.pl.+Nom. trançado fazer(pl.) Hab

Os velhos fazem balaaios

(10) Kófa ag tóg vāfy **han** ja nĩ

velho+masc.pl.+Nom. trançado fazer(pl.) Asp1

Os velhos fizeram o balaio

(D'Angelis, 2004: 75)

Note-se nos exemplos 8, 9 e 10 que o verbo não parece ser sensível a alternância do SN em plural e singular, o que de fato colabora para a hipótese de que o número verbal estaria indicando pluralidade de ação ou evento e não argumentos. Mais ainda, o número no verbo pode dispensar a marca de plural mesmo no SN-Sujeito, como se pode observar nos exemplos 11 e 12, a seguir.

(11) Kukrũ tỹ **góv**

panela+Nom. quebrar(sg.)

A panela se quebrou

(12) Kukrũ tỹ **gógóv**

panela+Nom. quebrar(pl.)

As panelas se quebraram

(D'Angelis, 2004: 76)

Com esses dados o autor argumenta a favor da segunda hipótese concluindo que número em Kaingang está relacionado com a expressão de ação múltipla **versus** ação única, e que “não existe concordância de número entre verbo e seus argumentos.”

D'Angelis ainda observa que “na língua Kaingáng existe expressão de número em SNs, pelo concurso de partículas pronominais (*ag* e *fag*), partículas indicando *muitos* (*'e*), *todos* (*kar*), *poucos* (*pipir*) e os próprios numerais (*régre*, *têgtu...*).”

Além disso, “a *multiplicidade* ou *repetição da ação* pode ser expressa em nomes (sem estar relacionada a concordância) e, na oração, também pela duplicação da marca Aspectual.”

Os dados obtidos nos sugerem dizer que a expressão de número verbal em Kaingang esta relacionada principalmente a quantificação de eventos, distinguindo-se em evento único, eventos iterativos e pluralidade desses eventos iterativos e ainda, pluralidade de eventos não iterativos. Essas noções manifestam-se de três modos:

- i) através da alternância de forma, onde se tem uma forma própria para evento único/singular e outra para eventos iterativos;
- ii) através da prefixação de “pluralizador” de eventos e;
- iii) através da reduplicação.

Verbos com alternância de forma

Observem-se os exemplos apresentados a seguir, onde apresentamos, primeiramente, o verbo ‘bater’, que possui a forma *tãnh*(~ *tênh*) para evento único, *rãn* (~*rên*) para eventos iterativos e em seguida a forma *kygrãn* (~*kygrên*) para pluralidade de eventos iterativos.

(13) <i>Ti</i>	<i>tóg</i>	<i>kasor</i>	<i>tãnh.</i>
3SG	NUC	cachorro	bater.SG

‘Ele bateu no cachorro’

(14) <i>Ti</i>	<i>tóg</i>	<i>kasor</i>	<i>rãn.</i>
3SG	NUC	cachorro	bater.ITER

‘Ele bateu no cachorro’ (Ele surrou o cachorro)

- (15) *Ag tóg kasor rân.*
 3PL NUC cachorro bater.ITER

‘Eles bateram no cachorro (Eles surraram o cachorro)’

Nos exemplos (13), (14) e (15) fica claro a idéia de que o que esta em evidencia é o fato de quantificar o número de evento envolvido, e não os argumentos. O verbo ‘bater’ alterna de *tân*, evento único, para *rân*, pluralidade de eventos. E mais do que isso, o verbo *rân* sinaliza para evento iterativo, eventos que acontecem numa mesma ocasião. Até aqui, nossos dados concordam com os achados de D’Angelis, no sentido de haver verbos que apresentam alternância de forma relacionada a quantificação de eventos e não argumentos, visto que em nossos dados, essa alternância de fato acontece diferentemente do dado apresentado por ele anteriormente, onde se mantém a raiz verbal.

- (16) *Kutã ra!*
 sair.SG IMP
 ‘saia (você)!’

- (17) *Pa ra!*
 sair.PL IMP
 saim (vocês)!

- (18) *Gĩr tóg escola ki kutã.*
 criança NUC escola POSP sair.SG
 ‘A criança saiu da escola’

- (19) *Gĩr tóg escola ki pa.*
 criança NUC escola POSP sair.PL
 ‘As crianças saíram da escola’

Nos exemplos (16) a (19), não se tem nenhuma marcação nos sintagmas nominais SNs. A forma alternante do verbo é que está denotando número, de fato. O que há de diferente nesses dados é que se trata apenas de pluralidade de eventos e não iteratividade.

Prefixo “pluralizador”?

No exemplo (18) temos um dado interessante. Trata-se do mesmo verbo ‘bater’ em sua forma plural, mas com a indexação do prefixo *kyg-*.

- (20) *Ti* *tóg* *kasor* *kygrān*.
 3SG NUC cachorro PL-bater.ITER
 ‘Ele bateu nos cachorros (Ele surrou os cachorros)’

Note-se que essa forma do verbo, além de denotar eventos iterativos, sinaliza também para a pluralidade desses eventos. Seriam eventos iterativos que podem acontecer individualmente, o que implica na pluralidade de argumentos. A especificação desses argumentos, no entanto, é outra questão que necessita ser mais bem analisada, num estudo mais exaustiva. O que vai além dos objetivos aqui estabelecidos, que é o de fazer alguns apontamentos apenas.

Outra questão, ainda, é verificar se esse caso deve ser considerado realmente uma exceção, já que foi o único verbo encontrado, entre um grupo de mais de 100 verbos, que apresenta as três formas. Nos exemplos a seguir, fornecemos mais alguns verbos que se comportam semelhantemente a este verbo, o verbo ‘bater’. Porém, com apenas duas formas alternantes.

- (21) *Gĩr* *tóg* *ḡy*.
 criança NUC chorar
 ‘A criança chorou’

(22) *Gĩr tóg kygfỹ.*
 criança NUC PL.chorar
 ‘As crianças choraram’

(23) *Isóg kur fa.*
 1SG.NUC roupa lavar
 ‘Eu lavei a roupa’

(24) *Isóg kur kygfa.*
 1SG.NUC roupa PL.lavar
 ‘Eu lavei a roupa’

Diferente do verbo ‘bater’, visto anteriormente, os verbos ‘chorar’ e ‘lavar’, nos exemplos de (21) a (24), apresentam apenas duas formas ao invés de três. Nossa hipótese é a de que as formas em (22) e (24) são as que sinalizam eventos iterativos, pois se analisarmos mais profundamente a semântica desses verbos veremos que todos eles constituem-se de movimentos repetidos. Todos esses verbos em Kaingang tem uma extensão semântica de movimentos/eventos iterativos: chorar é na verdade uma repetição de sons, lavar é também um movimento de esfregar repetidas vezes.

Dessa forma, esse tipo de verbo não estaria marcando evento único e sim subeventos iterativos que resultam em um evento maior. Esfregar repetidas vezes, por exemplo, resulta no evento ‘lavar’. E através do prefixo *kyg-* marca-se a pluralidade desses eventos.

Com exceção do verbo ‘morder’ o qual se comporta de maneira semelhante alternando-se de *pra* para *kypra*, que ainda não conseguimos visualizar esta noção, portanto, pontuado aqui para futuros estudos, visto que temos mais alguns verbos que se comportam dessa forma.

Reduplicação verbal

O fenômeno de reduplicação de verbos também parece estar denotando a pluralidade de eventos que podem acontecer individualmente, portanto, eventos não iterativos. A reduplicação se dá de duas maneiras: em verbos monossílabos a reduplicação se dá por completo e em verbos maiores, compostos por duas sílabas ou mais, a reduplicação se dá com apenas umas das sílabas, a última sílaba. Observem-se os exemplos que seguem:

(25) *Kakanẽ tóg **rẽn** hori.*

fruta NUC madurecer.SG já

‘A fruta já amadureceu’

(26) *Kakanẽ tóg **rẽnrẽn** hori.*

fruta NUC amadurecer.RED já

‘A frutas já amadureceram’

(27) *Mỹrinh fi tỹ Karenh **sĩn.***

Maria F NUC Karenh beijar.SG

‘Maria beijou Karenh’

(28) *Mỹrinh fi tỹ Karenh **sĩnsĩn.***

Maria F NUC Karenh beijar.RED

‘Maria beijou Karanh varias vezes’

(29) *Pedro tỹ **venhrán** ãri.*

Pedro NUC escrever hoje

‘Pedro escreveu hoje’

- (30) *Pedro tỹ venhránrán ũri.*
 Pedro NUC escrever.RED hoje
 ‘Pedro escreveu varias vezes hoje’

Como já apontado em D’Angelis (2004), a noção de número também é manifestada na categoria Aspectual em Kaingang, como mostram os exemplos em (31) e (32) a seguir:

- (31) *Kakanẽ tóg rẽ nĩ ha.*
 fruta NUC maduro ASP já
 ‘A fruta já esta madura’

- (32) *Kakanẽ tóg rẽ nỹtĩ ha.*
 fruta NUC maduro ASP.PL já
 ‘As frutas já estão maduras’

Nestes exemplos o que está em evidencia não é o evento de amadurecimento das frutas, e sim o evento de “estar”, o que é expresso pela pluralização do aspecto, de *nĩ* para *nỹtĩ*.

Um fato curioso também é o que acontece com os verbos ‘levar’ e ‘trazer’ apresentados a seguir:

- (33) *Ti tỹ kur matĩg vẽ.*
 Ti tỹ kur ma-tĩg vẽ
 3SG NUC roupa levar.SG-ir.SG ASP
 ‘Ele está levando a roupa’

- (34) *Ti t ỹ kur gégtĩg vẽ.*
 Ti tỹ kur gég-tĩg vẽ
 3SG NUC roupa levar.PL-ir.SG ASP
 ‘Ele está levando as roupas’

(35) *Ag tỹ kur mamũ vẽ.*
Ag tỹ kur ma-mũ vẽ
 3PL NUC roupa levar.SG-ir.PL ASP
 ‘Eles estão levando a roupa’

(36) *Ag tỹ kur gégmũ vẽ.*
Ag tỹ kur gég-mũ vẽ
 3PL NUC roupa levar.PL-ir.PL ASP
 ‘Eles estão levando as roupas’

Nos exemplos acima se pode verificar que o verbo levar na verdade é composto por duas raízes verbais: ‘pegar’ e ‘ir’. As duas raízes apresentam formas alternantes, uma forma própria para singularidade e outra para pluralidade. Para o verbo ‘pegar’ temos *mãn* (evento único de pegar objeto redondo, pois para objeto comprido a forma é *vyn*), com alternância em *génh* (pluralidade de evento). Para o verbo ‘ir’ temos *tĩg* (evento único de ir), com alternância em *mũ* (pluralidade de evento).

Nos dados de (33) a (36) o que está em evidencia são os dois eventos diferentes que compõem a semântica dos verbos: ir estando em posse de algo. Essa noção se torna mais clara em Kaingang justamente pela presença das raízes verbais e, a alternância das formas nos exemplos demonstra bem isso.

Além da manifestação de número em nomes através de recursos auxiliares como numerais e pronomes já citados em D’Angelis, identificamos também a manifestação de número em adjetivos, como mostra a tabela 7, porém num grupo limitado, pois o adjetivo ‘bonito’ *sĩnvĩ*, por exemplo, já não aceita essa especificação de número.

Singular	Plural
kasĩn sĩ ‘rato pequeno’	kasĩn kēsir ‘ratos pequenos’
pránh gru ‘brasa acesa’	pránh grugru ‘brasas acesas’
vãfy téj ‘balaio alto’	vãfy tigtéj ‘balaies altos’

Tabela 7: adjetivos com flexão de número

Note-se que esta manifestação de número quantifica elementos, e só os adjetivos em si já denotam a singularidade e a pluralidade de elementos, não necessitaria o acompanhamento dos nomes constados na tabela acima.

Identificamos a manifestação de número também em outras categorias gramaticais como nomes, adjetivos, aspectos e pronomes. O que parece ser realizável de diferentes modos em cada uma das categorias, compondo-se em subsistemas. Com esses apontamentos iniciais, podemos perceber que a marcação de número em Kaingang mostra-se bastante complexa e certamente é um belo tema para um estudo mais exaustivo.

2. CATEGORIAS FUNCIONAIS QUE LICENCIAM ORAÇÕES MATRIZES

2.1 Licenciamento de orações matrizes

Em todas as línguas existem categorias funcionais que são responsáveis por licenciar orações. Na língua portuguesa, por exemplo, as categorias funcionais que licenciam orações matrizes são as categorias de tempo, modo e aspecto que através da flexão verbal dão uma forma finita à oração. Em outras palavras, são essas categorias que possibilitam gerar sentenças gramaticais na língua.

2.2 Licenciamento de orações matrizes em Kaingang - Núcleos oracionais

Nesta seção, trataremos de uma categoria de morfemas funcionais, as quais denominamos ‘núcleos oracionais’. Trata-se de morfemas livres posposicionais que seguem o sujeito em diferentes tipos de construções oracionais na língua Kaingang. Na literatura sobre o Kaingang esses morfemas são classificadas como Indicadores de Sujeito (Wiesemann, 1967). A nossa proposta é a de que, na realidade, trata-se de uma categoria funcional que tem papel essencial na construção de orações nesta língua, pois são elas que licenciam as diferentes construções. Morfossintaticamente, essa categoria gramatical seria um licenciador de oração matriz. E como contribuição semântica e discursiva ou pragmática pode variar entre evidenciais e tipificação de sentenças como declarativa (37), interrogativa (38) e negação (39).

(37) *Gatẽ fi vỹ pénky gã̃m.*

Gatẽ 3SF.F NUC prato quebrar

‘Gatẽ quebrou o prato.’

(38) *Gatẽ fi mỹ pénky gã̃m?*

Gatẽ 3SF.F INT prato quebrar

‘Gatẽ quebrou o prato?’

- (39) *Gatẽ fi pi pénky gãm mũ.*
 Gatẽ 3SF.F NEG prato quebrar PERF
 ‘Gatẽ não quebrou o prato.’

Nos estudos sobre a língua Kaingang, encontram-se diferentes tentativas de sistematização desses morfemas. Em alguns estudos refere-se a esses termos como sendo indicadores de sujeito, de uso não obrigatório nas construções oracionais, já em outros estudos são descritos como marcas de caso, como veremos mais adiante com mais detalhes.

O objetivo da nossa abordagem, portanto, é o de apresentar uma proposta de análise sobre a natureza desses morfemas argumentando que, na realidade, trata-se de uma categoria funcional que tem papel essencial na construção de orações na língua Kaingang, pois são eles que licenciam as diferentes construções.

Faremos, inicialmente, uma breve apresentação de como essa categoria têm sido tratada em alguns estudos sobre a língua Kaingang, dando destaque para as abordagens de Wieseemann (1967, 2002) e Nascimento (1995). Em seguida será apresentada a nossa proposta, especificando cada um dos morfemas que compõem essa categoria.

Ursula Wieseemann (1967)

Na literatura existente sobre o Kaingang, esses morfemas foram originalmente descritas como sendo indicadores de sujeito (ind. s.). Wieseemann (1967), no trabalho intitulado “*Introdução na lingua Kaingang*”, faz referência a esses morfemas, dizendo que são posposicionais e que seguem o sujeito indicando que a parte que as precede tem a função de sujeito na frase. Não seriam obrigatórias e serviriam para “ênfatizar o sujeito”, na oração.

Em Wieseemann (2002), no apêndice do dicionário, encontra-se uma lista mais completa desses morfemas, com um resumo explicativo em que são descritas as funções de cada um deles, como se pode verificar na quadro 2, a seguir.

Indicadores de Sujeito

jé - 'sujeito antecipa a ação, ação desejada pelo falante'
mỹ - 'sujeito na pergunta que pede resposta 'sim' ou 'não'
ne - 'sujeito é originador da ação'
né - 'agente tem sentimento (somente na terceira pessoa)'
nỹ - 'sujeito é tópico e contrastado com vỹ, mudança de sujeito'
pijé - 'sujeito não faz a ação'
tóg - 'sujeito é agente'
tỹ - 'agente é ergativo; indicador de tópico'
vé - 'este sujeito faz coisas ruins'
vỹ - 'sujeito é tópico'

Quadro 2: Marcadores de Sujeito - Wiesemann (2002: 160)

Os indicadores de sujeito seguem os substantivos, pronomes ou frases substantivadas em função do sujeito. São posposições. Quando ocorrem, o sujeito é enfatizado e precede o verbo, em muitos casos começa a oração. Unicamente < tóg >, seguindo pronome pode seguir o verbo na oração e não enfatiza o sujeito. Ao mesmo tempo ele é o único que pode ocorrer com a forma # da terceira pessoa singular e que pode combinar com outros indicadores de sujeito.

Um outro caso particular é o de < tỹ > utilizado para indicar ergativo e também com uma constituinte topicalizada. Nos dois casos a constituinte é a primeira na oração. (Wiesemann, 2002: 160).

Diferentemente do que analisa Wiesemann, esses morfemas não co-ocorrem na oração, nem mesmo o tóg. Em nossos dados, não encontramos tóg combinando com outros morfemas da mesma categoria, a não ser com a partícula tỹ, porém num contexto em que

esta exerce a função de existencial, ocorrendo no início da frase e co-ocorre com o *tóg* em fusão de primeira pessoa (*inh + tóg*). Observe-se o exemplo (40).

- (40) *Tỹ isóg Kanhgág nĩ.*
 EXIS 1SG.NUC Kaingang ASP
 ‘Eu sou Kaingang’

O núcleo oracional *tóg* é o único recorrente na ordem OVS, dando noção de evento realizado (talvez passado), segue o pronome e ocupa a posição final na sentença (41). Enquanto que o núcleo oracional *tỹ* ocorre na mesma ordem, porém, com marcas de aspecto, como o habitual, por exemplo (42). Observe os exemplos.

- (41) *Êmĩ ko fi tóg.*
 pão comer 3SG.F NUC
 ‘Ela comeu pão’

- (42) *Êmĩ ko fi tỹ tĩ.*
 pão comer 3SG.F NUC HAB
 ‘Ela come pão’

Com relação à não obrigatoriedade desses morfemas, segundo avaliado em Wieseemann (1967), Nascimento (2010), por outro lado, já observa uma restrição no uso do marcador de interrogativa *mỹ*, em sentenças interrogativas do tipo sim/não, como será apresentado na seção 2.2.2 sobre a distribuição dos núcleos oracionais em sentenças interrogativas e negativas. Em orações em que há pronome explícito seguindo o sujeito, ocorre elipse da partícula interrogativa, como mostram os exemplos (43) e (44). Nos demais casos, a não obrigatoriedade é regida por regras específicas, dependendo do tipo de oração, sendo que,

em orações simples, as partículas exercem funções essenciais. Trata-se de categorias funcionais que, em composição com outras categorias (TAM⁷ e Evidencialidade), licenciam as construções oracionais na língua Kaingang, sendo, portanto, obrigatórias nas orações simples/matrizes.

- (43) *Kasor fi mĩ gĩr pra?*
cachorro 3SG.F INT criança morder
‘A cachorra mordeu a criança?’

- (44) *Kasor fi gĩr pra?*
cachorro 3SG.F criança morder
‘A cachorra mordeu a criança?’

No exemplo (44), mesmo com a ausência da partícula interrogativa a frase permanece gramatical, e não muda de sentido, justamente por causa do pronome marcador de gênero feminino *fi* que segue o sujeito. Sem esse morfema a frase ficaria agramatical, como mostra o exemplo (45).

- (45) * *Kasor gĩr pra?*
cachorro criança morder
‘*cachorro morder criança’

Silvia H. L. Nascimento (1995)

No trabalho de Nascimento (1995) em que se discute o sistema de caso em Kaingang, alguns dos núcleos oracionais - *tĩ*, *ta* e *tóg* - são analisado como marcas de caso no

⁷ TAM - sigla que corresponde às categorias de Tempo, Aspecto e Modo.

Kaingang. Parte dos dados analisados são provenientes das variantes dialetais faladas na TI Guarita e TI Nonoai, portanto, não muito diferente dos dados desta tese.

A partir de Dixon (1979, 1994), Lovato analisa a marcação de caso na língua Kaingang, reinterpretando as ideias do autor em termos da gramática gerativa, no sentido de que “a perspectiva da gramática gerativa interpreta modularmente a marcação de caso nas línguas, distingue caso de papel temático e considera a estrutura argumental/temática dos verbos para explicar a atribuição de caso abstrato.” (Nascimento, 1995, p. 5)

Nascimento argumenta que é o morfema *tóg* que realiza uma sentença finita do Kaingang, ao mesmo tempo em que marca caso. Porém, assume a proposta de que é a categoria aspectual que exerce a função nuclear da sentença em Kaingang, conforme exemplo (46), reproduzido da autora.

- (46) *Kajêr tóg ka pã mranh mũ.*
 macaco ERG árvore galho quebrar ASP
 ‘ O macaco quebra o galho da árvore.’

(Nascimento, 1995, p. 31, exemplo 17)

Com relação a não obrigatoriedade de marcação de aspecto nesta língua, Nascimento afirma ainda que

Da mesma forma que os afixos verbais tornam uma sentença finita no português, assume-se que no Kaingang este papel é desempenhado pelas partículas aspectuais. Como a contraparte da flexão em português, o aspecto é a categoria nuclear da sentença no Kaingang, ocorrendo na posição final.

Kasor ag tóg kynkyr mũ
 cachorro pl erg latir asp
 “Os cachorros estão latindo”
 (...)

O aspecto pode ser representado pelo morfema zero. A ausência de marcas morfológicas para esta categoria gramatical veicula a noção de aspecto perfectivo.

Kasor	ag	tóg	kynkyr
cachorro	pl	erg	latir

“Os cachorros latiram.”

(Nascimento, 1995, p. 41, exemplos 33e 34)

Dessa forma, segundo Nascimento, a partícula aspectual assume a função de núcleo da sentença, ocupando a posição final o VP.

Em sua análise Nascimento sugere que o Kaingang segue o padrão de ergatividade cindida, ou “*split ergativity*”, *tóg* marcando S e A e reduplicação do verbo como concordância de O.

2.2.1 Núcleos oracionais em orações simples, subordinadas e coordenadas

No presente trabalho, argumentamos que esses morfemas, até então denominadas de marcadores de sujeito, na verdade, constituem núcleos funcionais da oração, que expressam noções complexas referentes à natureza da proposição e que estão gramaticalizadas na língua Kaingang.

Na tabela 1, apresentamos um resumo reorganizado dos núcleos oracionais conforme a classificação de cada partícula, de acordo com a nossa proposta de análise.

Núcleos oracionais	Função
tỹ	Sentença assertiva
tóg	Sentença assertiva
vỹ	Sentença assertiva
vé	Interjeição
ne	marca de miratividade
né	ne + vé = né
nỹ	“Imperativo imediato”
mỹ	INT para respostas S/N
pi	NEG
jé	“Imperativo indireto”

Tabela 8: Núcleos Oracionais

Nossa argumentação se baseia nos seguintes pontos: (a) a distribuição das partículas em orações simples, subordinadas e coordenadas; (b) a função das partículas em construções interrogativas e negativas; (c) a relação entre as partículas assertivas e as marcas de aspecto e evidencialidade.

Com base nesses fatores, parece-nos evidente que esses morfemas não são marcas obrigatórias de sujeito, primeiro porque não são obrigatórias, como demonstraremos nos exemplos. Segundo, porque expressam muito mais noções que não seriam compatíveis com uma descrição de uma simples marca de sujeito.

Então, o que é o morfema de núcleo oracional com noções proposicionais? Argumentamos que, assim como algumas línguas exigem a presença de marcadores de evidencialidade, o

Kaingang exige a presença de marcadores com noções proposicionais/núcleos oracionais, como mostrado nos exemplos.

Nessa seção, substanciamos nossa proposta sobre a natureza dos morfemas que, a nosso ver, se comportam como um núcleo funcional das orações, analisando os usos das partículas assertivas *tỹ*, *tóg* e *vỹ* em orações simples, subordinadas e coordenadas.

As partículas *tỹ*, *tóg* e *vỹ* aparecem em construções assertivas. A distinção entre as três partículas ainda não está clara. Uma hipótese para isso seria que talvez a diferença esteja na força ilocucionária (Lyons, 1977).

As sentenças em (47) e (48) podem ser interpretadas tanto como passado quanto futuro, já que não há marca de tempo, dependem da entonação. O verbo *jun* compõe o grupo dos verbos que expressam passado e futuro através da flexão prosódica⁸. Difícil estabelecer uma distinção semântica entre as duas sentenças.

(47) *Mỹrinh fi tỹ jun.*
Maria 3SG.F NUC chegar
‘Maria chegou/chegará’

(48) *Mỹrinh fi tóg jun.*
Maria 3SG.F NUC chegar
‘Maria chegou/chagará’

No exemplo (49), a ausência do núcleo oracional torna a sentença agramatical.

(49) * *Mỹrinh fi jun.*

Na comunicação oral, o núcleo racional *vỹ* não é muito produtiva. É mais encontrada em textos informativos, onde se narra algum evento, como o exemplo em (50), que é uma frase retirada de uma reportagem do site kanhgag.org.

⁸ Sobre flexão prosódica em Kaingang, conferir Nascimento (2013).

(50) Kanhgág to vāme ũ vỹ vẽnhven măn.
 Kaingang sobre informação outra NUC surgir novamente
 ‘Surge, novamente, outra informação sobre o povo Kaingang’

(51) Mỹrinh fi vỹ jun.
 Maria 3SG.F NUC chegar
 ‘Maria chegou’

O núcleo racional vỹ esta mais relacionada à noção de passado. É importante notar que esses morfemas, que são obrigatórios em orações simples, podem ser omitidos em orações subordinadas. Repare-se que, em períodos compostos onde existe subordinação, morfema é obrigatório na oração matriz e opcional na oração subordinada, como no exemplos 52a. Observe-se que em 52b, onde não existe nenhuma partícula após ambos os sujeitos das orações matriz e subordinada, e 52c, onde só existe a partícula após o sujeito da subordinada, são sentença **agramaticais**.

(52a) *Pedro (tỹ) jun ja ra Luiz tỹ tĩ mỹr.*
 Pedro (NUC) chegar PERF quando Luiz NUC ir VIS
 ‘Luiz saiu quando Pedro já tinha chegado’

(52b) **Pedro jun ja ra Luiz tĩ mỹr.*
 Pedro chegar PAST quando Luiz ir VIS
 ‘Luiz saiu quando Pedro já tinha chegado’

(52c) **Pedro tỹ jun ja ra Luiz tĩ mỹr.*
 Pedro NUC chegar PAST quando Luiz ir VIS
 ‘Luiz saiu quando Pedro já tinha chegado’

No caso de coordenação, onde as duas orações são independentes, o núcleo oracional será obrigatório em ambas, como em (53a) e (53c). O exemplo (53b) nos mostra que, ao omitirmos a marca na segunda oração, a construção se torna agramatical. Já o exemplo (53c) ilustra perfeitamente a necessidade do uso do núcleo oracional nas estruturas coordenadas e a possibilidade de sua omissão em orações subordinadas. Ao omitirmos o morfema na primeira oração, essa se torna uma oração subordinada e o significado do enunciado muda, já que a oração “ela trouxe banana” se torna a oração matriz.

(53a) *Maria fi tỹ cidade ra vyr kar fi tỹ manỹnỹ makãtĩg.*
 Maria 3SG.F NUC cidade para foi e 3SG.F NUC banana trouxe.
 ‘Maria foi para a cidade e ela trouxe banana.’

(53b) **Maria fi tỹ cidade ra vyr kar fi manỹnỹ makãtĩg.*
 Maria 3SG.F NUC cidade para foi e 3SG.F banana trouxe.
 ‘*Maria foi para a cidade e ela trazer banana.’

(53c) *Maria fi cidade ra vyr kar fi tỹ manỹnỹ makãtĩg.*
 Maria 3SG.F cidade para foi e 3SG.F NUC banana trouxe.
 ‘Depois que Maria foi para a cidade, ela trouxe banana.’

2.2.2 Núcleos oracionais em orações interrogativas e negativas e marcador mirativo

mỹ - Interrogativo

Em Wiesemann (1967), encontramos uma descrição sobre as construções interrogativas da língua Kaingang. Segundo Wiesemann, as sentenças interrogativas de argumento são marcadas por pronomes interrogativos e as sentenças do tipo Sim/Não são marcadas pela partícula interrogativa *mỹ*, essencial neste tipo de interrogativa. A partícula *mỹ* tipifica,

então, uma sentença interrogativa do tipo Sim/Não sempre seguindo o sujeito, como podemos observar nos exemplos (54), sentença declarativa, e (55), sentença interrogativa.

(54) *João tỹ cidade ra vyr.*
 João NUC cidade POSP ir.PASS
 ‘João foi para a cidade’

(55) *João mỹ cidade ra vyr.*
 João INT cidade POSP ir.PASS
 ‘João foi para a cidade?’

A diferença entre os tipos de sentenças se daria pelas partículas de núcleos oracionais. Em trabalho posterior, (Nascimento, 2010), analisei especificamente as interrogativas Sim/Não, apresentando nova análise acerca do tema. Verificou-se a existência de restrições no uso partícula *mỹ* para sentença interrogativa do tipo Sim/Não. Neste tipo de interrogativas, quando o sujeito é pronominal (ou nominal com marcação de gênero nos quais os pronomes exercem essa função), ocorre a elipse da partícula interrogativa.

(56) *Mỹrinh fi cidade ra vyr.*
 Maria 3SG.F cidade POSP ir.PASS
 ‘Maria foi para a cidade?’

Os sintagmas nominais vêm marcados por partículas de gênero que ao mesmo tempo funcionam como pronomes. O gênero feminino singular é marcado com *fi* e o plural com *fag*. O gênero masculino singular é marcado com *ti* e o plural com *ag*. No caso do gênero feminino, a marcação é obrigatória, ao contrario do masculino que nem sempre é marcado.

(57) *Monh fi tóg goj kron.*
 boi 3SG.F NUC água beber
 ‘A vaca bebeu água.’

(58) *Monh fag tóg goj kronkron.*

boi 3PL.F NUC água beber.PL

‘As vacas beberam água.’

(59) *Monh tóg goj kron.*

boi NUC água beber

‘O boi bebeu água.’

(60) *Monh tóg goj kronkron.*

boi NUC água beber.PL

‘Os bois beberam água.’

Para esse último exemplo (60), também é possível, através da flexão do verbo, fazer uma leitura mais ampla, no sentido coletivo, sem estar necessariamente denotando gênero.

pi - Negação

Wiesemann (1967) refere-se à partícula *pi* como marca de modo 2, dizendo que os morfemas desse grupo “refletem a atitude do falante com a ação. Estes podem seguir o sujeito, o aspecto, mas se encontram em muitos lugares da frase” (Wiesemann, 1967, p. 45).

Em nossos dados, no entanto, observamos que esse morfema tem posição fixa na frase, ocorrendo logo após o sujeito. As construções com esse morfema de negação não possibilitam as duas leituras de tempo, pela entonação. As frases sem marcas de aspecto ou

modo, tem leituras de tempo futuro (16). Para indicar passado é necessário a marca de modo/aspecto, como mostrado no exemplo (62).

(61) *Mỹrinh fi pi jun.*
 Maria 3SG.F NEG chegar
 ‘Maria não vai chegar’

(62) *Mỹrinh fi pi jun mũ.*
 Maria 3SG.F NEG chegar PERF
 ‘Maria não chegou’

ne - Miratividade

Esse morfema, como visto anteriormente na tabela 8, indica informação nova para o falante, algo inesperado, surpresa, admiração. Além de núcleo oracional, também codifica um tipo de evidencialidade denominado miratividade (63). Em algumas variedades dialetais, esse morfema se assemelha ao reportativo *je*, não só pela posição sintática, mas também semanticamente, como mostrado nos exemplos (64) e (65). Porém, é facilmente reconhecida pois, nesse contexto, co-ocorre com outros núcleos oracionais na mesma sentença .

(63) *Mỹrinh fi ne jun mũ.*
 Maria 3SG.F MIR chegar PERF
 ‘Maria chegou!’

(64) *Mỹrinh fi je tỹ jun.*
 Maria 3SG.F REP NUC chegar
 ‘Diz que Maria chegou.’

- (65) *Mỹrinh fi ne tỹ jun.*
 Maria 3SG.F MIR NUC chegar
 ‘Diz que Maria chegou!’

Os morfemas *je* e *ne*, exemplos (64) e (65), na realidade só co-ocorrem com os núcleos oracionais *tỹ* e *tóg*, dentre todos os morfemas da categoria.

2.2.3 Construções imperativas e interjeição

nỹ - Imperativo imediato

O morfema *nỹ* é o mais complexo dentre os morfemas da categoria de núcleos oracionais. Ocorre em muitas posições na sentença, não tem um comportamento sistemático e, em alguns contextos, parece ter um som glotal envolvido. As construções formadas com essa partícula parecem ser mais expressões, diferentemente das construções normais.

Temos algumas hipóteses para essa partícula que parece ser formada da fusão de uma expressão ou sintagma, fonologicamente motivada. Nos exemplos (66a) e (66b), trata-se da mesma frase, que é um tipo de imperativo, sendo que a forma muda dependendo da variedade dialetal:

- (66a) *Mũ jé ha ãn ra.*
 vamos FUT agora casa para
 ‘Vamos para casa (agora)’

No exemplo (66a) simplesmente a partícula não ocorre. Ao invés, temos a presença de uma marca de futuro seguida de um indicador de futuro imediato, traduzido como ‘agora’. É muito comum também no dialeto Sul, encontrar o mesmo enunciado com a ordem invertida

dos marcadores de futuro *jé* e *ha*, dando o enunciado “*mũn ha jé*”. Tudo indica que essa seria a composição original do enunciado, que foi sofrendo elipse até originar a partícula *nỹ*, como veremos nos exemplos a seguir.

No exemplo (66b), apagam-se os dois termos e surge o morfema *nỹ*.

(66b) *Mũ nỹ ãn ra.*
 vamos NUC casa para
 ‘Vamos para casa’

Assim, a expressão *Mũnỹ!* “vamos!” em Kaingang e conseqüentemente o morfema *nỹ* pode ter se originada desse processo de elipse: *mũn ha jé* → *mũn ha* → *mũ nỹ*.

Seguindo esse raciocínio, a presença da partícula *nỹ* no final da sentença em (66c) se daria da seguinte maneira:

(66c) *Fi tĩg hẽ nỹ.*
 3SG.F ir foco NUC
 ‘Ela já está indo’

A construção original seria

(66d) *Fi tĩg hẽ nẽ ha.*
 3SG.F ir foco ASP agora
 ‘Ela já está indo (agora)’

Comparando o exemplo (66c) com a construção original em (66d), observe que ocorre o apagamento dos fonemas /ẽ/ e /h/, resultando na partícula *nỹ*.

O interessante em relação a essa partícula, independente da posição e do tipo de sentença, é que ela se tornou um componente essencial para tornar as sentenças gramaticais. A ausência dela em qualquer uma das sentenças as tornaria completamente agramaticais, como mostram os exemplos a seguir.

(67a) **Fi tĩg hẽ.*
 3SG.F ir foco
 ‘*Ela ir...’

(67b) **Fi tĩg hẽ ha.*
 3SG.F ir foco agora
 ‘*Ela ir (agora)’

vé - Interjeição

Esse morfema ocorre em frases exclamativas, refere-se ao momento do evento e parece sinalizar coisas ruins, indicando contraexpectativa. O uso é mais recorrente na ordem inversa OVS (68), ocorrendo no início da frase, podendo achar-se também na ordem canônica (69) e (70), ocorrendo logo após o sujeito.

(68) *Vé pénky gãm inh.*
 NUC prato quebrar 1SG
 ‘Quebrei o prato!’

(69) *Fóg vé ěg vĩ kinhra.*
 branco NUC 1PL língua saber
 ‘O homem branco entende a nossa língua!’

(70) *Inh vé ijankamũ fón ja.*
 1SG NUC 1SG.dinheiro perder PERF
 ‘Perdi meu dinheiro!’

jé - Imperativo indireto

Esse morfema em algumas construções marca futuro (71). Mas em outras parece marcar imperativo “indireto”, como em (72). É também uma conjunção.

(71) *Vỹn ke jé fi tóg.*

voltar fazer FUT 3SG.F NUC

‘Ela vai voltar’

No contexto onde a partícula aparece como marca de futuro, exemplo (71), observe-se que no final da sentença há outro núcleo, o *tóg*.

Já no exemplo em (72), em que temos uma construção imperativa indireta, a partícula *jé* é o único núcleo oracional.

(72) *Ti jé vỹn ké.*

3SG.M IMP voltar fazer

‘Que ele volte’

O exemplo em (72) também pode ser interpretada como ‘digam a ele que volte’, sem a necessidade da citação, como em (73).

(73) *Ti mỹ: vỹn ke ra, kem nĩ.*

3SG.M POSP voltar fazer IMP dizer ASP

‘Diga a ele: volte!’

No exemplo em (74) a estrutura é de citação direta, que numa tradução livre seria: ‘Márcia disse: “que ele volte”’

(74) *Márcia fi tỹ ti jé vỹn ké ke tĩ.*

Márcia 3SG.F NUC 3SG.M IMP voltar FUT dizer ASP

‘A Márcia disse para ele voltar’

Destacamos algumas questões importantes em relação a esses morfemas a serem levados em conta em trabalhos futuros. Uma delas é o fato de as diferentes núcleos oracionais estarem distinguindo modalidades oracionais, tal como negação, interrogação, imperativo, etc. A outra questão é que a diferença de uma partícula para outra talvez seria a força ilocucionária (cf. Lyons, 1977, Austin, 1962, 1976 e Searle, 1976).

De todo modo, são esses núcleos oracionais que exercem a função essencial de licenciar orações matrizes na língua Kaingang. Um importante trabalho para outro momento também seria o de fazer uma análise sintática mais detalhada, a luz das teorias atuais. Esperamos, no entanto, que esses apontamentos iniciais possam ter contribuído para se avançar o entendimento sobre essa categoria ampla do Kaingang, para a qual ainda não se encontra uma análise substancial.

3. EVIDENCIALIDADE

3.1 Pressupostos teóricos

Neste capítulo apresentaremos um panorama geral sobre o tema central da presente tese, a categoria de Evidencialidade. Faremos uma revisão das principais discussões teóricas acerca do tema, bem como de estudos já realizados sobre essa categoria na língua Kaingang. Em seguida será apresentada a nossa análise descritiva do sistema de evidencialidade em Kaingang, com um quadro do sistema reestruturado a partir de Nascimento (2013) e um quadro explicativo do comportamento dos marcadores de evidencialidade nos diferentes tipos de sentenças. Será apresentada, também, uma seção com a proposta de análise dos núcleos oracionais e sua interação com a categoria de evidencialidade, bem como as categorias de modo e aspecto na língua Kaingang.

A definição precisa de evidencialidade nas línguas ainda é uma questão não totalmente consensual entre os pesquisadores dessa área. Muitas vezes, assume-se que a evidencialidade é um tipo ou uma subcategoria de modalidade epistêmica (cf. Palmer, 2001). Para este autor, a modalidade estaria intimamente ligada às categorias de Tempo e Aspecto, visto que seriam categorias de sentença (*clause*), relacionadas de alguma forma ao evento ou à situação reportada no enunciado. A modalidade estaria relacionada ao *status* da proposição que descreve o evento. Para Tempo e Aspecto interessa o evento ou a situação reportada pelo enunciado. Para o primeiro, interessa o tempo do evento, enquanto que para o Aspecto, interessa a natureza do evento em termos de sua constituição temporal interna. Já para a modalidade, interessa o *status* da proposição que descreve o evento.

Outros autores como Aikhenvald (2003, 2004) estabelecem uma especificação entre modalidade e evidencialidade, assumindo que a evidencialidade constitui uma categoria gramatical por si própria, e que esta se refere estritamente à fonte da informação transmitida. No seu estudo de 2004, Aikhenvald faz uma série de considerações estabelecendo alguns critérios para a análise dos evidenciais, em termos da natureza dessa

categoria gramatical, de sua classificação e do que deveria ser, de fato, considerado um evidencial.

Aikhenvald considera que um morfema para ser considerado evidencial tem que ter a fonte de informação como seu significado central:

“To be considered as an evidential, a morpheme has to have ‘source of information’ as its core meaning; that is, the unmarked, or default interpretation” (Aikhenvald, 2004, p. 3).

Assim, a evidencialidade, neste sentido mais estrito, caracteriza-se por ser uma marca relacionada à fonte de informação do falante, diferente da modalidade epistêmica que está relacionada ao conhecimento/julgamento do falante com respeito ao grau de confiança na informação.

Aikhenvald fala também da possibilidade de um reforço lexical no sentido de que um evidencial pode ser “parafraseado” (*rephrased*) através de itens lexicais, como por exemplo o evidencial visual poderia ser parafraseado como ‘Eu vi’.

Na percepção de Aikhenvald, em línguas em que a evidencialidade é uma categoria gramatical, os falantes seriam **altamente conscientes** do uso dessa categoria. Nessas línguas, indicar como alguém sabe de alguma coisa, é uma obrigação, e os falantes teriam, até mesmo, uma alta consciência metalinguística do uso dos evidenciais.

Those who cannot get their evidential right are in trouble: they are considered linguistically incompetent and generally not worth talking to. Only in some systems can an evidential be omitted if recoverable from the context. This is very much unlike languages where saying explicitly how you know things is a matter of choice for the speaker.
(Aikhenvald, 2004, p. 6).

Em muitas línguas com sistema de evidencialidade gramaticalizado, segundo a autora, os evidenciais constituem uma forma poderosa de manipular o discurso, ajudam a alcançar

uma variedade de efeitos sutis. Saber qual evidencial usar e quando, é uma importante forma de impor autoridade.

Em relação a essas afirmações de Aikhenval, entendemos que cada gênero narrativo seria marcado por evidenciais específicos, e dominar os contextos de uso, mesmo dos evidenciais presentes na comunicação diária, é visto como uma habilidade sofisticada. Para a língua Kaingang, entendemos o uso dos evidenciais como uma forma implicitamente produtiva no seu uso. Conforme minhas próprias observações de falante nativa da língua, não tenho, de fato, percebido essa consciência e metalinguagem explícita dos falantes. No meu entendimento, esse uso implícito seria, na verdade, o que há de mais fascinante em relação a essa categoria, pois do ponto de vista do processamento e produção da linguagem, como processos que estão abaixo do limiar da consciência, a evidencialidade, como parte da gramática da língua, funciona como qualquer outra categoria gramatical. Ou seja, um falante nativo de uma língua com sistema de evidenciais deve saber usar implicitamente a categoria, assim como qualquer aspecto gramatical de sua língua, mesmo sem ter consciência metalinguística explícita dessas categorias.

No mesmo sentido, Lima da Silva (2008), analisando o sistema de evidencialidade para a língua Karo, discute a distinção entre evidencialidade e modalidade epistêmica, assumindo também que a evidencialidade é uma marca relacionada à fonte de informação do falante, enquanto que a modalidade epistêmica está relacionada ao conhecimento/julgamento do falante com respeito ao grau de confiança na informação. Ressalta-se, no entanto, que em algumas línguas essas noções parecem de fato se sobrepor, uma categoria se imbricando na outra. Portanto, essa distinção nem sempre se dá de modo totalmente diferenciado.

Tipologicamente, a evidencialidade é uma categoria gramatical relativamente rara, e tende a ocorrer como traço areal em algumas poucas regiões geográficas, sendo que, no Brasil, a Amazônia é a região de grande concentração de línguas com sistemas de evidencialidade. Dentre essas línguas, as línguas da família Tukano, especialmente as do ramo oriental possuem sistema de marcação de evidencialidade dos mais complexos do mundo (cf. Stenzel, 2006). A Língua Wanano, por exemplo, apresenta marcação obrigatória de

modalidade oracional com 4 categorias principais, com um subsistema de Evidencialidade organizado em 5 categorias: RELATADA, VISUAL, NÃO-VISUAL, INFERÊNCIA e SUPOSIÇÃO. O subsistema de modalidade oracional mais complexo é o sistema de evidencialidade, que marca (primariamente) afirmações no modo *realis*. Esse sistema coloca questões ligadas à relação entre marcação de evidencialidade e a expressão de valores epistêmicos, bem como à relação entre a marcação de evidencialidade e os conceitos de *realis/irrealis*.

Nas línguas Tukano-Oriental, a evidencialidade é marcada obrigatoriamente em todas as frases do tipo indicativo. A marcação acontece no verbo, mas algumas vezes acontece através de construções analíticas com verbos auxiliares.

Na seção seguinte, abordaremos a Categoria de Evidencialidade na língua Kaingang, em que apresentaremos com mais detalhe como essa categoria se estabelece na língua.

3.2 Evidencialidade em Kaingang

O estudo da categoria de evidencialidade é muito recente para a língua Kaingang. Um estudo inicial sobre os evidenciais foi realizado por Nascimento (2013). O presente estudo é, na realidade, a continuação do trabalho feito na minha dissertação de mestrado, na qual consta uma primeira sistematização da categoria de evidencialidade, juntamente com alguns questionamentos sobre a natureza dos evidenciais, como veremos ao longo da presente discussão.

Uma abordagem anterior a este trabalho de Nascimento, relacionada à evidencialidade em Kaingang, é feita por Gonçalves (2011). Este estudo constitui-se em uma descrição das ocorrências de algumas estratégias de evidencialidade em contextos discursivos.

No capítulo 5 da tese de Gonçalves, extensões semânticas dos verbos posicionais *nĩ*, *nỹ*, *jẽ* e *sa* relacionadas à fonte de informação são observadas quando a forma gramaticalizada desses verbos ocorre no final das sentenças. Uma das características desses verbos é descrever a forma e a posição do objeto, se redondo ou comprido, se sentado, deitado,

pendurado ou em pé. Gonçalves relaciona essas extensões dos verbos com fonte de informação, argumentando que para o falante obter essas informações é necessário que ele tenha uma informação visual.

Esses verbos são muito recorrentes na comunicação cotidiana, aparecem em diferentes contexto e muitas vezes reduplicados. Merecem de fato um estudo mais exaustivo, pois sua relação com fonte de informação não está muito clara, pelo menos não no sentido da nossa abordagem, do que estamos tratando como evidencialidade.

Algumas construções que veremos nesse trabalho, também são tratados por Gonçalves (2011) como estratégia de evidencialidade ao invés de evidenciais. As construções *ja nĩ, je tỹ* e *vãnhmỹ* são descritos como estratégia de evidencialidade, tendo praticamente a mesma tradução de “diz que”, o que sinaliza fala reportada, como se pode ver nos exemplos reproduzidos de Gonçalves. Como a própria autora afirma, trata-se de uma abordagem muito inicial com o objetivo de pontuar algumas questões.

(75) *Kỹ ag jeta jagnã jãvó ser hamã.*

então 3PL diz que RECP ‘atirar flechas’(em direção de alguém) assim MD

‘Então (diz que) eles guerrearam’.

(76) *Kỹ ag tỹ jagnã jãvó ja nĩ ser hamã.*

então 3PL MS RECP ‘atirar flechas’(em direção de alguém) PST EXIST assim MD

‘Então (diz que) eles guerrearam’/ ‘Então eles guerrearam, diz que’.

(Gonçalves, 2011, p. 245, exemplos 250 e 251)

(77) *Hỹ'ỹ... Hãra kejẽn isỹ ser vẽnhmỹ tar há ra ser, (...)*

sim mas um dia [1SG]MS assim diz que tar bem quando assim

‘Sim... mas um dia quando eu já estava grandinha, (...)’

(Gonçalves, 2011, p. 264, exemplo 267.9 [A])

Como veremos adiante, para essas construções sugerimos as seguintes definições: a partícula *ja*, apesar de ter sido assumida como evidencial inferencial em Nascimento (2013), no presente trabalho está sendo tratada como estratégia de evidencialidade, pelo fato de não ter sua função primordial de indicar fonte de informação. Os nossos dados sugerem que esse morfema indica inferência ao invés de fala reportada. Quanto ao morfema *je*, esse evidencial codifica informação reportada contrastando com o visual *mỹr* e, apesar de interagir diretamente com o morfema de núcleo oracional *tỹ*, não formam uma construção, são partículas diferentes. Já o termo *vẽnhmỹ* (*kãgra*) em Nascimento (2013) é classificado como sendo um Dubitativo que sinaliza dúvida do falante, e não indica fonte de informação, como sugere Gonçalves (2011).

Com base em autores como Aikhenvald (2003, 2004), Comrie (1976), Palmer (2001), PETERSON, Tyler and SAUERLAND (2010) bem como em alguns estudos sobre línguas indígenas, como o trabalho de Stenzel (2006) e Maia (2002) entre outros, em seu estudo, Nascimento (2013) observou que, na língua Kaingang, o sistema de marcação da evidencialidade se organiza em dois grandes grupos que se opõem quanto à fonte de informação: informações que vêm de outros e informações onde o próprio falante é a fonte da informação, e são organizados basicamente a partir da oposição “Primeira mão X Ouvir dizer (de outros)” como distinção primária. Esse fenômeno de expressão de evidencialidade realiza-se, fundamentalmente, através de morfemas livres.

Nesse estudo, é fornecido um resumo das principais distinções encontradas de marcadores de evidencialidade, mostrando-se que, além dos evidenciais, há também, em Kaingang, a

expressão de miratividade e de modalidade epistêmica, o dubitativo. Ressalte-se que se trata de um estudo inicial para o Kaingang.

Ouvir dizer	Categoria Relatada je - reportativo ne - reportativo (presente na comunicação cotidiana). jetóg - Reportativo (parece ser também um modalizador da credibilidade) něji - Reportativo (ocorre em narrativas chamadas <i>Gufã</i>).
Primeira Mão	Categoria Visual: mỹr - Visual (comunicação cotidiana e em narrativas) tũ – partícula de negação (contrafactual/contra-expectativa, que difere de pi) vẽnhver - evidência visual que requer confirmação.
	Categoria Não-visual: mēm - evidência sensorial, principalmente auditiva.
	Categoria Inferência: ja - constatações.
	Categoria Suposição: hẽn - conclusões lógicas de fatos e consequências.

Tabela 9: Evidenciais em Kaingang - Reproduzido de Nascimento (2013, p. 98)

Fora da tabela com o resumo constam o marcador de miratividade *ne* (*mũ*), que sinaliza informação nova para o falante, surpresa, admiração, e o marcador epistêmico *venhmỹ*(*kãgra*), que marca dubitativo, sinaliza dúvida quanto a verdade da proposição.

Note-se que a organização dessas duas últimas categorias, Miratividade e Modalidade Epistêmica é feita fora do quadro dos evidenciais, pois na ocasião foram tomadas como categorias distintas, embora muitas vezes relacionadas. O morfema *ne*, além de indicar miratividade, é também um núcleo oracional, ocorrendo em posição distinta da maioria dos outros evidenciais assemelhando-se mais com o reportativo *je*.

A partir desta análise de Nascimento (2013), apresentamos a seguir uma análise brevemente reformulada do sistema de evidencialidade. Na tabela 10 abaixo, observe-se o sistema de evidencialidade re-estruturado com ligeiras modificações. Permanece o sistema que distribui as categorias em informação do tipo Ouvir Dizer versus Primeira Mão como distinção primária. Para indicar informações do tipo Ouvir Dizer, temos a categoria Relatada que se subdivide em dois evidenciais reportativos, o evidencial *je* para a comunicação cotidiana e o evidencial *nēji* para narrativas do tipo *Gufã*.

Para indicar informação do tipo Primeira Mão, que indica que a fonte da informação é o próprio falante, temos as categorias Visual, Visual Fraco, Não-Visual, Mirativo e Suposição.

Primeira Mão	mȳr - Visual
	Sensoriais vēnhver Visual Fraco mēm - Não-Visual (Auditivo)
	ne - Mirativo
	hēn - Suposição
Ouvir Dizer	je - Reportativo
	nēji - Reportativo (narrativa <i>Gufã</i>)

Tabela 10: Sistema de evidencialidade em Kaingang

Assumimos a partícula *ne* como mirativo apenas, e não mais como reportativo conforme consta em Nascimento (2013). Nos testes que foram realizados não é sistemático como reportativo já que o reportativo *je* pode co-ocorrer com ele.

Em relação à partícula *ja*, que constava como categoria Inferencial no grupo Primeira Mão, observamos sua ocorrência em diversos contextos com diferentes funções. Às vezes como nominalizador, outras vezes como perfectivo. Por esta razão, preferimos analisar esse

morfema numa seção à parte (3.4), fora do sistema de evidencialidade, como indicador de estratégia de evidencialidade apenas.

Em relação à categoria de Suposição, a partícula *hên* é muito semelhante a um epistêmico e necessita de mais análise e teste. Em Aikhenvald (2004, p.1) há uma definição para dois termos parecidos, em que ela denomina o primeiro como sendo um inferencial, inferido de evidência visual. O segundo seria um evidencial assumido (*assumed*), baseado em raciocínio de conhecimento ou senso comum. Esses dois termos são os que mais se assemelham à modalidade epistêmica. Devido às traduções para o português, muitas vezes se torna difícil fazer um recorte e especificar o que de fato os caracteriza como evidenciais.

Como afirmam alguns autores, a categoria dos evidenciais constitui um tema bastante complexo e interessante, e por isso, tem chamado bastante atenção nos últimos anos, não apenas para a área dos estudos descritivos, mas também para outras áreas como a área da aquisição da linguagem, como veremos mais adiante.

Certos dados sobre essas línguas apresentadas em Aikhenvald e Stenzel me parecem um pouco intrigantes quando comparados com os dados do Kaingang. A obrigatoriedade de marcação da evidencialidade em todas as sentenças, por exemplo, é algo que, ainda não faz muito sentido quando comparando com os dados do Kaingang. Para explorar essa questão da obrigatoriedade de marcação em todas, outros morfemas devem ser considerados, como o mirativo *ne* e as partículas aspectuais de imperfectivo *vẽ* e *nẽ* que ocorrem em sentenças no presente. São questões que ainda precisariam, de fato, de uma melhor sistematização, para poderem ser estabelecidas com maior confiança.

O que também não encontramos acontecendo no Kaingang, é a ocorrência de Visual com Imperfectivo, mas podem ocorrer outros evidenciais, como o Reportativo. Sobre as distinções de tempo que, em algumas línguas, às vezes se refere ao tempo de acesso à informação e não à ocorrência do evento, bem como o uso de Perfectivo/Imperfectivo relacionado à fonte da informação, se acessível ou não, são dados muito interessantes para o estudo da categoria, porém, não encontrados em Kaingang.

Sobre a categoria Suposição em Wanano (Stenzel, 2006), em narrativas (mitos e lendas), vale pontuar alguns questionamentos, como por exemplo, o que justificaria o narrador fazer essas suposições, se seria algo do conhecimento cultural compartilhado. Em Kaingang, o que se observa, de fato, é que em narrativas, muitas vezes, o falante faz reflexões a respeito do que está sendo contado/narrado, mas esses parênteses são muito claros dentro da estrutura do texto narrado. Nessas reflexões, obviamente, aparecem outras noções temporais e outros marcadores evidenciais. O marcador mais comum é o reportativo (*je - nẽji*). Pode também ocorrer o marcador de Suposição *hẽn* (~ *hãn*), mas este só é encontrado em um tipo específico de narrativas, parecidas com fábulas. Observe no exemplo a seguir, reproduzido de Nascimento (2013), o trecho de uma narrativa que fala sobre os cantos dos animais na festa do *kiki*⁹. Essa narrativa fala dos vários namorados que a mula tinha e, nessa festa, eles cantam para ela e todos ficam sabendo do suposto “romance”.

(78)

a. *Jo ã hãn tỹ tĩ nĩ gé, hẽn tóg.*
 e outro SUP NUC andar ASP também SUP NUC
 ‘E (de certo) havia outro também, (de certo)’

b. *Kỹ hẽn tỹ fi, mré tĩ nĩ gé hẽn tóg.*
 então SUP NUC 3SG.F com andar ASP também SUP NUC
 ‘Então (de certo) ele andava com ela também (de certo)’

c. *Kỹ tỹ ser: kakanã jy kãgtyg tĩ fi,*
 então NUC assim fruta para cesto ASP 3SG.F
 ‘Então ele cantava assim: “ela faz cesto para colher frutas,”

⁹ O *kiki* é uma bebida típica da cultura Kaingang, feita de mel e ervas medicinais, fermentado numa espécie de canoa feito de pinheiro. Nesta festa, os animais, assim como as pessoas, bebem o *kiki* e entoam seus cantos.

d. *jěkrug jě fi. Ke mũ.*
 juntar ASP 3SG.F dizer PERF
 ‘ela junta frutas (com o outro), assim dizia’

A partícula *hãn* (~ *hẽn*) indicando Suposição, ocorre duas vezes nas linhas a e b dando a entender a inferência dos que ouvem os cantos. Esse evidencial é geralmente traduzido por “de certo” ou “certamente”.

Em narrativas do tipo mito de origem, é mais provável que ocorra a marca de evidencialidade Visual/Conhecimento compartilhado *mỹr*. Ao contrário do Kaingang, em Wanano, o marcador visual ocorre em sentenças negativas/imperfectivas. Isso mostra que para o Kaingang, a ocorrência do visual é muito mais restrito, não sendo possível em contextos de negação/imperfectivo. Está estritamente ligado com a realização de eventos, como se indicasse que o que não acontece de fato, não é possível ser visualizado ou experienciado, como pode ser observado no exemplo (79), abaixo, em que ocorre o marcador de aspecto perfectivo ao invés do marcador visual.

(79) *Márcia fi pi ěmĩ ko mũ.*
 Márcia 3SG.F NEG bolo comer PERF
 ‘Márcia não comeu o bolo’

É possível também outra construção negativa usando outra partícula de negação com marcas de aspecto ao invés do evidência visual.

(80) *Márcia fi tỹ ěmĩ ko tũ nĩ nỹ.*
 Márcia 3SG.F NUC bolo comer NEG ASP
 ‘Márcia não comeu o bolo (como se esperava que ela comesse)’

O que se verifica no Kaingang é o marcador visual ocorrer não na negação do evento em si, mas no evento de negar-se a fazer alguma coisa:

(81) *Márcia fĩ tỹ ãmĩ ko tũg mỹr.*

Márcia 3SG.F NUC bolo comer NEG VIS

‘Márcia não quis comer o bolo/se negou/recusou a comer’

É como se a marca de NEG se verbalizasse com o sufixo -g. Essa sentença é diferente de ‘Márcia não comeu o bolo’, em que se usa outra partícula de negação na posição de núcleo oracional e ocorre a marca de modo/aspecto no final da sentença ao invés do evidência visual.

A partícula de evidência visual exige um evento realizado: nesse caso, o evento de recusar-se a fazer alguma coisa, como num contexto em que alguém oferece bolo para a Márcia e ela se recusa a aceitar.

Na língua Kaingang, observamos que a categoria de evidencialidade interage diretamente com outras categorias, como é o caso dos núcleos oracionais. Desta maneira, objetivou-se fazer na próximas seções, uma descrição do sistema de evidencialidade, buscando entender sua natureza e seu funcionamento, explorando sua relação com os núcleos oracionais.

3.3 Evidenciais e núcleos oracionais

Nesta seção, procuramos mostrar a interação entre os núcleos oracionais e os evidenciais. Os evidenciais parecem estar diretamente relacionadas com a categoria da Flexão e modo (realis/irrealis).

mỹr - Evidência Visual somente com *tỹ*

O evidencial visual *mỹr* só aceita o núcleo oracional *tỹ* (a partícula *tóg* precisa ser mais bem testada), como mostram os exemplos a seguir:

(82) *Mỹrinh fi tỹ jun mỹr.*

Maria 3SG.F NUC chegar VIS

‘Eu vi que Maria chegou’

(83) *Mỹrinh fi tỹ vẽnhyg mỹr.*

Maria 3SG.F NUC sorrir VIS

‘Eu vi que Maria sorriu’

(84) *Mỹrinh fi tỹ ẽmĩ ko mỹr.*

Maria 3SG.F NUC pão comer VIS

‘Eu vi que Maria comeu o pão’

Essa partícula, *mỹr*, ocorre somente em contextos de tempo passado, ou evento realizado, concluído, excluindo a ocorrência de quaisquer marcas de aspecto ou modo, pois essas têm a mesma posição que a partícula.

Como já mencionados anteriormente, em construções de negação, tanto com *pi* quanto com *tũ*, o marcador visual *mỹr* não ocorre,

(85) *Mỹrinh fi pi vẽnhyg (mũ).*

Maria 3SG.F NEG sorrir (PERF)

‘ Maria não sorriu’

(86) *Mỹrinh fi tỹ vẽnhyg tũ nĩ nỹ.*

Maria 3SG.F NUC sorrir NEG ASP

‘Maria não sorriu (como se esperava que ela sorrisse)’

Curiosamente, temos a marca *mỹr* em construções de negação, mas com evento (pontual):

(87) *Mỹrinh fi tỹ ẽmĩ ko tũg mỹr.*

Maria 3SG.F NUC pão comer NEG VIS

‘Eu vi que Maria não quis comer o pão’

Observe que as partículas de negação têm escopos diferentes, ocupando posições diferentes nas sentença. O marcador *mỹr* indica a visualização de eventos. Por exemplo, o evento de não aceitar o pão e não a proposição como um todo. Esse marcador indica evidência visual ou experienciada e ocorre geralmente no final de sentenças afirmativas e está estritamente relacionada com a ocorrência de fatos no passado (PERF/Realis). Não aparece em nenhum outro contexto temporal. E como mostrado em (87), pode ocorrer em sentenças de negação, porém, não exatamente a negação da proposição em si, mas sim do evento de negar-se a fazer alguma coisa. A noção expressa por esse tipo de sentença é exatamente como está traduzido ‘Eu vi que Maria não quis comer o pão’. O evidencial expressa isso, “eu vi alguma coisa”. O que é diferente da noção expressa com a partícula de negação *pi*, em que não existe evento “Maria não chegou”.

je - Reportativo somente com o núcleo oracional *tỹ*

Esse evidencial marca informação reportada e aceita como núcleo oracional a partícula *tỹ* em sentenças assertivas, *pi* em sentenças negativas e *mỹ* em sentenças interrogativas.

Em (88) temos uma sentença assertiva.

- (88) *Mỹrinh fi je tỹ jun.*
 Maria 3SG.F REP NUC chegar
 ‘Dizem que Maria chegou’

Em (89) temos uma sentença negativa com a partícula de negação *pi*.

- (89) *Mỹrinh fi pi je jun mũ.*
 Maria 3SG.F NEG REP chegar PERF
 ‘Dizem que Maria não chegou’

Em (90) temos uma sentença interrogativa com a marca de Interrogação *mỹ*.

- (90) *Mỹrinh fi mỹ je jun?*
 Maria 3SG.F INT REP chegar
 ‘É verdade que Maria chegou?’

Observe-se que na sentença assertiva (88) o evidencial reportativo ocorre antes do núcleo oracional. Já na sentença negativa (89) e interrogativa (90), o evidencial ocorre após os núcleos oracionais.

ne - Mirativo com a partícula *tỹ* e sem o *tỹ*

Essa partícula tem um comportamento diferenciado dos outros evidenciais. Em certos contextos aparece sozinha na sentença na função de núcleo oracional e outras vezes interage com o núcleo oracional *tỹ* em algumas situações apresentando uma característica muito parecida com o Reportativo *je*, como exemplificado nos exemplos (91) e (92).

(91) *Mỹrinh fi ne tỹ jun.*
 Maria 3SG.F MIR NUC chegar
 ‘Dizem que Maria chegou’

(92) *Mỹrinh fi ne tỹ vẽnhy.*
 Maria 3SG.F MIR NUC sorrir
 ‘Dizem que Maria sorriu’

No entanto, no exemplo (93) o reportativo *je* co-ocore na mesma sentença, o que reforça a ideia de que a partícula *ne* seja somente Mirativo mesmo.

(93) *Mỹrinh fi ne tỹ je vẽnhy.*
 Maria 3SG.F MIR NUC REP sorriu
 ‘Dizem que Maria sorriu’

Nos exemplos (94), (95) e (96) abaixo, sem o núcleo oracional *tỹ* e o Reportativo *je* permanece a noção de miratividade, indicando surpresa do falante.

(94) *Mỹrinh fi ne jun .*
 Maria 3SG.F MIR chegar
 ‘Maria chegou’

(95) *Mỹrinh fi ne vẽnhyg .*
 Maria 3SG.F MIR sorrir
 ‘Maria sorriu’

- (96) *Mỹrinh fi ne jun ja nĩ.*
 Maria 3SG.F MIR chegar PERF ASP
 ‘Estou surpreso que Maria chegou’

Por esta razão, assumimos essa partícula como um marcador de miratividade apenas, indicando informação de primeira mão, e não mais como reportativo, como consta em Nascimento (2013).

vẽnhver - Evidencial visual fraco e *mẽm* - Evidencial Não-Visual (sobretudo auditiva)

Dentre os evidenciais do grupo Primeira Mão, temos dois evidenciais que apresentam comportamento diferente dos demais evidenciais. O primeiro é o categoria Visual Fraco *vẽnhver*, e o segundo é o Não-Visual *mẽm*. São mais flutuantes na sentença e podem co-ocorrer com o evidencial visual *mỹr* em asserções com *tỹ*. Nos exemplos (97), (98) e (99) é possível verificar essa flutuação do evidência Visual Fraco.

- (97) *Mỹrinh fi tỹ vẽnhver jun mỹr.*
 Maria 3SG.F NUC VISF chegar VIS
 ‘(“Parece que”)Maria chegou’

- (98) *Mỹrinh fi tỹ vẽnhyg mỹr vẽnhver.*
 Maria 3SG.F NUC sorrir VIS VISF
 ‘(“Parece que”) Maria sorriu’

- (99) *Vẽnhver Mỹrinh fi tỹ ẽmĩ ko mỹr.*
 VISF Maria 3SG.F NUC pão comer VIS
 ‘(“Parece que”) Maria comeu o pão’

O evidencial *mēm* - Evidencial Não-Visual - indica informação auditiva do falante sobre o evento. Parece ter se originado do verbo ‘ouvir’ *mē*. Possui as mesmas características do evidencial anterior, podendo ocupar diferentes posições na sentença. Acompanhe os exemplos (100), (101) e (102) a seguir apresentados.

(100) *M̃yriṅh fi t̃y mēm jun m̃yṛ.*
 Maria 3SG.F NUC N.VIS chegar VIS
 ‘Ouvi que Maria chegou’

(101) *M̃yriṅh fi t̃y ṽēnhyg m̃yṛ mēm.*
 Maria 3SG.F NUC sorrir VIS N.VIS
 ‘Ouvi que Maria sorriu’

(102) *Mēm M̃yriṅh fi t̃y ti to jũ m̃yṛ.*
 N.VIS Maria 3SG.F NUC 3SG.M POSP brigar VIS
 ‘Ouvi que Maria brigou com ele’

ṽēnhver/mēm - sem núcleos oracionais

Observamos também construções em que ocorrem esses evidenciais sem a presença de núcleos oracionais. O que parece acontecer é que essas construções soam como perguntas confirmativas, tipo o “não é?” do português. A partícula *ke* significa ‘fazer’ que é diferente do verbo pleno *han* ‘fazer’. Essa partícula aparece em muitas construções seguindo outros verbos, geralmente verbos com características de onomatopéias. Porém, como exemplificado em (51), ele também segue verbos plenos.

- (103) *Mỹrinh fĩ vễnhver jun ke.*
 Maria 3SG.F VISF chegar fazer
 ‘(“Parece que”) Maria chegou’

Numa tradução livre pode ser entendido como ‘(“parece que”) fez-se a chegada de Maria’. É uma partícula muito recorrente na comunicação cotidiana que, de fato, precisa ainda de uma melhor análise, pois muda a estrutura da sentença, dispensando os núcleos oracionais, mas que aceita os evidenciais *vễnhver e mẽm*. Observe-se os exemplos.

- (104) *Mỹrinh fĩ vễnhver ẽmĩ ko ke.*
 Maria 3SG.F VISF pão comer fazer
 ‘Parece que Maria comeu o pão’

- (105) *Mỹrinh fĩ mẽm jun ke.*
 Maria 3SG.F N.VIS chegar fazer
 ‘Ouvi que Maria chegou’

hễn - Marca de Suposição/Inferência

Essa partícula tem posição fixa na oração, ocorre entre o sujeito e o marcador oracional *tỹ*. É geralmente traduzida como ‘de certo’, expressa conclusões ou suposições lógicas do falante. É recorrente também na comunicação cotidiana e na introdução de narrativas.

- (106) *Mỹrinh fĩ hễn tỹ jun.*
 Maria 3SG.F SUP NUC chegar
 ‘Maria certamente chegou’

(107) *Mýrinh fĩ hẽn tỹ ěmĩ kó.*
 Maria 3SG.F SUP NUC pão comer.PASS
 ‘Maria certamente comeu o pão’

Quadro resumo da interação entre evidenciais e núcleos oracionais

Substanciando a análise feita acima, apresentamos, nas tabelas a seguir, um quadro resumido da relação entre os tipos de evidenciais e os núcleos oracionais, indicando as posições que cada um ocupa nos diferentes tipos de sentenças em ordem canônica do Kaingang. Nas tabelas, a posição dos diferentes tipos de evidenciais é indicada pelos colchetes []. Note que alguns deles são mais livres, podendo ocorrer em diversas posições dentro da sentença.

Na tabela 4, a seguir, apresentamos o quadro de ocorrência dos evidenciais dentro de um enunciado assertivo de ordem SOV, ordem padrão do Kaingang. Observe-se na terceira coluna que todos os evidenciais interagem com o núcleo oracional *tỹ* (~ *tóg*).

Sujeito	[]	NÚCLEO	[]	Objeto	Verbo	[]
		<i>tỹ</i>				<i>mýr</i> VIS
[]		<i>tỹ</i> /...	<i>mẽm</i> NãoVis			(____ou ASP [])
[]		<i>tỹ</i> /...	<i>vẽnhver</i> VISF			(____ou ASP [])
	<i>hẽn</i> INF	<i>tỹ</i>				(ASP)
	<i>je</i> REP	<i>tỹ</i>				(ASP)
	<i>něji</i> REP					ASP
	<i>ne</i> MIR	-				Modo/ASP

Tabela 11 - Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Assertivas

Observe na segunda linha da tabela, que o Evidencial Visual *mÿr* tem posição fixa, podendo ocorrer somente no final da sentença após o verbo. Esse evidencial exclui outras categorias como as marcas tanto de Modo quanto de Aspecto, que também teriam posição final na sentença.

Somente os evidenciais Não Visual *mēm* e Visual Fraco *vēnhver*, indicados na terceira e quarta linha, aceitam outros evidenciais. Esses evidenciais também podem ocupar tanto a posição inicial quanto a posição final da sentença, posposicionados aos marcadores de modo ou aspecto.

Quanto ao Inferencial/Suposição *hēn* e os Reportativos *je* e *nēji* indicados nas linhas cinco, seis e sete, respectivamente, esse também ocupam posição fixa na sentença, ocorrendo entre o sujeito e o núcleo oracional. Os três evidenciais aceitam marcas de aspecto no final da sentença.

O mirativo *ne*, indicado na última linha, também tem posição fixa logo após o sujeito como núcleo oracional. Aceita marcas de modo e aspecto no final da sentença. Em algumas variedades dialetais, como o dialeto de Nonoai, aparece como uma variação do reportativo *je* pronunciado *ne ~ nĩ*.

Na tabela 12, apresentamos a posição dos evidenciais em enunciados negativos de ordem SOV. Nas sentenças de Negação com *pi*, temos as seguintes observações sobre o comportamento dos evidencias:

- i) O visual *mÿr*, o mirativo *ne* e o reportativo *nēji*, não ocorrem nesse tipo de sentença;
- ii) Os demais evidenciais indicados na terceira coluna ocorrem na mesma posição, logo após o núcleo oracional de negação e também no final da sentença, depois das marcas de aspecto e modo. Para o inferencial *hēn* e o reportativo *je* esse deslocamento para o final da sentença é muito natural no contexto de negação.

Sujeito	NEG (pi)	[]	Objeto	Verbo	[]
		mēm NãoVis			ASP/Modo []
		vēnhver VISF			ASP/Modo []
		hēn INF			ASP/Modo []
		je REP			ASP/Modo []

Tabela 12: Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Negativas com pi

Nas sentenças de Negação com *tũ*, na tabela 6, observamos a ocorrência dos mesmo evidenciais da tabela anterior, das sentenças de Negação com a partícula *pi*. A diferença que se observa é a posição da partícula *tũ* que ocorre após o verbo, e também, a necessidade de núcleos oracionais.

Sujeito	NÚCLEO	[]	Obj.	Verbo	NEG (tũ)	[]
		mēm AUD				ASP/Modo []
		vēnhver VISF				ASP/Modo []
		hēn INF				ASP/Modo []
		je REP				ASP/Modo []

Tabela 13: Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Negativas com tũ

Nas sentenças Interrogativas, tabela 7, temos a partícula interrogativa *mỹ* como núcleo oracional e a ocorrência dos mesmos evidenciais das duas tabelas anteriores, apresentando um comportamento sistemático quanto a sua posição dentro da sentença. Ocorrem logo após a partícula de núcleo oracional, podendo ocorrer também no final da sentença.

Sujeito	INT(mỹ)	[]	Objeto	Verbo	[]
		mēm AUD			ASP/Modo []
		věnhver VISF			ASP/Modo []
		hēm INF			ASP/Modo []
		je REP			ASP/Modo []

Tabela 14: Evidenciais e Núcleos Oracionais em Sentenças Interrogativas com mỹ

Com esta análise, podemos concluir que os dados mostram que existe, de fato, uma interação entre os núcleos oracionais, os evidenciais e as marcas de modo/aspecto nos diferentes tipos de sentenças.

3.4 O morfema *ja* como estratégia de evidencialidade

Em Nascimento (2013), esse morfema havia sido classificada como evidencial Inferencial. No entanto, para o presente estudo, propomos reanalizá-lo como um morfema, que entre outras funções, indica estratégia de evidencialidade, visto que parece oscilar entre várias noções como nominalizador, perfectividade e também Inferência. Acompanhem os exemplos, a seguir, em que mostramos essas funções de *ja*. Quando ocorre no nível da palavra indica instrumento ou objeto com o qual se faz alguma coisa.

No exemplo (108) temos o morfema ocorrendo no nível da palavra que significa ‘espelho’

(108) *věnhveja*

REFL.ver.NOM

‘espelho/objeto com o qual você vê a si mesmo’

Em sentença assertiva simples, o morfema ocorre marcando perfectividade, trazendo também uma noção de fato não atestado, como ilustra o exemplo (109)

- (109) *Gĩr ag vỹ ãmĩ ko ja nĩ.*
 criança 3PL.M NUC bolo comer PERF ASP
 “Os meninos comeram o bolo”.

Ocorre também em sentença negativa e interrogativa com a mesma noção.

- (110) *Gĩr ag pi ãmĩ ko ja nĩ.*
 criança 3PL.M NEG bolo comer PERF ASP
 “Os meninos não comeram o bolo”.

- (111) *Gĩr ag mỹ ãmĩ ko ja.*
 criança 3PL.M INT bolo comer PERF
 “Os meninos comeram o bolo?”.

Na comunicação cotidiana é muito comum escutar a ocorrência do morfema em sentenças sem núcleo oracional, como em (112)

- (112) *Mỹrinh fi jun ja.*
 Maria 3SG.F chegar PERF
 ‘Maria chegou/A chegada de Maria’

Parece tratar-se mais uma vez de nominalização, com uma espécie de “elipse” ou pagamento da oração matriz, conforme mostra o exemplo em (113), em que aparece *ke tĩ* ‘dizem/contam’ como oração matriz.

- (113) *Mỹrinh fi jun ja, ke tĩ.*
 Maria 3SG.F chegar PERF dizer HAB
 ‘Contam da chegada de Maria’

É possível encontrar uma outra tradução como ‘dizem que Maria chegou’. Caso houvesse um sujeito explicito, apareceria a marca de núcleo oracional *tỹ*.

3.5 Imperativos - ausencia de núcleos oracionais

Visto que os núcleos oracionais são termos característicos de orações finitas, em frases imperativas, esses morfemas não ocorrem, como mostram os exemplos que seguem.

- (114) *Kur tĩg escola to.*
 FUT.IMED ir escola para
 ‘Vá para a escola agora!’

- (115) *João kur tĩg escola to.*
 João FUT.IMED ir escola para
 ‘João, vá para a escola agora!’

Imperativo com Negação

(116) *Ker kó hã’.*

Não comer INTERJ

‘Não coma!’

(117) *Márcia ker kó hã’.*

Márcia não comer INTERJ

‘Márcia, não coma!’

As construções imperativas negativas (116) e (117) de proibição, o morfema de negação *ker* é diferente do morfema de negação *pi* que compõe a categoria dos núcleos oracionais. Conforme os dados apresentados, pode-se notar que os núcleos oracionais licenciam orações matrizes e interagem com os evidenciais.

4. O ESTUDO DOS EVIDENCIAIS E A PSICOLINGUÍSTICA EXPERIMENTAL

Como já indicado na introdução desta tese, uma parte importante do estudo sobre Evidencialidade na língua Kaingang será realizada através de procedimentos experimentais, utilizando técnicas da Psicolinguística Experimental. Além dos dados coletados em campo para o estudo do sistema de Evidencialidade, propusemo-nos a iniciar um trabalho pioneiro de análise do ponto de vista do Processamento da Linguagem, utilizando metodologias experimentais para capturar os processos de compreensão na leitura e na oralidade de estruturas contendo marcadores evidenciais.

Para isso, levamos em conta algumas questões que surgem, tais como: o que essas estruturas gramaticais chamadas de marcas de evidencialidade estariam de fato codificando, uma vez que essas estruturas desencadeiam operações mentais com relação a informações implícitas? Qual a importância que se deve dar ao uso dos marcadores evidenciais na elaboração de um texto escrito? Até que ponto é relevante levar em consideração esses elementos gramaticais? Será que podemos recorrer a eles como recurso quando pensamos em veracidade ou relevância de informação? E, como propósito desse questionamento: de que maneira a Linguística e, particularmente, a Linguística Experimental pode contribuir na busca do estabelecimento mais preciso das nuances de significado que as partículas de evidencialidade codificam nas línguas?

Além disso, também, utilizando procedimentos experimentais e análise acústica, faremos uma breve discussão sobre possíveis relações dos evidenciais com a chamada recursividade, trazendo algumas questões sobre a semelhança entre a estrutura acústica de oração encaixado e orações simples contendo marcador evidencial. Os dados analisados sugerem que a língua Kaingang parece refletir estruturas recursivas na sua prosódia, e além disso, os evidenciais parecem indicar estruturas recursivas.

4.1. Técnicas utilizadas

A Psicolinguística Experimental tem como objetivo central descrever e analisar os processos através dos quais o ser humano compreende e produz expressões linguísticas. Embora, à primeira vista, possa parecer que esses processos sejam simples, pois os realizamos de modo quase automático no dia a dia, trata-se, na verdade, de processos complexos que se realizam através de um conjunto de procedimentos mentais denominados *processamento linguístico*. Nesse sentido, a Psicolinguística Experimental, através de suas diferentes técnicas de investigação, busca fornecer aferições mais detalhadas e precisas na testagem de hipóteses que procuram explicar como o processamento linguístico tem lugar na mente dos seres humanos.

As principais técnicas experimentais utilizadas na Psicolinguística Experimental podem ser classificadas como técnicas *on-line* e *off-line*. Essas técnicas caracterizam-se pelo tipo de informações que se obtém através de cada uma delas. Os experimentos de medidas *on-line* baseiam-se em medidas a reações obtidas no momento em que a audição/leitura está em curso, são medidas praticamente simultâneas ao processo. Os experimentos de medida *off-line*, por outro lado, baseiam-se em respostas dadas pelos indivíduos após estes terem ouvido ou lido um estímulo linguístico - uma frase ou um texto - no momento em que o processamento já foi finalizado (cf. Leitão, 2010).

Os instrumentos utilizados para o presente estudo são os testes de leitura e audição automonitorada e, pioneiramente no Brasil, de rastreamento ocular da leitura e de imagens. O aparelho de rastreamento ocular, além de captar o foco da visão, é capaz de medir em milésimos de segundo o tempo de permanência desse foco em cada detalhe que constitui a estrutura textual ou da imagem, durante a atividade de leitura e/ou inspeção visual de imagens.

O monitoramento do olhar humano permite não apenas compreender melhor o funcionamento do próprio aparato visual, mas também estabelece indicadores confiáveis dos processos atencionais, sendo por isso de grande interesse para a investigação de processos cognitivos tais como a compreensão da

linguagem. [...] Embora a maior parte dos movimentos sacádicos seja progressivo, entre 10 a 15% desses movimentos são regressivos, refixando material escrito anterior, o que é associado, na literatura, a dificuldades de processamento de itens lexicais ou de estruturas frasais (cf. Kennedy & Murray, 1987). De modo geral, esses três índices – movimentos sacádicos, fixações e a ocorrência de regressões – são usados na literatura para inferir os processos cognitivos de momento a momento na leitura de palavras e frases (Just & Carpenter, 1980). Conforme se aprende em Rayner (1998), esses parâmetros do olhar são extremamente úteis para se compreender os detalhes de processos lingüísticos tais como a resolução da co-referência pronominal, a ambigüidade sintática e lexical, entre muitos outros. (Maia, 2010).

A especialidade da Psicolinguística conhecida como Processamento da Linguagem constitui um campo de pesquisas extremamente produtivo, embora ainda relativamente pouco praticado no Brasil. O objetivo central das teorias de processamento de frases é o de identificar os procedimentos psicologicamente reais que colocamos em jogo ao produzir e compreender palavras e frases. A utilização de procedimentos experimentais, suficientemente precisos, para capturar os processos sutis de compreensão de estruturas contendo partículas de evidencialidade pode nos fornecer pistas importantes em relação aos processos mentais ativados por essas estruturas gramaticais.

O procedimentos experimentais da presente tese são desenvolvidas na plataforma *Psyscope* para computador *Apple Macintosh* (*oral/sentence picture matching*, leitura auto-monitorada, decisão lexical, julgamento imediato de compatibilidade/gramaticalidade). A metodologia de rastreamento ocular foi desenvolvida em equipamento TOBII TX300, através do programa Tobii Studio.

Essas técnicas, em uso rotineiro com falantes de português, no laboratório LAPEX (UFRJ/CNPq), coordenado pelo Prof. Marcus Maia já vêm sendo também estendidas a falantes de algumas línguas indígenas, como o Karajá, o Maxakalí o Xavante e, agora, o Kaingang, explorando diferentes questões gramaticais. Línguas essas, que ainda não foram adequadamente estudadas do ponto de vista do processamento da linguagem. Desta forma, por seu ineditismo, os resultados dessas pesquisas têm o potencial de revelar fatos de

grande impacto teórico no que se refere à pesquisa sobre os processos cognitivos da análise gramatical.

A Psicolinguística Experimental, portanto, tem um grande potencial de contribuir de modo importante na busca de aferições mais precisas das nuances de significados que as partículas de evidencialidade codificam nas línguas, e de modo geral, possibilita formular explicações melhor fundamentadas sobre fenômenos gramaticais em línguas indígenas ainda pouco conhecidas. Sobretudo, poderia também nos fornecer pistas que contribuam para identificar as distinções das categorias Tempo, Aspecto, Modo e Evidencialidade - TAME, visto que são categorias intimamente ligadas entre si, impondo, portanto, um desafio metodológico, para a sua caracterização adequada.

4.2. Evidencialidade e Processamento

A categoria gramatical de evidencialidade na língua Kaingang começou a ser descrita em Nascimento (2013), a partir da intuição de falante nativa da própria autora sobre essas estruturas gramaticais que não constavam na literatura existente sobre essa língua. Nesta tese, a análise passou por uma breve reformulação e, em seguida, procedeu-se à elaboração dos experimentos a fim de obter aferições empiricamente precisas desses fenômenos.

Afim de verificar os processos de compreensão dos marcadores evidenciais direto (*mỹr*) e indireto (*je*) por falantes adultos, foram aplicados dois experimentos. O primeiro experimento é o de compreensão *off-line* do evidencial visual *mỹr* e do reportativo *je* na modalidade auditiva. Através de um subgrupo de frases testamos também o frustrativo *vã*. O segundo experimento é o de Rastreamento ocular do evidencial visual *mỹr* e o reportativo *je* na modalidade visual. Esse tipo de experimento possibilita verificar se os evidenciais são reais psicologicamente em uma tarefa *on-line* de leitura para os falantes de Kaingang.

A natureza do método de rastreamento ocular permite verificar/medir de que maneira o participante distribui a atenção sobre uma “exibição visual” mapeando com movimentos

sacádicos (numa média de 5 sacadas por segundo). A maioria dessas sacadas são processos subconscientes, resultado da combinação de fatores externos como luminosidade e movimento, e fatores internos, como os fatores cognitivos que determinam a mudança de atenção. Os movimentos do olho são linguisticamente mediados através dos links referenciais que existem entre expressões linguísticas e seus referentes no mundo. Ou seja, comportamento dos movimentos sacádicos tem como principal objetivo estabelecer referência. Sujeitos fazem movimentos sacádicos “previsíveis” antecipando um referente que esta por vir, por exemplo, quando o verbo fornece alguma informação dos prováveis argumentos, dessa forma, os movimentos do olho refletem o output das complexas computações linguísticas (cf. Julie C. Sedivy, 2010). É exatamente o que acontece com os evidenciais durante o processamento, como mostrado pelos resultados.

No contexto das línguas indígenas no Brasil, é notória a preocupação em documentar a história dos diferentes povos através de diversos meios como audiovisuais e da própria escrita, buscando-se desenvolver, por exemplo, literaturas em línguas indígenas. Neste sentido, no Kaingang, registram-se fatos históricos de lutas e conquistas de territórios assim como as narrativas da nossa literatura oral que falam de tempos ancestrais e mitológicos caracterizados por seus “valores de verdade”. Como já demonstrado em vários estudos, entre eles Franchetto (2003), as línguas trazem marcas gramaticais, como a evidencialidade e a modalidade epistêmica, que caracterizam diferentes gêneros narrativos. Em Kaingang, em narrativas míticas, encontramos várias construções contendo partículas de evidencialidade, conforme exemplificadas em (118) abaixo.

- (118) *Kanhgág ve ag je tỹ ga ki kãpa kỹ nỹtĩ.*
 kaingang primeiro 3PL REPORT NUC terra POSP sair então ASP
 ‘(Conta-se) os primeiros Kaingang originaram-se da terra.’

O marcador *je* que sinaliza informação reportada se diferencia do marcador epistêmico *vẽnhmỹ*, que sinaliza dúvida do falante quanto à verdade da proposição. Os dois marcadores podem co-ocorrer na mesma sentença, tornando muito clara a diferença entre as duas

categorias, ou seja, não há dúvidas de que cada um dos marcadores pertencem a categorias diferentes, a evidencialidade e a modalidade epistêmica, indicando que em Kaingang essas categorias são categorias distintas.

Saber identificar entre uma e outra torna-se fundamental para a comunicação entre os falantes. São questões dessa natureza que pretendemos detectar com os estudos experimentais.

A partir da postulação de que as línguas tem a possibilidade de refletir no domínio prosódico estruturas de encaixe recursivas ou estruturas de nivelamento prosódico plano (*prosodic flatness*), foi também realizado um estudo exploratório de análise acústica dos evidenciais reportativos em Kaingang. O objetivo foi o de averiguar se a língua Kaingang reflete em sua estrutura prosódica os encaixes recursivos e, mais do que isso, averiguar se há correlações no nível prosódico entre estruturas de sentenças contendo evidenciais e estruturas de orações subordinadas. Ou seja, devido a complexidade estrutural e semântica dos evidenciais na codificação de informações relacionadas à fonte de informação acessada pelo falante, se direto ou indireto, esses evidenciais ativam processos mentais distintos no seu processamento. Por esta razão, trabalhamos com a hipótese de que os evidenciais possam estar refletindo em sua estrutura prosódica algumas pistas dessa complexidade.

Dessa maneira, além das análises acústicas, apresentamos, também, um estudo de processamento de sintagmas posposicionais encaixados e coordenados em Kaingang e em português, com o objetivo de explorar algumas questões sobre estruturas recursivas.

4.2.1 Estudo *off-line* de compreensão de evidenciais

Experimento 1 - Avaliação *off-line* de compatibilidade

Nesta seção, reportamos um experimento *off-line* cronométrico investigando evidenciais na língua Kaingang. Verificamos a compreensão de dois marcadores de evidencialidade que se opõem quanto à fonte da informação, a saber, *mÿr* para informação visual e *je* para informação reportada. Objetivou-se testar com precisão de milésimos de segundo a

interpretação semântica que os falantes atribuem a essas partículas. Através de um subgrupo de sentenças, incluídas no experimento, testamos, também, a partícula de modalidade *vã*, que indica uma consequência frustrada da ação do verbo principal. O experimento foi aplicado a falantes nativos de Kaingang residentes na Terra Indígena Nonoai, localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul.

O experimento baseou-se no paradigma de audição automonitorada com avaliação de compatibilidade dos seguintes tipos de sentenças: i) sentenças com os evidenciais visual e reportativo, seguidas de sentenças complementos; e ii) sentenças com frustrativo e não-frustrativo, também seguidas de sentenças complementos. As orações complementos podiam confirmar ou não a evidencialidade pretendida na primeira oração. Formaram-se, desta maneira, condições simétricas e assimétricas, consistindo a tarefa experimental em avaliar a compatibilidade entre as sentenças e seus complementos. Registraram-se, como variáveis dependentes do experimento, além dos índices de julgamento, também os tempos médios de decisão. As sentenças foram distribuídas em um desenho do tipo quadrado latino, dividindo-se os materiais em 4 versões, de modo que os participantes do experimento fossem expostos a todas as condições, mas não às diferentes versões das mesmas frases, que são comparadas “entre sujeitos”. Cada versão foi aplicada a 8 participantes, totalizando 32 participantes, todos falantes nativos de Kaingang.

A previsão era de que as condições simétricas teriam o maior índice de aceitabilidade, bem como o tempo de decisão mais rápido do que nas condições assimétricas.

Hipótese:

As hipóteses testadas foram as seguintes: i) Uma sentença com a partícula *mỹr* que indica informação visual só aceita como complemento a sentença ‘eu vi que isso aconteceu’. Da mesma forma, uma sentença com a partícula *je* que indica informação reportada só aceita como complemento a sentença ‘contaram-me que isso aconteceu’; ii) Em relação à partícula *vã* que indica frustrativo, uma sentença com esse marcador só aceita como complemento uma sentença como o marcador adversativo *hãra* ‘mas’ já que se trata de uma consequência frustrada.

Variáveis independentes:

As variáveis independentes foram: o tipo de evidencial (visual, reportativo, frustrativo, não frustrativo), a simetria (simétrico e não simétrico) e a aceitabilidade (sim e não). Obtivemos, portanto, um design do tipo 4x2x2, gerando 16 condições experimentais, distribuídas em quadrado latino com 4 versões.

Variáveis dependentes: tempos médios de julgamento e índices de resposta.

MétodoMaterial e procedimentos:

Para as condições simétricas de evidenciais, os estímulos auditivos se davam da seguinte maneira: Uma sentença com o evidencial visual *mỹr* (EV) tendo como complemento a sentença “eu vi que isso aconteceu” (CV), formando a condição simétrica (EV-CV) para o tipo de evidencia visual. Da mesma forma, uma sentença com o evidencial reportativo *je* tendo como complemento a sentença “me contaram que isso aconteceu”, formando a condição simétrica (ER-CR) para o tipo de evidencia reportada.

Para as condições assimétricas, apresentava-se uma sentença com evidencial visual seguida do complemento com reportativo, formando a condição assimétrica (EV-CR) para a evidencia visual. Da mesma forma, apresentava-se uma sentença com evidencial reportativo seguida do complemento com evidencial visual, formando a condição assimétrica (ER-EV) para evidencia reportada. Observem-se os materiais exemplificados no quadro 1.

EV. Nẽnẽ	tỹ	pénky gãm	mỹr.	
criança	NUC	prato	quebrar	VIS
'a criança quebrou o prato'				
ER. Nẽnẽ	je	tỹ	pénky gãm.	
criança	REP	NUC	prato	quebrar
'a criança quebrou o prato'				
CV. Vég	mỹr	inh.		
ver.PASS	VIS	1SG		
'eu vi'				
CR. Inh	mỹ	tó	mỹr	fag.
1SG	POSP	contar	VIS	3PL
'elas me contaram'				

Quadro 3: Exemplo de materiais testados

Para testar a compreensão da partícula de modalidade *vã*, apresentava-se uma sentença com a partícula de frustrativo (DF - declarativa com frustrativo) seguida de complemento marcado pela partícula *hãra* - traduzida por 'mas' (CF - complemento com frustrativo), formando assim a condição simétrica (DF-CF) para o frustrativo. Da mesma forma, para a condição simétrica de não-frustrativo (DN - declarativa com não-frustrativo), apresentava-se uma sentença sem a partícula de frustrativo seguida do complemento marcado pela partícula *kỹ* - traduzida por 'então' (CN - complemento com não-frustrativo), formando assim a condição (DN-CN).

Para as condições assimétricas, apresentava-se uma sentença com a partícula de frustrativo (DF) seguida de complemento marcada pela partícula *kỹ* - traduzida por 'então' (CN), formando assim a condição assimétrica (DF-CN) para frustrativo. Da mesma forma, para a condição assimétrica de não frustrativo (DN-CF), apresentava-se uma sentença sem a

partícula de frustrativo (DN) seguida do complemento marcada pela partícula *hãra* - traduzida por ‘mas’ (CF).

Resultados

Os resultados obtidos, no geral, apoiam as nossas hipóteses. Os índices de aceitação e os tempos médios de resposta mostram que os falantes testados tendem a aceitar como complemento sentenças que tenham conteúdo semântico convergentes com as noções codificadas por essas partículas.

Da mesma forma, os participantes aceitam melhor como simétricas as sentenças com partícula indicadora de frustrativo seguidas dos complementos que trazem conteúdo semântico compatível com o que ela codifica. Esses resultados podem ser melhor observados nas tabelas 8 e 9 apresentados a seguir.

	EVCV	EVCR	ERCR	DFCF	DNCN	DNCF
SIM	54	42	51	45	61	45
NÃO	10	22	13	19	3	19

Tabela 15: Índices de aceitabilidade

	EVCV	EVCR	ERCR	DFCF	DNCN	DNCF
SIM	1038	1308	1038	1395	1180	1395
NÃO	1483	1048	2685	1571	1356	1286

Tabela 16: Tempos médios de resposta (ms)

Observe-se que, para a condição simétrica de evidencial visual (EVCV - evidencial visual e complemento visual), a variável categórica índice de aceitação de compatibilidade, obteve

54 observações positivas, enquanto que a condição assimétrica (EVCR - evidência visual e complemento reportado) obteve 42 observações positivas, diferença que produz resultados significativos no teste Chi quadrado: $X^2(1)=60,5$, $p=0,0001***$. Na variável contínua, tempos médios de resposta, as 54 observações positivas para a condição simétrica de evidencial visual (EVCV), foram respondidas em um tempo médio 1038ms, enquanto que as 42 observações positivas para a condição assimétricas (EVCR) foram respondidas em um tempo médio de 1308ms, gerando, comparativamente, o seguinte resultado no teste t: $t(63)=1.92$ $p< 0.05$. Esta diferença indica distribuições significativas, em conformidade com as hipóteses entretidas. Ou seja, os resultados obtidos garantem que a preferência pela decisão simétrica deveu-se, de fato, à variável manipulada, o evidencial visual.

O evidencial reportativo mostra resultados parecidos ao do evidencial visual. Para a condição simétrica de evidencial reportativo (ERCR), a variável categórica índice de aceitação de compatibilidade, obteve 51 observações positivas, as quais foram respondidas, também, em um tempo médio de 1038ms, produzindo também resultados significativos no teste Chi quadrado: $X^2(1)=45,1$, $p=0,0001***$.

Em relação ao frustrativo, para a condição simétrica (DFCF), a variável categórica índice de aceitação de compatibilidade, obteve 45 observações positivas, produzindo resultados significativos no teste Chi quadrado: $X^2(1)=21,1$, $p=0,0001***$. Na variável contínua, tempos médios de resposta, as 45 observações positivas para a condição simétrica de frustrativo (DFCF) foram respondidas em um tempo médio de 1395ms, gerando o seguinte resultado no teste $t(63)=1.44$ $p< 0.1560$. No entanto, não registra-se resultados muito diferente quando comparada às condições assimétricas. Resultado que não condiz exatamente com a nossa hipótese, mas que traz pistas interessantes sobre a natureza da partícula, o conteúdo semântico que ela codifica e talvez o próprio escopo da partícula na sentença.

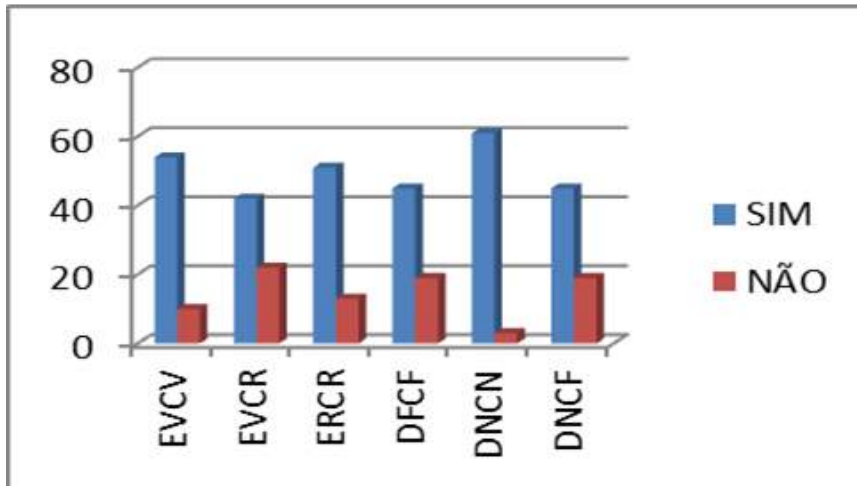


Gráfico 2: Índices de aceitação de compatibilidade

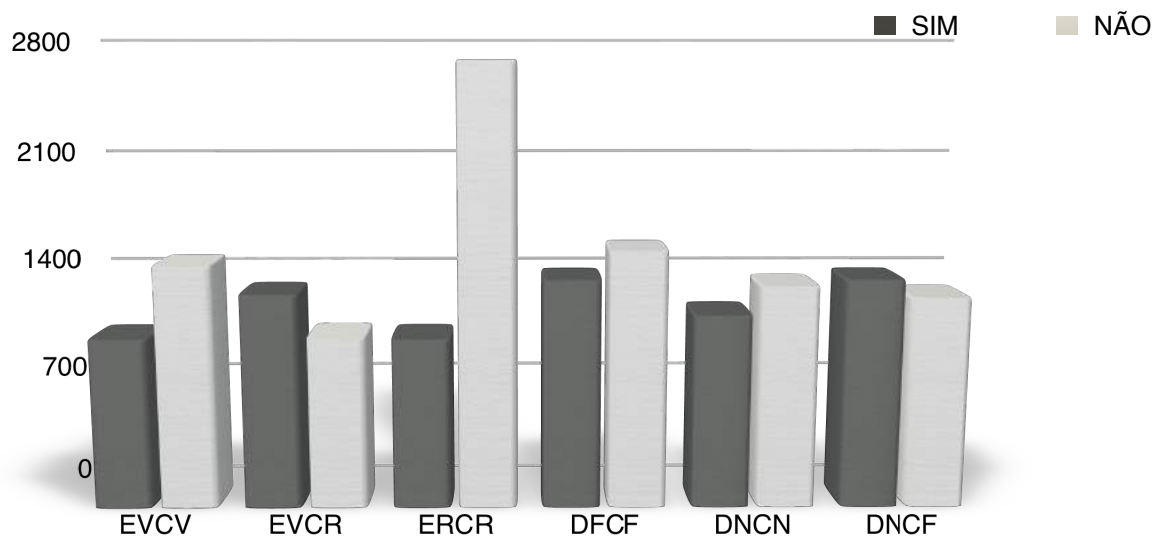


Gráfico 3: Tempos médios de resposta (ms)

Discussão

Conforme previa a nossa hipótese, as condições simétricas de evidencial visual, bem como de evidencial reportativo, tiveram maior índice de aceitabilidade, sendo elas, de modo geral, também respondidas mais rapidamente. Esses resultados sugerem que os evidenciais

tendem a aceitar como complemento sentenças que tenham conteúdo semântico convergentes com as noções codificadas por essas partículas, o que nos possibilita fazer aferições mais precisas do conteúdo semântico psicologicamente real codificado por essas partículas. Consideramos que os resultados são importantes para a condução dos próximos estudos, visto que o estudo ora apresentado não é conclusivo, mas apenas inicial.

Em relação à partícula de modalidade frustrativa, além de obtermos resultados positivos que, em parte, confirmam nossas hipóteses, registrando-se índices consideráveis de aceitabilidade das condições simétricas, bem como tempos médios de decisão, os resultados nos fornecem, também, pistas importantes sobre as condições assimétricas. Um dos pontos é o fato de que, nas condições assimétricas, temos a combinação de enunciado com frustrativo seguido do complemento sem frustrativo, e vice-versa. Nesse caso o índice de aceitabilidade dessas condições assimétricas pode ter sido provocado pela natureza da partícula frustrativa testada e a partícula de complemento *hãra* que são mutuamente exclusivas. Ou seja, nesse tipo de construção, a presença de apenas uma das partículas é suficiente para dar a noção de consequência frustrada, por isso o não estranhamento da assimetria.

De modo geral, consideramos que esse estudo sobre a categoria de evidencialidade, analisada sob o ponto de vista da psicolinguística experimental, os resultados positivamente obtidos nos dão pistas importantes sobre a semântica codificada por esses marcadores, que certamente nos permitirão ir um pouco além, na busca pela compreensão dessas categorias na língua.

4.3 Estudo *on-line* - Rastreamento ocular de evidenciais em Kaingang

Experimento 2

Este experimento de rastreamento ocular teve como objetivo verificar comparativamente a compreensão do evidencial visual *mÿr* e do evidencial reportativo *je* como já descrito no capítulo 3. O experimento utiliza uma tarefa de *sentence/picture matching*, em que, ao

contrário do experimento relatado na seção anterior, que era de base auditiva, no presente experimento, são apresentadas frases escritas, contendo o evidencial visual *mỹr* ou o evidencial reportativo *je* para serem avaliadas em relação às imagens que indicam evidência direta ou indireta, formando, portanto, condições simétricas e assimétricas. As imagens possuem dois personagens que são elementos centrais para a formação dos contextos de evidência direta e indireta. Um dos personagens é o macaquinho que conta para o participante sobre os eventos ocorridos, os quais as vezes ele mesmo presencia. O outro personagem é o papagaio que conta para o macaquinho sobre os outros eventos.

Buscamos identificar se os participantes testados fazem a relação entre a imagem visualizada e o tipo de evidencial presente na sentença, de acordo com as diferentes condições testadas, como demonstrado nos materiais. Desta forma, com este experimento de rastreamento ocular buscamos investigar se os evidenciais são reais psicologicamente em uma tarefa *on-line* de leitura para os falantes de Kaingang. No experimento relatado na seção anterior, 4.2.1, desta tese já obtivemos resultados experimentais atestando a produtividade desses evidenciais na modalidade oral/auditiva, em uma tarefa apenas *off-line*. Resultados *on-line* são importantes porque capturam a realidade psicológica de um construto gramatical em termos reflexos, automáticos, de modo instantâneo, no momento mesmo em que o processamento se dá, ao passo que uma tarefa *off-line* se limita ao momento posterior ao processamento, sendo, portanto, reflexiva e não reflexa¹⁰.

Além disso, ressaltamos aqui que o estudo reportado na seção acima incidiu sobre a avaliação dos evidenciais na oralidade. O estudo que se reporta nesta seção incide sobre a produtividade *on-line* dos evidenciais na leitura. A diferença entre as modalidades oral e

¹⁰ A diferença entre métodos *on-line* e *off-line* pode ser decisiva para se aferir criteriosamente a realidade psicológica de uma construção gramatical. Há, na literatura psicolinguística o caso clássico da Teoria da Mente, em que o estudo de rastreamento ocular de Southgate *et alii* revolucionou a literatura até então, em que se acreditava que crianças de 25 meses não eram capazes de atribuir falsa crença, com base em estudos *off-line*. O estudo de rastreamento ocular realizado pelos autores demonstrou, no entanto, baseado em padrões de inspeção visual *on-line*, que as crianças realizavam, sim, a atribuição de falsa crença, embora não fossem capazes de expressá-la na tarefa *off-line*. (cf. Southgate, Victoria, A. Senju & Gergely Csibra. 2007. Action anticipation through attribution of false belief by 2-year-olds. *Psychological Science* 18. 587–592.)

escrita parece-nos relevante no que diz respeito aos evidenciais. Assim, queremos descobrir se mesmo no meio gráfico, os evidenciais são ativos e produtivos de modo reflexo (*on-line*) e reflexivo (*off-line*).

Hipótese:

Com base no estudo explanado anteriormente na seção 4.2.1, trabalhamos com a hipótese de que os participantes testados irão relacionar a imagem visualizada com o tipo de evidencial representado nas sentenças, sendo possível observar essa relação através dos movimentos sacádicos e das fixações nas áreas críticas, bem como pelos índices de aceitabilidade.

Previsões

Uma imagem que mostra uma informação reportada, tem como compatível uma sentença com o evidencial *je* que indica justamente informação reportada. Da mesma forma, uma imagem que mostra uma informação obtida diretamente através de observação visual, tem como compatível uma sentença com o evidencial *mÿr*, que indica informação visual. Desta forma, as condições simétricas entre imagem e sentença terão padrões de visualização mais rápidos (medida *on-line*) e serão melhor aceitas (medida *off-line*) do que as condições assimétricas.

Os tempos médios de fixação serão mais elevados nos segmentos críticos, onde encontram-se os evidenciais. E simultaneamente na leitura, prevê-se que ocorram sacadas para a parte da imagem que indicam os tipos de evidencia direta e indireta, ou seja, o macaquinho visualizando a cena e o papagaio reportando o evento para o macaquinho.

Variáveis independentes:

As variáveis independentes foram três, a saber, a variável 1 consistia no tipo de evidencial: o visual *mÿr* e o reportativo *je*; A variável 2 consistia na simetria: correto e falso, e a Variável 3 consistia nas três áreas críticas da frase e da imagem: evidencial, macaco e a imagem como um todo.

Variáveis dependentes:

Tempos totais de fixação nos segmentos e áreas críticas (variável *on-line*), índices de fixação na resposta (variável *off-line*).

Design e Materiais

Design Experimental:

O design experimental foi 2x2x3, resultando em 12 condições, distribuídas em quadrado latino com 4 versões. Foram testados 8 itens experimentais randomizados com 16 itens distratores em cada versão.

As condições experimentais¹¹ se davam da seguinte maneira: para cada evidencial havia duas condições, que denominamos correto e falso. A condição simétrica, ou correta, para o evidencial visual *mÿr* (MC) se dava pela sentença com o evidencial visual *mÿr* e imagem indicando Evidencia Visual. Por outro lado, a condição assimétrica, ou falsa, (MF) se dava pela sentença com o evidencial reportativo *mÿr* e imagem indicando evidencia reportada.

Da mesma forma, a condição simétrica para o evidencial reportativo *je* (JC) se dava pela sentença com o evidencial reportativo *je* e imagem indicando evidencia reportada. Por outro lado, a condição assimétrica (JF) se dava pela sentença com o evidencial reportativo *je* e imagem indicando evidencia visual.

Exemplos de materiais

¹¹ As condições indicadas pelas legendas correspondem a: MC - *mÿr* correto, MF- *mÿr* falso, JC - *je* correto e JF - *je* falso



Figura 1: Exemplo de condição simétrica com evidencial visual *mỹr* (MC)

Gĩr ag tỹ móra ke mỹr.
 criança 3PL.M NUCL bola jogar VIS
 ‘Os meninos jogaram bola (visualizado)’

Esta condição é simétrica porque utiliza o evidencial visual *mỹr* em contexto de imagem em que o macaquinho de fato observa que os meninos jogam bola.



Figura 2: Exemplo de condição assimétrica para o evidencial visual *mỹr* (MF)

Gĩr ag tỹ móra ke mỹr.
 criança 3PL.M NUCL bola jogar VIS
 ‘Os meninos jogaram bola (visualizado)’

Em contraste, note que esta condição é agora assimétrica porque utiliza o evidencial visual *mỹr* em contexto de imagem em que o macaquinho não observa diretamente que os meninos jogam bola, e sim ouve do papagaio sobre esta atividade.



Figura 3: Exemplo de condição simétrica para o evidencial reportativo *je* (JC)

Nẽnkanh je tỹ goj tá mro.
 Nẽnkanh REP NUCL rio POSP nadar
 ‘Nẽnkanh nadou no rio (Reportativo)’

Esta condição é simétrica porque utiliza o evidencial reportativo *je* em contexto de imagem em que o macaquinho ouve do papagaio que o menino nadou no rio, não observando a cena diretamente.

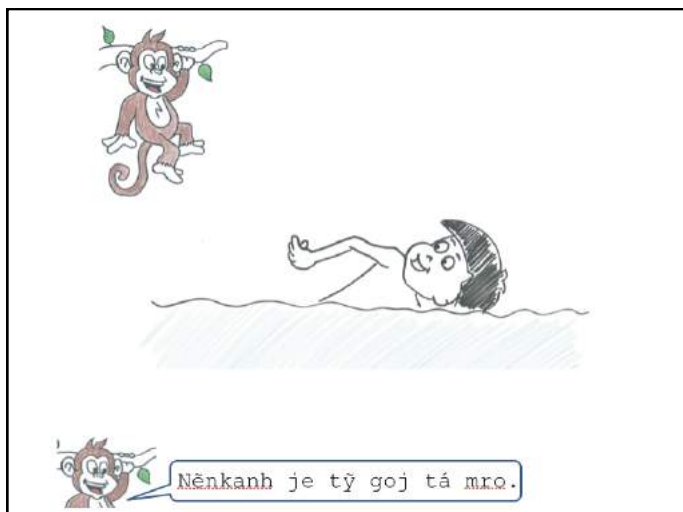


Figura 4: Exemplo de condição assimétrica para o evidencial reportativo *je* (JF)

Nẽnkanh je tỹ goj tá mro.
 Nẽnkanh REP NUCL rio POSP nadar
 ‘Nẽnkanh nadou no rio (Reportativo)’

Esta condição é assimétrica porque utiliza o evidencial reportativo *je* em contexto de imagem em que o macaquinho tem evidência visual de que o menino nadou no rio, observando a cena diretamente.

Quadrado Latino

Versão 1	Versão 2	Versão 3	Versão 4
MC1	MF1	JC1	JF1
MF2	JC2	JF2	MC2
JC3	JF3	MC3	MF3
JF4	MC4	MF4	JC4
MC5	MF5	JC5	JF5
MF6	JC6	JF6	MC6
JC7	JF7	MC7	MF7
JF8	MC8	MF8	JC8

Tabela 17: Quadrado latino

Participantes:

Participaram do experimento 32 participantes Kaingang, com idades entre 12 e 36 anos, todos alunos do ensino fundamental 2 ou médio da Escola Cacique Sýgre da Aldeia Pinhalzinho - Planalto, todos falantes nativos de Kaingang.

Procedimentos

Para dar início ao experimento, primeiro fazia-se uma sessão de calibração em que o participante era orientado a olhar fixamente uma bolinha vermelha se movendo na tela do monitor e seguir todos os movimentos com os olhos. Na técnica de *eye-tracking*, a calibração é sempre etapa importante, pois é preciso determinar o *span* visual de cada participante, pois cada um de nós apresenta diferenças a esse respeito. O programa monitora a movimentação do olhar de cada participante na tela, garantindo confiabilidade para os seus padrões de fixação e de movimentação sacádica na tela. Após essa fase, 4 itens de prática foram aplicados para certificar que os participantes haviam entendido corretamente a tarefa. A tarefa experimental consistia em avaliar a simetria entre sentença

lida e imagem. O experimentador observava o desempenho dos participantes durante a prática, e se tudo estivesse correndo normalmente dava, então, início ao experimento propriamente, quando o experimentador se afastava e deixava o participante a sós na realização da tarefa.

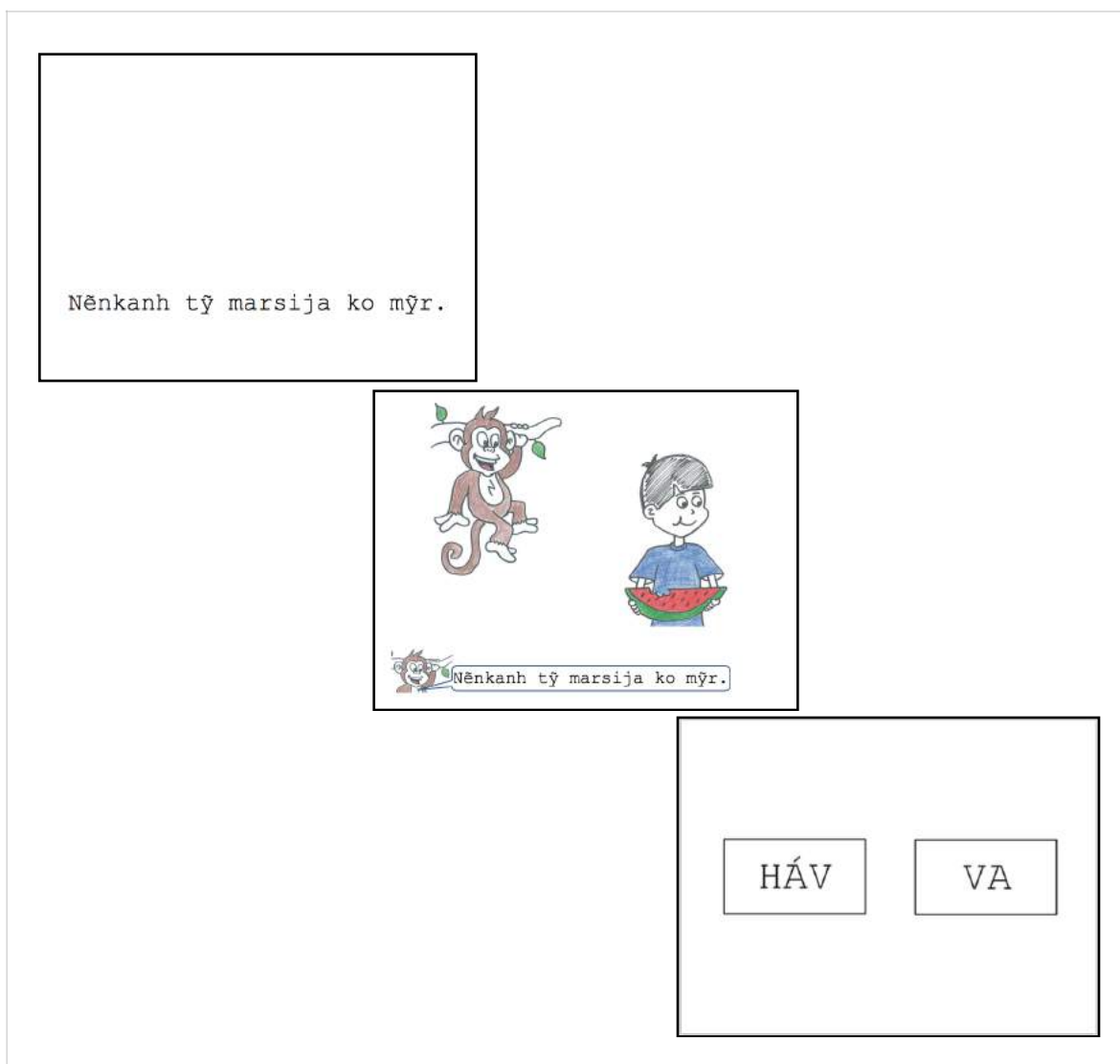


Figura 5: Sequência de imagens apresentada aos participantes do experimento.

Como demonstrado na figura 5, ao iniciar o experimento, aparecia na tela do monitor uma sentença (primeiro quadrado a esquerda na parte superior da figura) cujo tempo de exposição era automonitorado pelo participante. Após a leitura, o participante deveria pressionar a tecla amarela do teclado e, então, adicionava-se à sentença lida anteriormente uma imagem (segundo quadrado no centro da figura). O participante deveria ler novamente e observar a imagem para verificar a simetria entre sentença e imagem. Posteriormente, o participante deveria pressionar novamente a tecla amarela, e então, apareciam na tela as palavras *Háv* “sim” e *Va* “não” (terceiro quadrado a direita na parte inferior da figura) para que o participante pudesse julgar a simetria entre a sentença e a imagem visualizadas. Se julgado como simétrico, deveria-se olhar fixamente para a palavra *Háv*. Se fosse julgado como assimétrico deveria-se olhar fixamente para a palavra *Vá*. Para gravar as respostas, o participante deveria permanecer olhando até que, passados cinco segundos a imagem desaparecia da tela.

Resultados

Foram registrados os tempos totais de fixação nos segmentos críticos, o visual *mÿr* e o reportativo *je* nas sentenças lidas e nas imagens, bem como os índices de fixação nas respostas.

Resultados *on-line*

Registraram-se os tempos totais médios de fixação em milésimos de segundos nas áreas críticas, áreas dos evidenciais, em cada uma das condições. Os resultados estão apresentados abaixo no gráfico 4 e tabela 11.

O resultado da ANOVA¹² para TFD¹³ encontra efeito principal altamente significativo nos 3 fatores, Evidencial $F(1,67) = 13,0$ $p < 0,000589$, Acerto $F(1,67) = 32,9$ $p < 0,000001$, área

¹² ANOVA - (*Analysis of Variance*) análise de variância, seria um conjunto de métodos estatísticos usado principalmente para comparar as médias de dois ou mais amostras ou fatores.

¹³ TDF (*Total fixation duration*) duração total de fixações.

$F(2,134) = 30,5$ $p < 0,000001$. O que quer dizer que a probabilidade de ter sido por acaso é baixa nos três fatores.

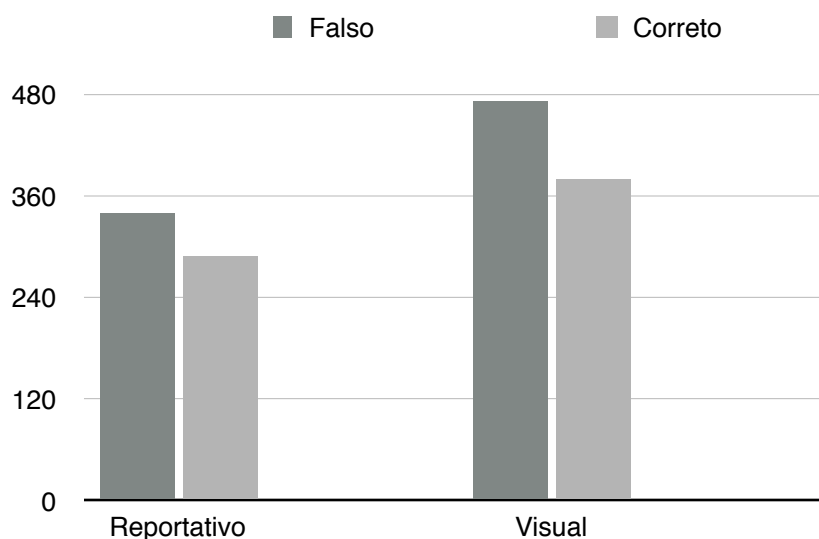


Gráfico 4: Tempos totais de fixação (ms) na área crítica por condição

	JC	JC	JC	JF	JF	JF	MC	MC	MC	MF	MF	MF
	evid	mac	im	evid	mac	im	evid	mac	im	evid	mac	im
Mean	290	200	260	340	380	300	380	220	340	470	270	340

Tabela 18: Tempos totais de fixação (ms) nas áreas crítica por condição

A condição simétrica JC para o evidencial reportativo *je* foi processada em latência média de 290ms, enquanto a condição assimétrica demandou significativamente mais tempo, em média 340ms. Para o evidencial visual *mÿr* obteve-se resultados na mesma direção, a condição simétrica MC foi processada numa média de 380ms enquanto a condição

assimétrica MF demandou mais tempo, em 470ms. O que quer dizer que olhar para a condição falsa/assimétrica de ambos os evidenciais é, de fato, diferente de olhar para a condição correta/simétrica dos mesmos, o que atesta a eficácia desses evidenciais na leitura de frases em Kaingang, de modo reflexo. Foram também realizados testes-t para as condições relevantes. Houve diferença significativa entre JC e JF ($t(67)=2,54$ $p< 0,0136$) e entre MC e MF ($t(67)=2,02$ $p< 0,0470$), na direção esperada, mostrando que as condições simétricas em ambos os casos são processadas mais rapidamente.

A comparação entre tipo de evidenciais em ambas as condições, simétrica e assimétrica, também mostrou resultados significativos nos testes-t JC e MC ($t(67)=3,83$ $p< 0,0003$) e entre JF e MF ($t(67)=3,08$ $p< 0,0030$). O que quer dizer que o evidencial reportativo foi processado muito mais rápido do que o evidencial visual, seja na condição falsa ou na correta.

O fato de o evidencial *mÿr* de modo geral demandar mais tempo do que o evidencial *je* foi um dado que merece uma melhor análise. Em primeiro lugar, há que considerar que há diferença de tamanho entre os dois evidenciais. Ainda que seja de apenas uma letra, tal diferença pode ter sido relevante em uma tarefa com mensuração em milésimos de segundo. Em segundo lugar, observe-se que *mÿr* ocorre no final da frase, região que, sabidamente, requer de modo geral mais tempo de fixação, pois além da leitura do item, há também o início do processo interpretativo da frase como um todo.

Referente à área da imagem com o macaquinho, registrou-se também diferença significativa entre JC macaco e JF macaco ($t(67)=8,84$ $p< 0,0001$) e entre MC macaco e MF macaco ($t(67)=3,89$ $p< 0,0002$), na direção esperada. Para ambos os evidenciais demonstra-se que as áreas de interesse que correspondem ao macaquinho são processadas mais rapidamente nas condições simétricas do que nas condições assimétricas, o que permite inferir que a diferença na percepção do macaquinho nas imagens depende do tipo de evidencial expresso nas sentenças, pois ora o macaquinho transmite informação que ele próprio visualiza e ora transmite informação reportada que obteve do papagaio. Ou seja, o macaquinho é elemento central para determinar os contextos de evidencia direta e indireta.

Na área da imagem como um todo, registrou-se também diferenças significativas entre JC imagem e JF imagem ($t(67)=2,52$ $p< 0,0140$), porém, não houve diferença entre MC imagem e MF imagem ($t(67)=0,12$ $p< 0,9009$).

No que se refere às medidas *off-line* obteve-se, também, resultados significativos na direção esperada, os quais foram registrados através de índices de fixação do olhar em respostas a interpretação de cada sentença lida e imagem observada, conforme resultados representados na tabela 12 abaixo.

Evidencial / Condições	JC	JC	JF	JF	MC	MC	MF	MF
Respostas	Háv	Va	Háv	Va	Háv	Va	Háv	Va
Mean	4,87	3,11	1,00	5,37	5,05	1,31	2,27	5,53

Tabela 19: Índices de fixação nas respostas

A condição simétrica do evidencial reportativo *je* JC obteve muito mais fixação em *Háv* “sim” do que em *Va* “não”, ou seja, houve maior índice de aceitabilidade em que os sujeitos demonstraram a aceitação fixando mais o olhar no Háv do que no Va ($t(61)=7,32$ $p< 0,0001$). Da mesma forma obteve-se maior índice de a aceitabilidade para a condição simétrica do evidencial *m̃r* MC do que para a condição assimétrica MF .

Discussão

Conforme detalhado na seção anterior, os resultados do experimento mostram diferenças significativas, tanto nas áreas críticas dos evidenciais através dos tempos médios de fixação durante o processo de leitura das sentenças, quanto na visualização das imagens. Em ambas as frases ilustradas nas figuras 6 e 7, a seguir, os itens que obtiveram maior duração de

fixação durante a leitura foram os evidenciais - *je* e *mÿr* - conforme demonstrado através dos mapas de calor nas figuras abaixo. Os níveis de calor podem ser entendidos de maneira gradual iniciando-se na cor verde, passando pela cor amarela até chegar na cor vermelha, que é a que indica os maiores níveis de fixação ocular.



Figura 6: Mapa de calor de frase com evidencial *je* (JC1)

Gĩr ag je tÿ móra ké.
 criança3PL.M REP NUCL bola jogar
 ‘Os meninos jogaram bola (informação reportada)’

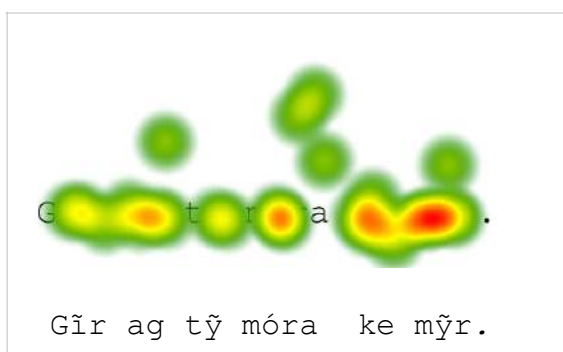


Figura 7: Mapa de calor em frase com evidencial *mÿr* (MC1)

Gĩr ag tÿ móra ke mÿr.
 criança 3PL.M NUCL bola jogar VIS
 ‘Os meninos jogaram bola (informação visual)’

Observe-se nas frases logo abaixo das figuras, o evidencial *je* é o terceiro item na frase da figura 6 enquanto que na figura 7 o evidencial *mÿr* é o último, ambos em vermelho. Esses

dados sugerem que o falante de Kaingang, de fato, fixa o seu olhar nesses marcadores, levando em conta a sua força semântica na leitura. É como se fosse uma verdadeira fotografia instantânea do processamento de evidencialidade no momento em que o mesmo se dá.

Nas áreas de interesse imagem como um todo, realizamos a comparação de simetria para os dois evidenciais - *je* e *m̃ỹr*. Observe-se nas figuras abaixo, que na condição simétrica de *je* JC imagem, as fixações ocorrem nos três elementos chaves que formam o contexto simétrico de reportativo, os quais são: o evidencial *je* na frase, o papagaio que transmite a informação sobre o evento e, também, a cena do evento, conforme mostra a figura 8 abaixo. Na frase as fixações ocorrem a partir do evidencial *je*, o que nos permite inferir que todo o conteúdo visual da imagem é, de fato, relacionado a informação reportada pelo falante, no caso o macaquinho.

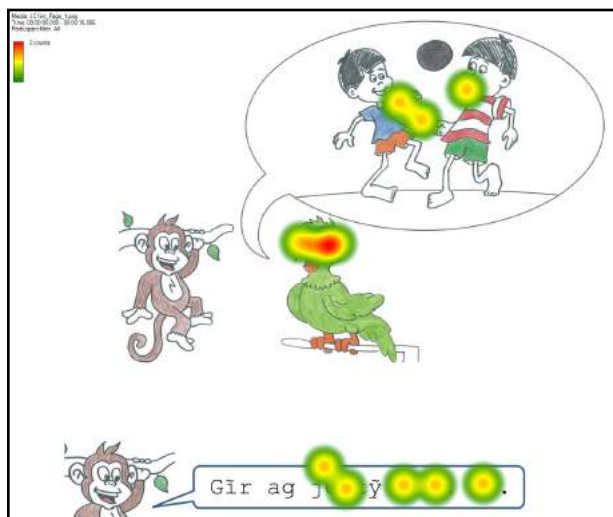


Figura 8: Mapa de calor na condição simétrica de *je* (JC1im)

A não ocorrência de fixações no macaco deve-se ao fato de ele não estar diretamente relacionado ao evento. Porém, o fato de que não há fixação direta no macaquinho não quer dizer que ele não foi visualizado. Quer dizer apenas que ele não foi fixado, mas sua

presença foi percebida parafovealmente. Já na condição simétrica para o evidencial visual *m̃yr* para o mesmo item testado, registram-se fixações no macaco, visto que neste contexto ele tem relação direta com o evento, pois ele presencia o evento, como exemplificado na figura 9 abaixo.

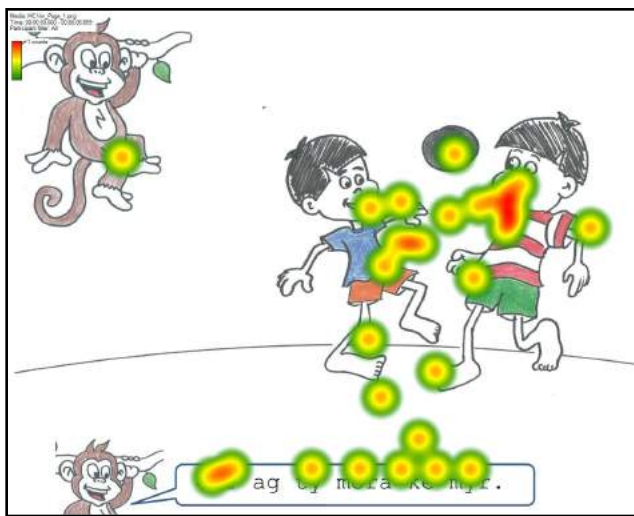


Figura 9: Mapa de calor em condição simétrica de *m̃yr* (MC1im)

A imagem (JCim) repetida na figura 10 mostra a sequência das fixações (*gaze plot*) durante o processamento de frase e imagem visualizada. As fixações iniciam-se no papagaio (1-2), segue para a cena do evento (3-4-5), retorna para o papagaio (6) e segue direto para o evidencial *je* (7) na frase e conclui a leitura numa sequência linear (8-9-10-11).

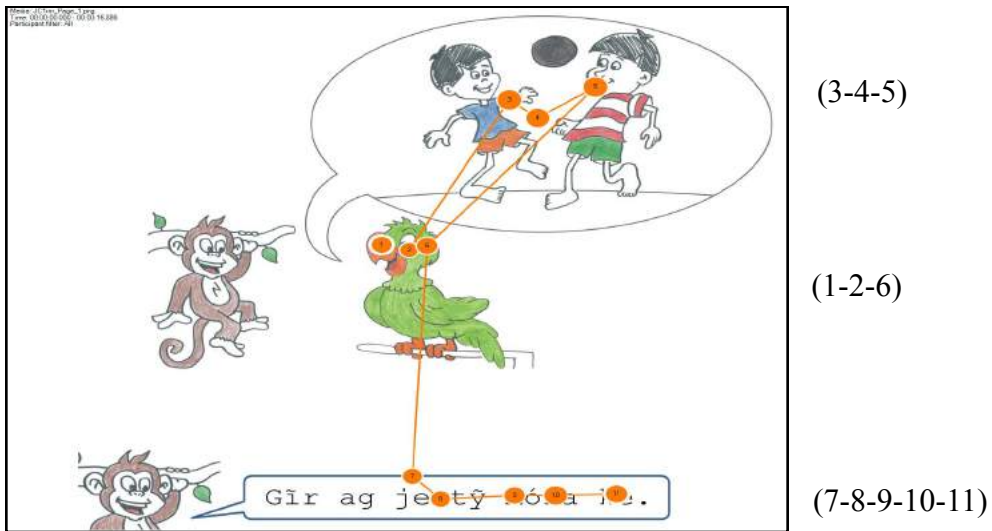


Figura 10: Mapa *gaze plot* em condição simétrica de *je* (JC1im)

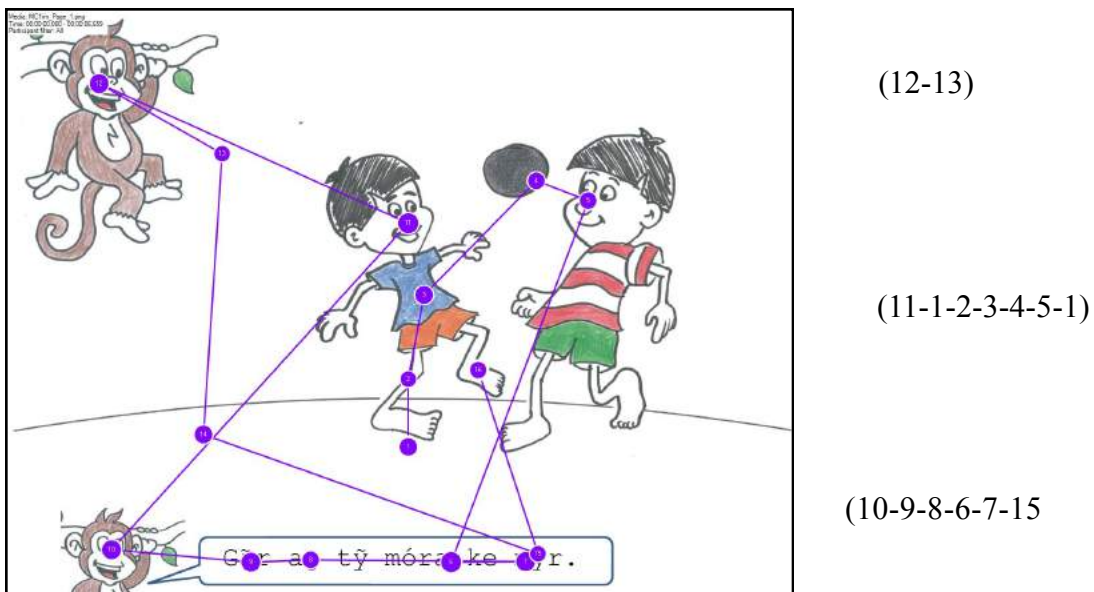


Figura 11: Mapa *gaze plot* em condição simétrica de *m̃r* (MC1im)

Da mesma forma, na figura 11 há a relação entre o evidencial *mỹr* e o macaco mostrado pelas sequências 12 (no macaco) -13-14-15 (no *mỹr*)

Na comparação de assimetria para os dois evidenciais, na condição assimétrica para *je*, o estranhamento ocorre, pois, apesar de o macaco ter presenciado a cena, ele reporta a informação usando o evidencial reportativo. A sequência de fixações na figura 12 (JF6im GazePlot) mostra esse estranhamento: o início das fixações se dá no centro da imagem (na figura 12) explorando a cena em que o menino aparece juntando laranjas (1-2-3-4). Na sequência são dirigidas para a palavra *rarỹnh* ‘laranja’ na frase (5-6-7-8), seguindo para o verbo *jãkrunh* ‘juntar’ (9) e a partir daí ocorrem varias regressões entre a cena e o verbo (10-11-12). Retorna para a cena (13-14-15-16-17), vai para o macaco e segue direto para o evidencial *je* que contrasta o contexto de evidencia visual mostrado pela imagem, finalizando, assim, a sequência de fixações.

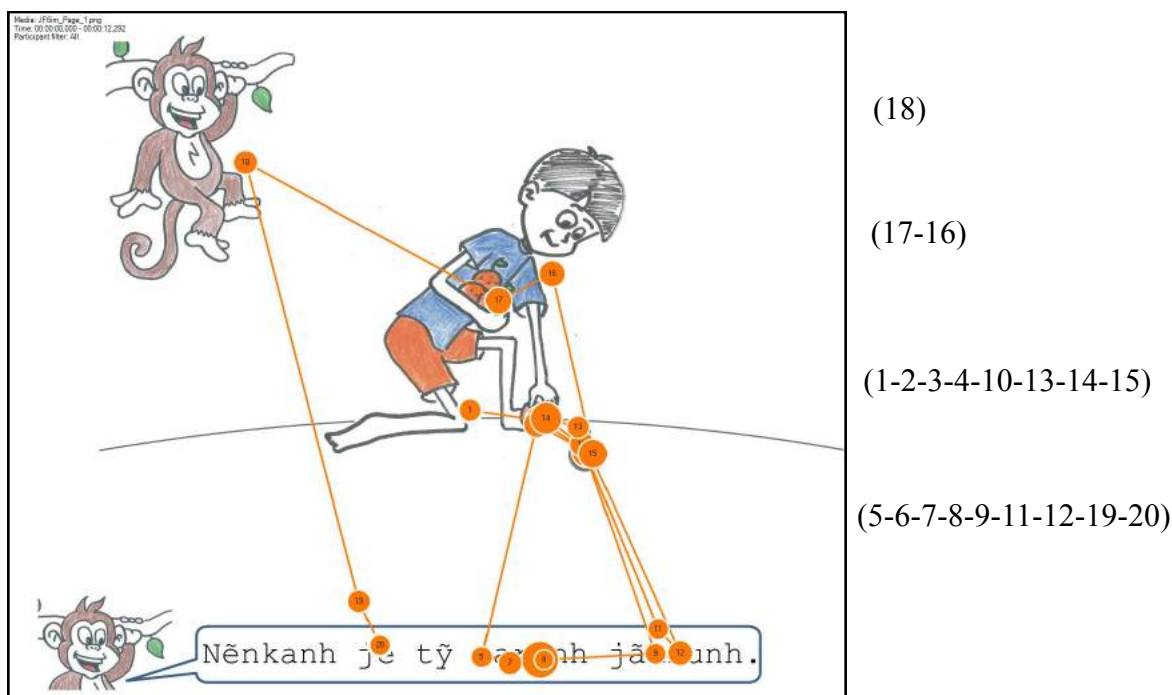


Figura 12: Mapa *gaze plot* em condição assimétrica de *je* (JF6im)

O mesmo fato se repete para o evidência *m̃r*, na figura abaixo. A sequência 10 (*m̃r*) e 11 (papagaio) mostram o estranhamento do contraste na assimetria.

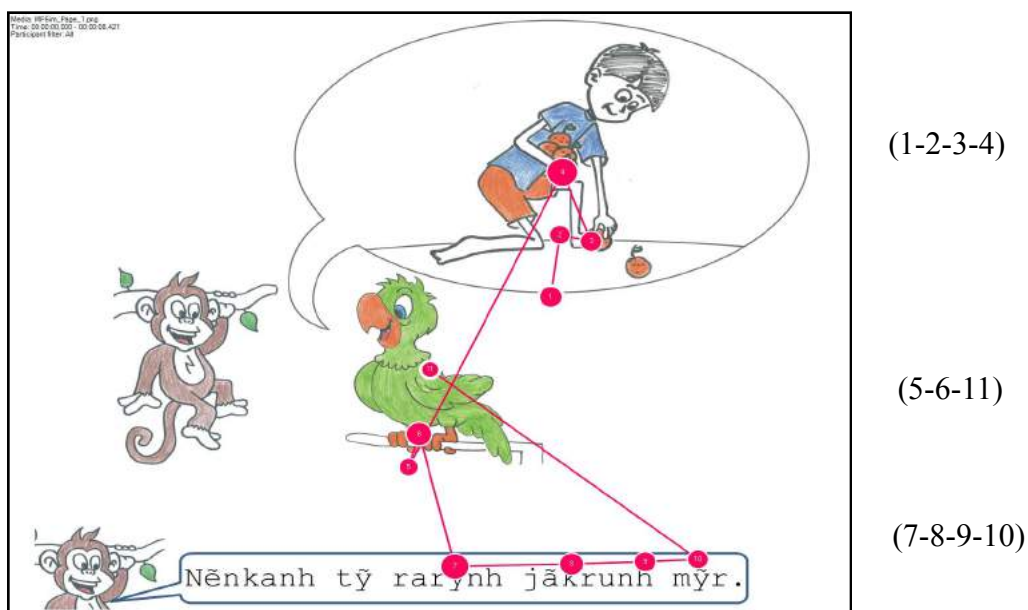


Figura 13: Mapa *gaze plot* em condição assimétrica de *m̃r* (MF6im)

Na comparação entre condição simétrica e assimétrica para o evidencial visual *m̃r*, as imagens das figuras 14 e 15 mostram que há uma diferença nítida de processamento entre a condição simétrica e assimétrica em termos de fixação e regressão.

Na condição simétrica de *m̃r*, figura 14, observa-se que não há tanta regressão de fixações entre os elementos núcleos da imagem e da frase (evento, macaco e evidencial *m̃r*). Iniciam-se as fixações no centro da imagem, explorando a cena (1-2-3). Em seguida, dirigem-se as fixações para a leitura da frase, fazendo algumas regressões (4-5-6-7-8-9-10-11). Quando se chega no evidencial, no final da frase em (13), retorna-se para a cena (14-15-16-17) e finaliza-se com uma fixação no macaco. As sequências das

fixações deixam evidente que há de fato uma relação direta entre os elementos núcleos que formam a condição simétrica para o evidencial visual.

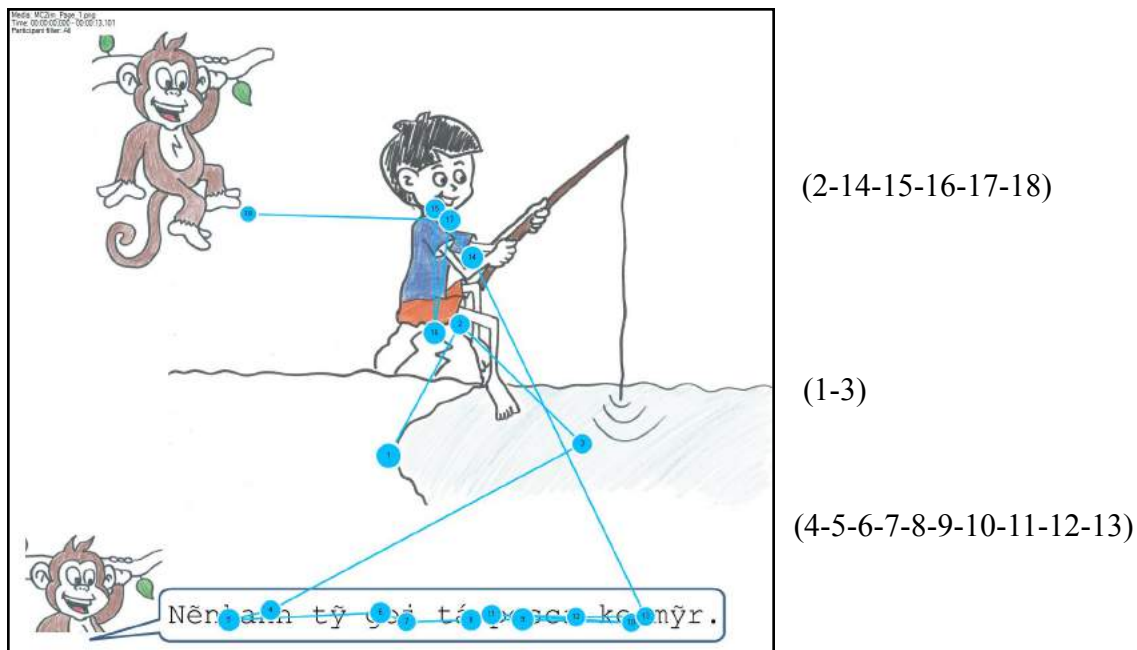


Figura 14: Mapa gaze plot em condição simétrica de *mÿr* (MC2im)

Ja na condição assimétrica, figura 15, nota-se um maior número de fixações e regressões. O início das fixações inicia-se no papagaio (1), segue para leitura da frase, que se dá de forma linear (3-4-5-6-7-8-9-10-11). Do ponto (11) onde está o evidencial, segue para o macaco ao lado da frase, retornando para o papagaio (15) de onde ocorrem regressões entre papagaio, cena e macaco, finalizando com uma fixação no papagaio, que não por acaso, é o elemento que contrasta o contexto de evidencial expresso pela frase, formando a condição assimétrica para *mÿr*.

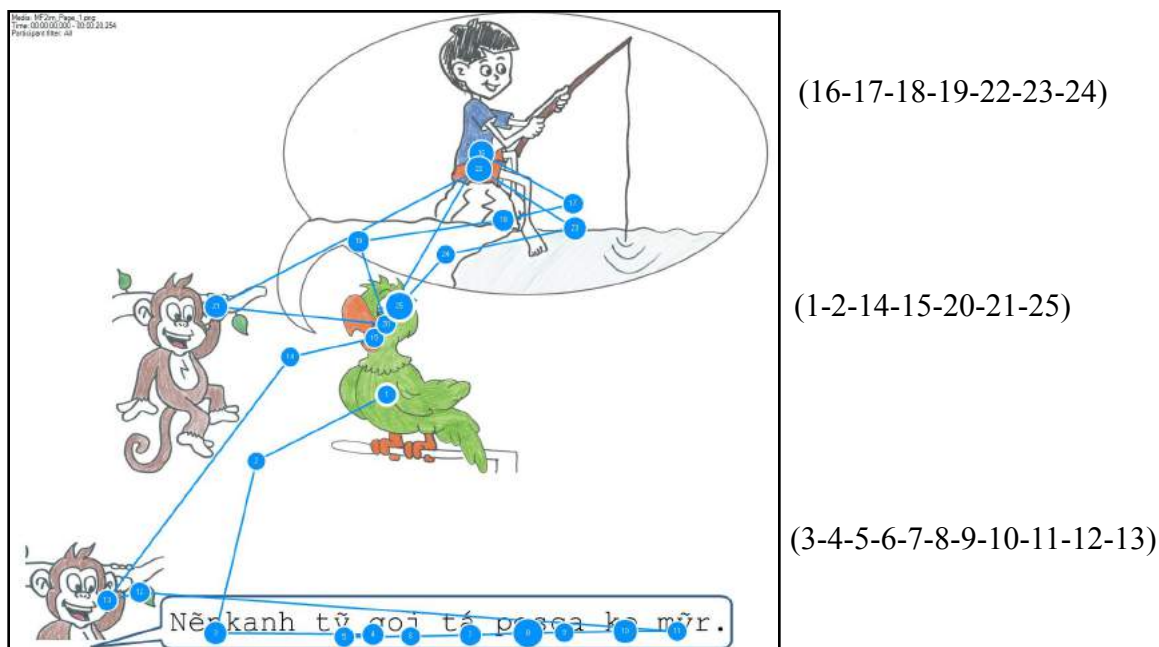


Figura 15: Mapa *gaze plot* em condição assimétrica de *m'yr* (MF2im)

Esses resultados permitem aferir que os sujeitos testados fazem a relação entre a imagem visualizada e o tipo de evidencia presente na sentença, de acordo com as diferentes condições testadas, ou seja, os evidenciais, de fato, definem a interpretação de simetria e assimetria das imagens observadas.

Conclusões

Os dois estudos experimentais de processamento dos evidenciais direto e indireto, apresentaram resultados que apoiam as nossas hipóteses. O primeiro estudo, o de compreensão *off-line* na modalidade auditiva, mostrou a interpretação semântica que os falantes atribuem aos evidenciais, o visual *m'yr* e o reportativo *je* em contextos que contrastam fontes de informação.

O estudo de rastreamento ocular, de medida *on-line*, desses mesmos evidenciais direto e indireto, nos forneceu dados importantes sobre a atuação desses marcadores na formação de contextos simétricos e assimétricos entre a leitura de frases com evidenciais e imagens. As sequências das fixações na frase escrita e na imagem mostram que existe uma relação direta dos marcadores e os elementos que indicam a fonte de informação na imagem visualizada. O rastreador ocular mostrou-se um instrumento realmente muito eficaz para mapear com precisão o uso dos evidenciais na leitura. É quase como se fosse um retrato ao vivo e a cores da ação desses morfemas, ainda tão vivas no procedimento automático da leitura em Kaingang.

4.4 Evidenciais e recursividade - seriam os evidenciais marcas de estruturas recursivas em Kangang?

4.4.1 Estruturas recursivas em Kaingang

Nesta seção, apresentamos um estudo inicial sobre recursividade em Kaingang. Um tema, um fenômeno linguístico bastante pesquisado nos últimos anos, sobretudo para as línguas minoritárias pouco conhecidas, que são consideradas muito diferentes em termos de estrutura gramatical quando comparadas com as línguas europeias, por exemplo. Com este estudo, buscamos identificar possíveis correlações entre estruturas prosódicas de sentenças contendo o evidencial reportativo *je* e estruturas recursivas na língua Kaingang, especificamente as orações subordinadas. A hipótese para este estudo é de que os evidenciais estariam codificando na sua estrutura prosódica, estruturas recursivas em Kaingang e, possivelmente, em línguas com outros sistema de evidencialidade.

Embora a recursividade seja considerada a propriedade fundamental da faculdade da linguagem (Hauser, Chomsky & Fitch, 2002), Everett (2005), utilizando dados da língua indígena brasileira Pirahã, colocou em dúvida a universalidade deste processo, em que uma operação sintática toma seu próprio *output* como *input*. Segundo o estudo de Everett, o

Pirahã não apresentaria construções de encaixe recursivo, apenas coordenação. Essas afirmações de Everett desencadearam amplos debates na comunidade acadêmica de estudos linguísticos, tanto nacional como internacionalmente. A partir disso, vários estudos com línguas indígenas tem sido realizados. Entre esses estudos destacamos Maia *et alii* (a aparecer) que têm confirmado a hipótese de que construções de encaixe recursivo com sintagmas preposicionais (Português) e posposicionais (Karajá) são mais difíceis de processar do que construções com SPs justapostos em coordenação.

A fim de testar esta hipótese na língua Kaingang, investigamos, no presente estudo, o processamento de Sintagmas Posposicionais encaixados e coordenados em Kaingang por falantes nativos de Kaingang, bem como de Sintagmas Preposicionais encaixados e coordenados em Português por falantes bilíngues em Kaingang e português. Esse estudo foi realizado pela importância de entender um pouco mais sobre as sentenças complexas do Kaingang do ponto de vista do processamento, uma vez que os evidenciais apresentam em sua estrutura prosódica similaridades com essas estruturas complexas.

Nesta seção, portanto, trataremos de dois estudos sobre recursividade em Kaingang. O primeiro estudo trata-se de um experimento de processamento de sintagmas posposicionais e preposicionais encaixados e coordenados em Kaingang e em Português.

O segundo estudo trata de um estudo inicial que, a partir de Féry & Schubö (2010), busca identificar correlações entre estruturas prosódicas e estruturas recursivas. Analisamos a estrutura acústica de enunciados contendo evidenciais, como o reprodutivo ‘*je*’ que caracteriza falas reportadas, com objetivo de testar a hipótese de que os evidenciais estariam sendo interpretados como sentenças encaixadas.

4.4.2 Estudo de processamento de sintagmas posposicionais e preposicionais encaixados e coordenados em Kaingang e em Português

Foram aplicados dois experimentos de “*oral sentence/picture matching*”, um em português e outro em Kaingang. Cada um dos experimentos, testando as variáveis independentes tipo de estrutura (encaixe recursivo x coordenação) e número de PP/DP (dois ou três), gerou seis condições, conforme ilustradas abaixo. Os experimentos foram aplicados à 30 participantes cada, um grupo testado em Kaingang e outro testado em português, totalizando 60 participantes.

Hipótese

Como já mencionado anteriormente, a partir de estudos com a língua indígena Karajá, realizados por Maia *et alii* (a aparecer), trabalhamos com a hipótese de que construções de encaixe recursivo com sintagmas preposicionais (Português) e posposicionais (Kaingang) são mais difíceis de processar do que construções com Ssp justapostos em coordenação.

A tarefa experimental consistia em avaliar a compatibilidade entre a sentença auditiva e a imagem visualizada na tela do computador por seis segundos. As variáveis dependentes foram os índices e os tempos de decisão.

Condições:

(1) 2 SPs encaixados



Canoa ki tỹ remo ñ areia kri .

Tem remo na canoa na areia.

(2) 3 SPs encaixados



Canoa ki pote ki tỹ remo ñ areia kri.

Tem remo no pote na canoa na areia.

(3) 2 SPs coordenados



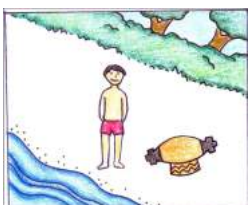
Banco kar areia kri tỹ gĩr nĩ.
Tem menino na pedra e na areia.

(4) 3 SPs coordenados



Banco kar pó kar areia kri tỹ gĩr nĩ.
Tem menino no banco e na pedra e na areia.

(5) 2 SNs coordenados



Areia kri tỹ gĩr kar banco nĩ.
Tem menino e banco na areia.



(6) 3 SNs coordenados

Areia kri tỹ remo kar canoa kar pote nĩ
Tem remo, canoa e pote na areia.

Resultados

Embora as diferenças entre os índices de decisão nas diferentes condições experimentais não tenham sido significativas, como se pode observar na tabela abaixo, **os tempos médios de resposta** foram significativamente mais altos para três SPs encaixados do que para dois SPs encaixados, tanto em Kaingang (RDPPK (1711 ms) x RTPPK(2693 ms) $t(63) = 4,2$ $p < 0,0001^{***}$) quanto em Português (RDPPPB(1883ms) x RTPPPB (2935ms) $t(64) = 4,7$ $p < 0,0001^{***}$).

X Labels	RDPP K	RTPP K	CDPP K	CTPP K	CDNP K	CTNP K	RDPP PB	RTPP PB	CDPP PB	CTPP PB	CDNP PB	CTNP PB
X	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
Number of values	35	30	33	32	32	30	34	32	32	29	33	30
Minimum	419.0	1403	138.0	105.0	140.0	380.0	329.0	844.0	238.0	288.0	394.0	117.0
25% Percentile	1245	2172	528.0	859.5	666.0	800.5	1401	2654	552.0	771.5	753.5	533.5
Median	1514	2655	986.0	1082	987.0	1002	1599	2782	945.5	1056	1172	788.5
75% Percentile	1959	2960	1307	1517	1300	1607	1962	3256	1089	1306	2600	1419
Maximum	4933	6385	5506	2566	4891	2052	4837	4994	4269	1835	5219	5345
Mean	1711	2693	1164	1209	1167	1147	1883	2935	1095	1046	1802	1258
Std. Deviation	893.4	971.1	1132	567.5	1013	464.1	1036	713.0	898.5	401.3	1566	1288
Std. Error	151.0	177.3	197.1	100.3	179.1	84.73	177.7	126.0	158.8	74.52	272.7	235.1
Lower 95% CI	1404	2330	762.3	1004	801.6	973.4	1521	2678	770.7	893.0	1246	777.3
Upper 95% CI	2017	3055	1565	1413	1532	1320	2245	3192	1419	1198	2357	1739

Tabela 20: Resultado dos índices e tempos de decisão

As construções com SPs encaixados recursivamente foram mais difíceis de processar do que as construções com SPs justapostos em coordenação, tanto para os Kaingang testados em Kaingang (RDPPK(1711ms)x CDPPK(1164ms) $t(66)=2,2$, $p=0,003^*$), quanto para os Kaingang testados em PB (RDPPPB(1883ms) x CDPPPB(1095ms) $t(64)=3,29$, $p=0,0016^{**}$). Os participantes testados em Kaingang apresentaram tempos médios de resposta um pouco menores do que os testados em português.

	RDPP	RTPP	CDPP	CTPP	CDNP	CTNP
Kaingang	1711	2692	1164	1209	1166	1147
PB	1883	2935	1095	1046	1802	1258

Tabela 21: Tempos médios de resposta para Kaingang e PB

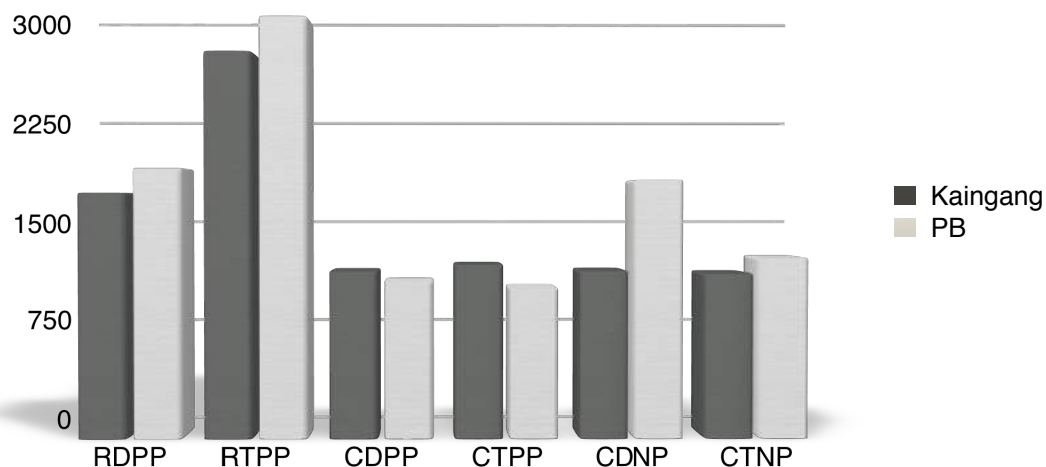


Gráfico 5: Análise comparativa dos resultados de Kaingang e Português

A análise comparativa entre os dois experimentos mostra resultados relativamente parecidos, como mostrados no gráfico.

Conclusões

Nos dois experimentos, nossos resultados indicam que a recursividade indireta é apenas mais custosa de processar, mas não estaria fora do escopo da gramática como já apontado em Maia et alii (a aparecer) sobre o Karajá e o Português. Os presentes achados alinham-se, portanto, com outras pesquisas que têm descoberto maior custo para o processamento de construções encaixadas do que para construções justapostas. Maia (2016) compara o processamento de orações coordenadas com o de subordinadas através da técnica de rastreamento ocular. No que se refere a estudos de aquisição, Perez-Leroux et alii também identificaram experimentalmente que as construções coordenadas são adquiridas antes das subordinadas pelas crianças falantes de inglês. O presente teste contribui, portanto, para essas pesquisas, sugerindo que, embora ambos os processos façam parte da gramática das línguas, exibem propriedades distintas de processamento. No que se refere a presente tese, gostaríamos de estabelecer que essas construções representam evidências independentes da

existência de construções recursivas na língua Kaingang. Mais adiante neste capítulo estaremos focalizando em construções recursivas com impacto na prosódia.

4.4.3 Prosódia e Recursividade - Falas reportadas em Kaingang

Como já visto anteriormente, a principal marca de “Primeira mão”, evidencia direta em Kaingang é o evidencial visual *mỹr*, que sinaliza a experiência pessoal do falante e ocorre na posição final da sentença. Para marcar a informação reportada, temos o reportativo *je* que ocorre entre o sujeito e o núcleo oracional *tỹ*. Observem-se os exemplos em (119) e (120).

(119) *Gĩr ag tỹ Pedro tỹ ka krãn ja kutãm mỹr.*

criança 3PL.M NUC Pedro NUC árvore plantar PERF derrubar VIS

‘Os meninos derrubaram a árvore que Pedro plantou.’

(120) *Gĩr ag je tỹ Pedro tỹ ka krãn ja kutãm.*

criança 3PL REP NUC Pedro NUC árvore plantar PERF derrubar

‘(Inf. reportada) os meninos derrubaram a árvore que Pedro plantou.’

Na sentença em (119) o evidencial *mỹr* indica que o falante é a própria fonte da informação, como experiência visual. O que permite a sentença ser interpretada da seguinte maneira numa tradução mais literal: ‘Eu vi que os meninos derrubaram a árvore que Pedro plantou.’ O interessante é que quando ocorre esse evidencial visual o núcleo oracional só pode ser *tỹ*, o que estaria caracterizando subordinação, como indicado nessa tradução literal.

Por outro lado, reportativo *je* que aparece no exemplo (120) costuma ser traduzida como “disque”, podendo também ser traduzida da seguinte maneira: ‘Dizem que os meninos

derrubaram a árvore que Pedro plantou.’ e também: ‘Ouvi dizer que os meninos cortaram a árvore que Pedro plantou’. Mais uma vez temos o núcleo racional *tỹ*. Como vimos no capítulo 2, a variedade de núcleos oracionais que existem na língua Kaingang estão de fato relacionada aos diferentes tipos de orações, sendo que somente alguns desses núcleos oracionais selecionam determinados evidenciais. A partir desses dados exploramos algumas questões que surgem, como por exemplo, se as marcas de evidencialidade em composição com os núcleos oracionais podem ser pistas de estruturas recursivas, dada a extensão semântica que expressam.

A fim de identificar as varias formas de manifestação da recursividade na gramática em diferentes línguas, estudos recentes que abordam a interface entre sintaxe e prosódia tem reforçado a ideia de que a recursão sintática pode estar refletida na estrutura fonológica (entoacional) das línguas, como aponta o trabalhos de Féry & Schubö (2010).

Esse tipo de estudo consiste, basicamente, em realizar um mapeamento das estruturas prosódicas das línguas a fim de verificar o uso da informação prosódica para diagnosticar a recursão sintática, se estruturas fonológicas mostram evidencias de estruturas recursivas e de que forma isso acontece.

O estudo de Féry & Schubö (2010), sobre Alemão e Hindi, investiga a prosódia da oração principal acompanhada por orações relativas de encaixe central. Para isso, os autores retomam a definição de recursividade proposta por Hauser, Chomsky and Fitch (2002), para quem a recursividade é uma operação básica que permite a geração de uma matriz potencialmente infinita de expressões a partir de um conjunto finito de elementos, numa estrutura hierarquicamente organizada.

Dessa forma, o que se leva em conta nesse estudo é que, para a prosódia, recursão significa que cada nível da hierarquia dos domínios prosódicos pode ser repetido, seja linearmente ou contidos um no outro. Quando linear, temos iteração, mas, quando contidos ou sobreposto, temos recursão. Neste estudo nos interessa especificamente a recursão.

A principal questão que norteia esse estudo é identificar se orações encaixadas são também recursivas no domínio prosódico ou se mostram um nivelamento prosódico plano (*prosodic flatness*). É levada em conta também uma assunção, bastante difundida na literatura, para a parte tonal da estrutura prosódica, onde se diz que a segunda parte da sentença matriz interrompida para o encaixe de uma sentença relativa (não restritiva), recupera a declinação de F0 após a interrupção para a mesma altura melódica que havia antes da interrupção.

Os resultados obtidos no estudo de Féry & Schubö (2010) apontaram para uma diferença significativa entre as duas línguas. O Alemão, uma língua entoacional, apresenta uma estrutura prosódica recursiva, conforme a análise dos dados. Na língua Hindi, uma língua tonal, por outro lado, notou-se uma estrutura prosódica não-recursiva, seguindo a estrutura do chamado padrão iterativo.

Com base neste tipo de abordagem, analisamos acusticamente algumas sentenças da língua Kaingang contendo estruturas recursivas, buscando identificar se essas estruturas se refletem na estrutura prosódica do Kaingang. Considere-se que este é um trabalho bastante preliminar de aproximação aos estudos que abordam a relação entre recursividade e prosódia, como explanado anteriormente.

Para essa análise, foram gravadas três sentenças da língua Kaingang com um falante nativo. Os dados constituem-se de: uma sentença simples; uma sentença contendo uma oração encaixada; uma sentença contendo informação reportada (com o reportativo *je*), que se encontram apresentadas abaixo nos exemplos (121), (122) e (123), respectivamente.

(121) *Pedro vỹ ãn han.*
 Pedro NUC casa fazer
 ‘Pedro fez uma casa.’

(122) *Kakanẽ tỹ kre ki jã tỹ kajẽjgy nỹtĩ.*
 fruta NUC cesto POSP está NUC azedo ASP
 ‘As frutas que estão no cesto são azedas.’

- (123) *Gĩr ag je tỹ kãvaru kyvãn.*
 criança 3PL REP NUC cavalo soltar
 ‘(Ouvi dizer que) os meninos soltaram o cavalo.’

Essas sentenças foram analisadas no programa *Praat*, em que se observou comparativamente os contornos da Frequência Fundamental (F0), principalmente os valores de pitch das três sentenças, a sentença simples sem marca de evidencia, a sentença encaixada também sem evidencial e a sentença simples com o evidencial reportativo *je*.

Observe-se nas figuras 16, 17 e 18, que a curva de F0 assume padrões diferentes em cada uma das sentenças. Na figura 16, a análise acústica da sentença simples (121) nos mostrou uma curva de F0 linearmente descendente, sendo que o pico mais alto (248 Hz) é no início da sentença e segue uma estrutura descendente até o final do enunciado, o que mostra um nivelamento prosódico plano (*prosodic flatness*).

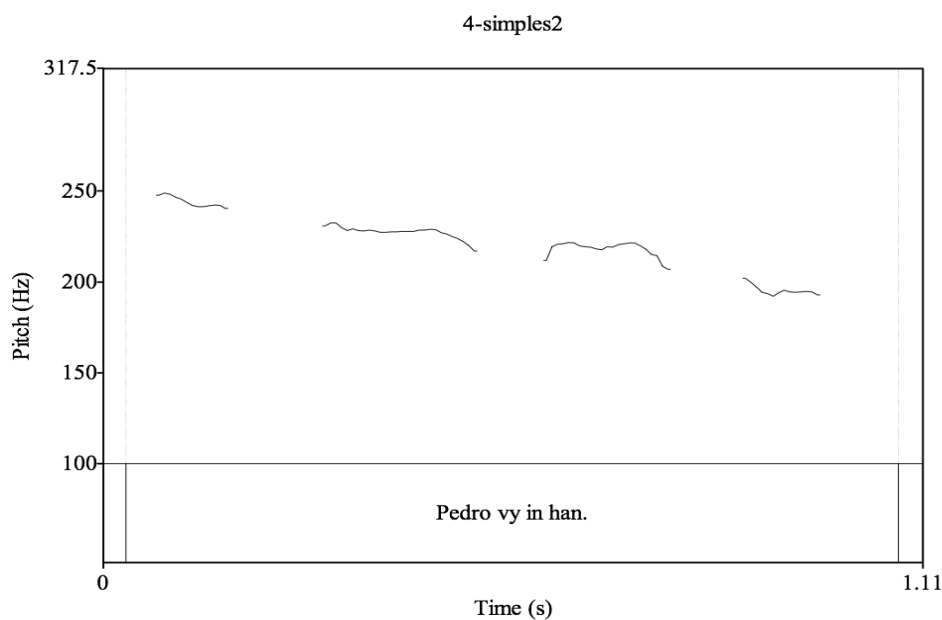


Figura 16: Contorno de *pitch* em sentença simples (‘Pedro fez uma casa’)

Na figura 17, a estrutura prosódica da sentença em (121), que contém uma oração encaixada, apresenta um contorno de F0 completamente diferente. Observa-se estruturas claramente sobrepostas, evidenciando a oração encaixada.

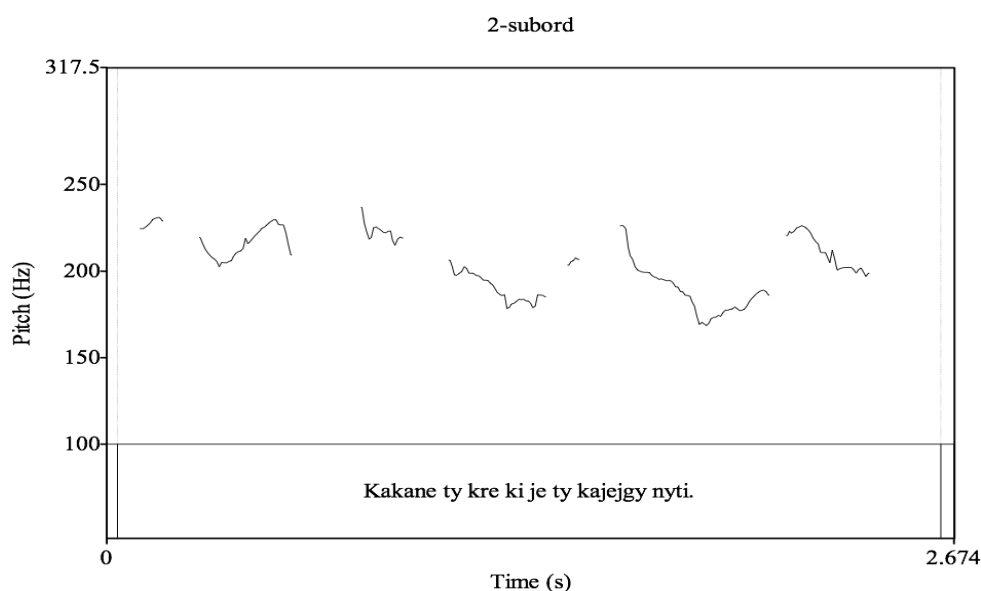


Figura 17: Contorno de *pitch* em oração encaixada (‘As frutas que estão no cesto são azedas’)

Esses dados indicam que o Kaingang tem uma estrutura prosódica recursiva. Ou seja, apresenta os níveis de hierarquia prosódica sobrepostos, que é classificado como recursão.

Curioso e surpreendente é o dado que temos na figura 18, a estrutura prosódica de uma sentença simples com o reportativo *je*. Ao invés de seguir o padrão prosódico da sentença simples, como na estrutura apresentada na figura 16, essa sentença possui características muito parecidas a da oração encaixada. Observe-se a figura 18.

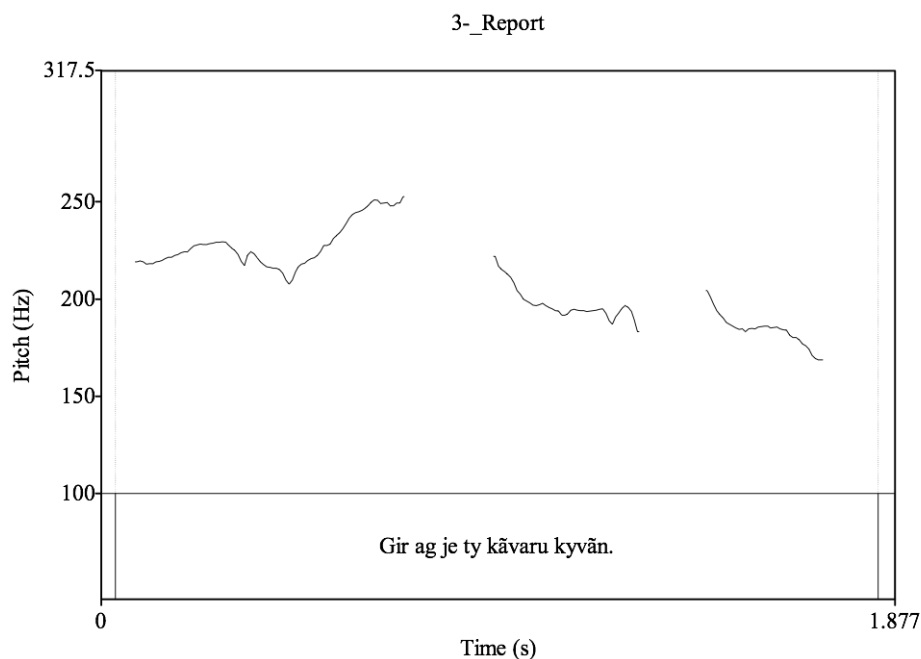


Figura 18: Contorno de *pitch* em sentença simples com reportativo *je* (‘Os meninos soltaram o cavalo’)

O pico mais alto ocorre justamente no reportativa *je* seguido do núcleo oracional *tỹ* que parece estar atuando como marca de subordinação, como já visto anteriormente. A estrutura prosódica mostra claramente que não se trata de um nivelamento prosódico plano (*prosodic flatness*), e sim, de níveis de hierarquia sobrepostos, exatamente como acontece na estrutura prosódica da oração subordinada.

Como já foi dito, este é um trabalho bastante preliminar, e, portanto, ainda é muito cedo para fazer afirmações. Porém, não deixa de trazer considerações importantes a respeito da ocorrência de estruturas recursivas na língua Kaingang, sendo que os dados indicam que essas estruturas parecem estar refletidas em sua prosódia. Surgem questões instigantes, como se os marcadores de evidencialidade, como o reportativo *je* em Kaingang, seriam pistas para identificar recursividade nas línguas, por exemplo.

É um estudo que necessita de uma análise mais elaborada levando em conta os aspectos que possam influenciar nos resultados da análise acústica, como a seleção de segmentos

fonológicos que compõem os enunciados, bem como uma melhor delimitação dos tipos de sentenças que compõem o *corpus*.

5. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E EVIDENCIALIDADE

5.1 Pressupostos teóricos

Segundo Chomsky (1995), a tarefa da Linguística é a de explicar a natureza, a aquisição e o uso da linguagem humana. Além da Linguística Gerativa há muitas teorias que se propõem essa tarefa, portanto são inúmeros os estudos que buscam explicar esses aspectos da linguagem humana, usando diferentes abordagens e metodologias. Consequentemente, diferentes hipóteses têm sido formuladas para tentar explicar a aquisição de línguas pelas crianças. Como explicar essa capacidade humana de entender e falar uma língua? Essa é uma das questões centrais que interessam a estes estudos.

Para a Linguística Gerativa, essa capacidade humana de falar e entender uma língua seria parte da dotação biológica da espécie humana. A proposta é a de que a linguagem seria uma capacidade codificada geneticamente na biologia humana, um órgão do cérebro/mente da espécie humana, um dispositivo inato, conhecido como *faculdade da linguagem*.

A partir desta postulação, os estudos linguísticos de abordagem gerativista, têm se ocupado da elaboração de um modelo teórico que explique o funcionamento da linguagem na mente humana. Esses estudos trabalham com a hipótese da existência de uma Gramática Universal (GU), entendida como o conjunto das propriedades gramaticais compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas, que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU. Essa hipótese (GU) é o refinamento das noções relacionadas a essa dotação humana, a faculdade da linguagem.

Os estudos sobre a natureza da GU já percorreram diferentes fases desde a Teoria Padrão (Chomsky, 1965), passando pelo modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), sendo o Programa Minimalista a fase em atual desenvolvimento (cf. Chomsky, 1995). Entende-se por “Princípios” as propriedades gramaticais que são válidas para todas as línguas naturais, enquanto que “Parâmetros” devem ser compreendidos como as possibilidades (limitadas sempre de maneira binária) de variação entre as línguas. Nesse

sentido, a fim de mapear os princípios e parâmetros da GU, a Linguística Gerativa se ocupa em estudar comparativamente as línguas humanas (Kenedy, 2010).

Em outras palavras, a capacidade de aquisição da linguagem é uma condição biológica da espécie humana. Já nascemos com essa capacidade. Com isso, os processos e estágios de aquisição se dão fundamentalmente da mesma forma, independentemente da língua e da comunidade específica de falantes. Desde que a criança esteja inserida em uma comunidade linguística, a aquisição da língua irá se desenvolver de forma natural e espontânea, universalmente.

Para os estudos de aquisição, sobretudo para a Psicolinguística, interessa responder algumas questões:

“quando a aquisição de uma língua começa? O que a criança tem de adquirir - o vocabulário, as estruturas sintáticas, a fonologia, a prosódia da língua? De que maneira ela adquire - que habilidades estão disponíveis no seu aparato perceptual, cognitivo? Qual é o percurso do desenvolvimento linguístico? etc.” (Name, 2015, p. 73).

São estas as questões que a Psicolinguística da Aquisição da Linguagem estuda. Nesse sentido, para o presente estudo interessa responder quando a criança falante de Kaingang passa a compreender e usar o evidencial reportativo *je* e o visual *m̃yr*.

Línguas com sistemas de evidencialidade – o principal tema desta tese - têm ganhado bastante espaço nos estudos sobre aquisição desses sistemas pelas crianças, devido aos processos mentais que essas estruturas desencadeiam nos processos de sua compreensão e de seu uso. O processo de compreensão e produção dos evidenciais requer um raciocínio inferencial para atribuir um estado mental a outros indivíduos. Ou seja, essas estruturas codificam informações que desencadeiam raciocínios do tipo segunda ordem (*second order*), em que atribui-se um estado mental a *x* que, por sua vez, atribui um estado mental a *y*. (cf. De Villiers, 2007).

Como já pontuado em Aikhenvald (2004), a investigação de como as crianças adquirem os evidenciais é uma fonte importante, com potencial tanto para nos revelar aspectos centrais da cognição humana, quanto para seus desdobramentos de natureza cultural. No entanto, são poucos os estudos realizados sobre esse tema fundamental, até o momento.

5.2 Evidencialidade e Aquisição

Em um estudo realizado por De Villiers et al. (2009), sobre a aquisição dos evidenciais do Tibetano, os autores descrevem a natureza desse sistema, nessa língua, e tratam dos desafios que os evidenciais apresentam para a aquisição. Uma das questões observadas nesse estudo refere-se ao entendimento das propriedades sintática e semânticas dos evidenciais pelas crianças relacionado a sua competência de mudança de ponto de vista, exigida para o uso dos evidenciais. Mais especificamente, examinam a conexão entre o domínio dos evidenciais indiretos e a competência de inferência das crianças tibetanas.

Uma das constatações importantes sobre a natureza dos evidenciais e as implicações na sua compreensão e uso, é o de que em línguas com sistemas de evidenciais, dominar esse sistema, assim como dominar a teoria da mente, requer que a criança domine conhecimentos implícitos (ocultos). E mais do que isso, como afirmam os autores, o processo de uso e compreensão das marcas linguísticas dos diferentes tipos de evidenciais requer que a criança não apenas entenda os estados cognitivos do falante, seu interlocutor, mas também a conexão entre esses estados e eventos fora da situação de discurso.

Como apontado ainda em De Villiers et al. (2009), apesar dessa complexidade que os sistemas de evidenciais apresentam, estudos anteriores sobre aquisição dos evidenciais em Turco, Koreano e Quechua (Aksu-Koç, 1988; Choi & Aksu-Koç, 1999; Courtney, 2008; Papafragou, Li, Choi, & Han, 2007), mostram que as crianças começam a usar esses morfemas muito cedo, em torno de dois anos de idade, mesmo sem dominar completamente os significados desses morfemas. Neste estudo, os autores ainda levantam uma questão importante sobre a alta habilidade de raciocínio/inferência demonstrado pelas crianças

tibetanas em comparação com as crianças americanas falantes de inglês, de que talvez essa capacidade pode estar relacionada com a presença do evidencial inferencial na língua tibetana e a ausência dessa categoria no inglês.

Os dados do Tibetano sugerem dizer que as crianças percorrem vários estágios de compreensão da evidencialidade, refletindo ambos a aquisição da habilidade para fazer e compreender inferências e a habilidade para distinguir entre quão certo um falante está e como um falante sabe o que sabe. (*Our data suggest that children go through several stages of understanding evidentiality, reflecting both the acquisition of the ability to make and comprehend inferences and the ability to distinguish between how certain a speaker is and how a speaker knows what she knows* (De Villiers et al., 2009, p. 30)).

Em outro estudo que explora essa questão, Jeschull and Roeper¹⁴ (2009) investigam através de experimentos simples, como as crianças adquirem certas noções relacionadas à evidencialidade e à expressão de certeza. Como apontam os autores, em trabalho linguístico comparativo, ou translinguístico, sobre evidencialidade, sugere-se que, em algumas línguas, marcadores evidenciais são quase indistinguíveis dos marcadores de certeza. Muitas vezes são tomados para significar a mesma coisa. No caso do inglês, utilizam duas expressões para esse estudo: *'looks like'* e *'probably'*. Em contextos onde probabilidade e aparência são colocados um contra o outro, esses marcadores assumem sua composição original de leitura, ou seja, consegue-se fazer uma distinção com mais clareza entre eles. Surgem várias perguntas na discussão sobre o tema, tais como: quando a criança adquire esta distinção? Isso seria um reflexo das tendências inatas? A criança distingue entre certeza e evidencialidade quando está explícito na língua?

Em dados espontâneos, num grupo de 7 crianças entre 1;6 e 5;0 de idade, mostrou-se que as crianças claramente usam *'looks like'* evidencial com NP complemento antes dos 3 anos de idade. Em casos sentenciais incluindo questões suscitadas mostrou-se que as

¹⁴ Thomas Roeper é um dos professores da *University of Massachusetts Amherst* com quem temos também interagido no desenvolvimento desse projeto.

crianças usam *'probably'* como marcador de certeza aos 4-5 anos. Esses dados sugerem que as crianças distinguem marcadores evidenciais e marcadores de certeza já em idade precoce.

Para investigar se as crianças entendem corretamente a semântica de *'looks like'* e *'probably'* e distinguem os dois, os autores realizaram um experimento controlado de compreensão, usando, como método experimental, fotos acompanhadas de histórias em contextos em que *'looks like'* e *'probably'* conduziriam à respostas opostas. Cada história era seguida por perguntas para cada uma das duas expressões. Os indivíduos eram 21 crianças organizadas em 2 grupos: um grupo com crianças de 4 anos e outro grupo com crianças de 5 anos. Como grupo de controle participaram 27 adultos. Como hipótese, haveria três cenários possíveis:

1. Crianças em idade mais precoce não diferenciam evidencialidade de certeza.
2. O grau de certeza aparece primeiro. Crianças podem interpretar *'probably'* como *'looks like'* (deveriam sempre escolher a evidência visual – o adulto).
3. O grau de certeza aparece primeiro. Crianças deveriam interpretar *'looks like'* como *'probably'* (deveriam sempre escolher a inferência – o adulto).

A questão que norteou a aplicação desse experimento para o inglês foi a seguinte: Quando a criança discrimina a diferença entre marcadores evidenciais e a marca de certeza? Esta questão é examinada a partir da perspectiva das duas expressões do Inglês, com o argumento de que há uma importante assimetria: *'looks like'* (parece que) e *'probably'* (provavelmente).

A previsão era a de que se pode usar *'looks like'* para captar o que parece internamente provável, mesmo se não há evidência visual. *'Probably'* não deve ser usado para se referir a uma informação visual como fonte de evidência. Embora a evidência possa, naturalmente, produzir algum grau de certeza, um grau de certeza não produz nem deve ser tomado como uma forma de evidência.

Os resultados desse experimento mostraram que crianças já distinguem claramente entre *'looks like'* e *'probably'*, assim como os adultos. Ambos associam *'looks like'* com informação visual mais frequentemente do que *'probably'* (4 anos: 44% vs. 27%, 5 anos: 50% vs. 25%), enquanto adultos associaram *'looks like'* com evidência visual 77% das vezes e *'probably'* somente 6%.

O que se depreende desse experimento é que as crianças mostram maior tendência em confiar em suas mentes e usar evidência inferencial do que evidência visual. As que têm perto de 4 anos são capazes de distinguir um marcador de certeza de um marcador evidencial.

Esses resultados apoiam uma distinção básica entre direções da inferência mental: derivamos sentido de certeza de evidência, mas não convertemos nosso sentido de certeza para um de evidência. Isso implica que importantes dimensões da sensibilidade cognitiva estão presentes no tipo de raciocínio necessário em contextos de falsa crença. Portanto, verificar a ordem de aquisição dessas partículas evidenciais é uma questão importante no estudo da interface entre a linguagem e a Teoria da Mente, se e quando a Teoria da Mente tem implicações sobre a aquisição da linguagem, e vice-versa.

5.3 Metodologia utilizada

Existem basicamente dois métodos para se estudar a aquisição da linguagem. O Método Naturalista e o Método Experimental. O método Naturalista é longitudinal, em que se observam as manifestações espontâneas da criança de forma mais natural possível, ao longo de dias, semanas, meses e anos. O método experimental consiste em criar situações controladas envolvendo o fenômeno linguístico que se pretende observar, nas quais serão comparadas duas ou mais condições de observação do comportamento da criança em reação a fatores que podem atuar no fenômeno em questão (Name, 2015).

O estudo que será reportado na próxima seção é um experimento piloto, exploratório, que aplicamos com o objetivo de testar a compreensão de evidência direta e indireta, expressos, respectivamente pelo evidencial visual *m̃yr* e pelo evidencial reportativo *je*.

5.4 Experimento de compreensão do evidencial visual *m̃yr* e do reportativo *je*

Para testar a compreensão dos evidenciais pelas crianças aplicamos um experimento do tipo “*oral sentence/picture matching*”, que constitui-se da combinação de sentença auditiva e imagem visualizada, em que utilizou-se medida *off-line*, ou seja, captou-se a decisão da criança logo após e não durante a audição de frase e visualização de imagem. O objetivo desse experimento é o de averiguar se as crianças Kaingang são sensíveis às diferenças semânticas que os falantes adultos atribuem aos diferentes evidenciais na língua Kaingang. Foram testados os dois evidenciais que se opõem quanto à fonte da informação, *m̃yr* para informação visual/experienciada e *je* para informação reportada. Como pode-se observar no capítulo 3 sobre os evidenciais, o evidencial *m̃yr* indica informação visual do falante, portanto, o próprio falante é a fonte da informação, enquanto que o evidencial *je* indica informação reportada, tratando-se, portanto, de uma fonte externa ao falante.

Com o objetivo de obter dados de produção de crianças, realizou-se também um teste piloto, exploratório, de produção, em que se faziam algumas perguntas para a criança no final do teste de compreensão.

No estudo de compreensão de medida *off-line* realizado com falantes adultos, também na modalidade auditiva, apresentado no capítulo 4 anterior, verificou-se que as diferentes nuances de significado dos evidenciais são psicologicamente reais para os falantes adultos. Os índices de aceitação e os tempos médios de resposta mostraram que os participantes tendem a aceitar como complemento para os evidenciais *m̃yr* e *je*, sentenças que tenham conteúdo semântico convergente às noções codificadas por esses evidenciais. No estudo de rastreamento ocular, de medida *on-line*, reportado na seção 4.3, também com adultos, vimos a produtividade dos evidenciais nos processos de compreensão da leitura.

A partir dos trabalhos de De Villiers et al. (2009) com a língua tibetana, adotamos os seguintes problemas de pesquisa, que guiaram esse estudo: i) Crianças com idade entre 3 e 7 anos são sensíveis às implicações dos evidenciais direto *versus* indireto? ii) Elas distinguem a diferença semântica entre o evidencial visual *m̃yr* e o reportativo *je*? iii) Em que momento elas compreendem e usam os evidenciais? Qual faixa etária?

Hipótese

Com base em estudos anteriores que demonstram que crianças de dois anos já fazem o uso de evidenciais, espera-se que as crianças Kaingang entre 3 e 7 anos já sejam capazes de distinguir entre o evidencial reportativo e o visual. Espera-se também que haja diferença nos níveis de compreensão da categoria entre as faixas etárias, sendo que as faixas etárias mais avançadas (6 e 7 anos) apresentarão índices mais elevados de respostas corretas para as condições simétricas do reportativo *je* e do visual *m̃yr*, o que estaria em consonância com os estágios de aquisição da categoria.

Além disso, com base nos achados no Tibetano de que o evidencial direto é prioritário para as crianças em relação ao indireto, seria legítimo fazer a hipótese de que as crianças Kaingang também seriam mais sensíveis e acertariam mais o visual *m̃yr* do que o reportativo *je*.

Previsão

As condições comparáveis serão aceitas mais facilmente e terão o maior índice de aceitabilidade. As condições com o evidencial *m̃yr* obterão melhores índices de acerto do que as condições com o evidencial *je*.

Participantes

Participaram do experimento 29 crianças falantes de Kaingang como primeira língua, com idades entre 3 e 7 anos. Todos os participantes são moradores da Terra Indígena Nonoai (RS), aldeias Bananeiras e Pinhalzinho, parte deles eram alunos das Escolas estaduais *Pêró Ga* e *Goj Ror*. Dessa forma os participantes foram distribuídos em 5 faixas etárias a serem

comparadas entre si: no grupo A com faixa etária de três anos obteve-se 3 participantes, no grupo B com faixa etária de 4 anos obteve-se 2 participantes, no grupo C com faixa etária de 5 anos obteve-se 7 participantes, no grupo D com faixa etária de 6 anos obteve-se 6 participantes e no grupo E com faixa etária de 7 anos obteve-se 11 participantes. Como grupo controle, também participaram 8 adultos.

Materiais

Variáveis independentes

As variáveis independentes consistiam do tipo de evidencial, se era visual *m̃yr* ou reportativo *je*, da simetria, se simétrico ou assimétrico

Variáveis dependentes

Índices de respostas *háv* ‘sim’ e *va* ‘não’

Os materiais e o design experimental utilizados nesse experimento são, na realidade, uma versão reformulada com ajustes dos materiais utilizados no experimento de rastreamento ocular, apresentado no capítulo 4. Naquele experimento, de *sentence/picture matching*, as frases eram lidas pelos participantes e os personagens, o menino e a menina, tinham nomes. Neste experimento, as sentenças foram gravadas com um gravador digital estéreo em arquivos WAV por um falante nativo da língua Kaingang, e os nomes dos personagens foram tiradas ficando apenas *ũnsĩ ti* ‘menino’ e *ũnsĩ fi* ‘menina’.

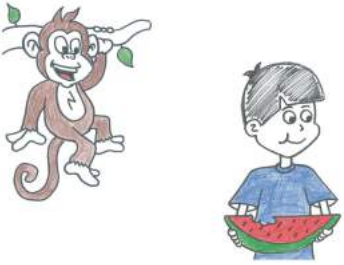
Design experimental (*within subjects*)

O design experimental foi 2x2x2. Dessa forma, havia duas condições experimentais para cada evidencial, correta e falsa. A condição simétrica para o evidencial *m̃yr* (MC) se dava pela combinação entre a sentença auditiva com o evidencial *m̃yr* e imagem visualizada indicando evidência visual. Por outro lado, a condição assimétrica do evidencial visual (MF) se dava pela sentença auditiva com evidencial *m̃yr* e imagem indicando evidência reportada. Da mesma forma uma condição simétrica para o reportativo *je* (JC) se dava pela

combinação da sentença auditiva com o evidencial *je* e imagem visualizada indicando evidência reportada. Por outro lado, a condição assimétrica de evidência reportada (JF) se dava pela sentença auditiva com evidencial *je* e a imagem visualizada indicando informação visual.

Havia também um grupo de 4 itens controle com duas condições para cada item, denominados controle afirmativo e controle negativo, totalizando um grupo de 8 sentenças controle. As sentenças auditivas dos itens controle eram formadas sem nenhum tipo de evidencial. O que denominamos Controle Negativo (CN) era formado pela sentença auditiva com afirmação falsa sobre a imagem visualizada. Por outro lado, o Controle Afirmativo (CA) era formado pela afirmação correta sobre a imagem visualizada.

Exemplos de materiais

 (MC5) Ũnsĩ tỹ marsija ko mỹr. criança NUC melancia comer VIS 'O menino comeu melancia (informação visualizada)' (MF5) Ũnsĩ je tỹ marsija kó. criança REP NUC melancia comer.PASS 'O menino comeu melancia (informação reportada)'	 (JC5) Ũnsĩ je tỹ marsija kó. criança REP NUC melancia comer.PASS 'O menino comeu melancia (informação reportada)' (JF5) Ũnsĩ tỹ marsija ko mỹr. criança NUC melancia comer VIS 'O menino comeu melancia (informação visualizada)'
---	--

Quadro 4: Exemplo das condições experimentais

O conjunto de 16 frases como ilustrado no Quadro 4 foram preparados e distribuídos sistematicamente em quadrado latino em quatro versões do experimento, de modo a garantir que todos os participantes fossem expostos a todas as condições experimentais, mas não as mesmas frases. Em cada uma das quatro versões incluíram-se 8 frases controle.

Quadrado Latino

Versão 1	Versão 2	Versão 3	Versão 4
MC1	MF1	JC1	JF1
MF2	JC2	JF2	MC2
JC3	JF3	MC3	MF3
JF4	MC4	MF4	JC4
MC5	MF5	JC5	JF5
MF6	JC6	JF6	MC6
JC7	JF7	MC7	MF7
JF8	MC8	MF8	JC8

Tabela 22: Quadrado Latino

Procedimentos

Os áudios e as imagens de cada versão do experimento foram inseridas em *powerpoint* a ser apresentado aos participantes. As crianças participantes do experimento eram apresentadas a um macaquinho e um papagaio. Mostrava-se também para a criança dois personagens: um menino e uma menina. Dizia-se para o participante que o macaco gostava de saber tudo o que as crianças faziam, por isso as vezes ia junto com as crianças para ver o que elas faziam. Mas as vezes não podia ir, então quem ia era o papagaio que via tudo o que as

crianças faziam para contar para o macaco. Dessa forma, para os itens teste, o macaco tinha duas possibilidades de contar sobre os eventos para a criança: contava o que ele mesmo via, usando o evidencial visual *mÿr*, ou o que o papagaio contava para ele, usando o reportativo *je*.

Nos itens controle, o macaco às vezes contava certo, de acordo com as imagens, mas as vezes dizia eventos diferentes do que estava sendo mostrado nas imagens, o que resultava em afirmativo correto e afirmativo falso. Todas as frases dos itens controle eram sem evidenciais.

A criança era instruída a perguntar para o macaco o que havia acontecido. Após a pergunta, pressionava a tecla de controle (seta para a direita) para acionar o audio. O macaco, então, contava o que havia visto ou o que ele tinha ouvido do papagaio, usando os marcadores *mÿr* e *je*, que indicam informação visual e reportada, respectivamente. As vezes o macaco contava certo, mas as vezes contava errado. Por isso, o participante deveria prestar atenção às imagens para ver se o macaco estava contando certo, conforme as condições simétricas e assimétricas.

Tarefa experimental

A tarefa do participante era dizer para o entrevistador se o que o macaquinho diz está correto ou não, dando ao macaco uma moeda para as respostas corretas e uma folha em caso de respostas erradas.

Antes de iniciar o experimento, fazia-se uma sessão de prática para certificar que o participante havia entendido o experimento e a tarefa experimental.

Todo o processo de aplicação do experimento com cada um dos participantes foi filmado com uma câmera filmadora digital (*Handycam Sony*) em arquivos MP4, que eram posteriormente transferidos para um computador e analisados.

Com intuito de obter dados de produção das crianças, no final da sessão de aplicação a criança era convidada a fazer de conta que ela era o macaquinho e responder as perguntas

do entrevistador, que se sentava atrás do computador em que a criança estava vendo as imagens. O entrevistador fazia a mesma pergunta que a criança fazia ao macaco - *Kajēr sī ne nē hēren ke?* ‘macaquinho, o que aconteceu?’ - e a criança deveria olhar a imagem na tela do computador e responder. Cada sessão durava em média um total de 10 a 15 minutos.

Resultados

Como previsto, nas condições de teste, os índices de respostas corretas para as condições simétricas de ambos os evidenciais se mostram elevados em todas as faixas etárias. Conforme a tabela 16 abaixo, nas condições simétricas do reportativo *je* (JC - *je* correto) registraram-se os índices mais altos de respostas positivas. Os grupos de 3 anos e 5 anos obtiveram 83% e 85% respectivamente, enquanto que os demais - 4, 6 e 7 anos - obtiveram 100% de respostas positivas.

Para o visual *mȳr*, nas condições simétricas (MC - *mȳr* correto), o grupo de 3 anos obteve 66% de respostas positivas, o de 4 anos obteve 75%, o de 5 anos obteve 92%, o de 6 anos obteve 83% e o grupo de 7 anos obteve 86% de respostas positivas. Resultados que apoiam nossas hipóteses, mostrando que há uma variação maior entre as faixas etárias, sendo que as crianças mais novas, o grupo de 3 anos, obtiveram o índice mais baixo de respostas positivas (66%). Esses resultados sugerem que o evidencial reportativo, no geral, parece ser mais produtivo do que o evidencial visual, diferente do que havíamos previsto.

O grupo de 5 anos registra uma variação curiosa, se compararmos os índices de respostas entre as condições simétricas dos dois evidenciais. Para o reportativo *je* (JC) esse grupo mantém-se no mesmo nível do grupo de 3 anos, com índice de 85%, enquanto que para o visual *mȳr* (MC) registra o índice mais alto de todos os grupos, 92%, superior que o grupo de 7 anos, que registrou 86%. O que sugere que esse grupo, o de 5 anos, parece ter uma melhor compreensão e preferência pelo visual *mȳr*.

Na comparação entre as condições, simétricas e assimétricas, o grupo de 5 anos também foi o único grupo que obteve índice de aceitação mais elevado das condições assimétricas do evidencial *je* do que as condições simétricas desse evidencial. A condição simétrica (JC - *je*

correto) obteve 85% de respostas positivas com *háv*, enquanto que a condição assimétrica (JF - *je* falso) obteve 92%. Já para o visual *mÿr*, os resultados vão na direção esperada, pois a condição simétrica (MC - *mÿr* correto) obteve índice mais alto, 95% de respostas positivas com *háv*, enquanto que a condição assimétrica (MF- *mÿr* falso) obteve apenas 71% de respostas positivas.

Nas condições de controle, os resultados também confirmaram as nossas previsões de que as condições simétricas (CA - controle afirmativo) teriam maior índice de aceitabilidade do que as condições assimétricas (CN - controle negativo).

Grupo/ idade	JC háv	JC va	JF háv	JF va	MC háv	MC va	MF háv	MF va	CA háv	CA va	CN háv	CN va
3 anos	5 83%	1 16%	4 66%	2 33%	4 66%	2 33%	4 66%	2 33%	10 83%	2 16%	4 33%	7 58%
4 anos	4 100%	0 0%	3 75%	1 25%	3 75%	0 0%	2 50%	1 25%	6 75%	2 25%	0 0%	7 87%
5 anos	12 85%	1 7%	13 92%	1 7%	13 92%	1 7%	10 71%	4 28%	23 82%	5 17%	6 21%	18 64%
6 anos	12 100%	0 0%	9 75%	2 16%	10 83%	2 16%	10 83%	2 16%	22 91%	1 4%	2 8%	22 91%
7 anos	22 100%	0 0%	17 77%	5 22%	19 86%	2 9%	17 77%	4 18%	36 81%	5 11%	1 2%	42 95%
Adultos/ controle	16 100%	0 0%	12 75%	4 25%	14 88%	2 12%	12 75%	4 25%	32 100%	0 0%	2 6%	30 94%

Tabela 23: Índices de respostas por faixa etária - *háv* ‘sim’ e *va* ‘não’

Uma das questões que merece ser melhor explorada em futuros estudos, é o alto índice de aceitação das condições assimétricas, para ambos os evidenciais. Para a condição

assimétrica (JF - *je* falso *háv*) obteve-se índice de aceitação maior que 60% em todos os grupos. E para a condição assimétrica (MF - *mÿr* falso *háv*) o menor índice de aceitação foi de 50%. Esses resultados, quando comparados com as condições de controle, parecem bastante expressivos, pois a condição assimétrica (CN - controle negativo *háv*) registra índices de aceitação menor que 34%.

Algumas pistas sobre fatores não previstos que podem ter influenciado nesses resultados são expostos, a seguir, e discutidos na seção de discussão. Fatores que podem estar relacionados com a própria natureza dos evidenciais testados e, conseqüentemente, com a própria metodologia utilizada. Portanto, não estritamente ou categoricamente relacionados aos processos de aquisição dos evidenciais, visto que no teste piloto de produção obteve-se resultados que corroboram com as previsões e hipóteses estabelecidas, como veremos a seguir.

5.5 Teste exploratório de produção

Observações sobre as perguntas exploratórias testando a produção

Em resposta às perguntas exploratórias, obtiveram-se alguns dados que nos permitem fazer algumas hipóteses na interpretação dos resultados obtidos no experimento reportado anteriormente. Os dados foram os seguintes:

i) Os participantes C.M.F. com 5;3 de idade e L.C com 7 de idade repetiram frases ditas pelo macaquinho utilizando o evidencial visual *mÿr*, como mostrado no exemplo (124)

(124)

<i>“Ûnsĩ</i>	<i>tÿ</i>	<i>kamĩjũ</i>	<i>kẽsĩr</i>	<i>génh</i>	<i>mÿr”</i>	<i>ke</i>	<i>ne</i>	<i>mũ.</i>
alguém.DIM	NUC	caminhão	DIM.PL	pegar.PL	VIS	disse	MIR	PERF

‘Ele disse: o menino pegou o carrinho.’

ii) Os participantes B.S. de 5;3 de idade e J.N. de 5 anos produziram frases com o evidencial visual *mỹr* direcionando-se ao entrevistador, como transcritos em (125) e (126), respectivamente.

(125) *Ko mỹr fi hamẽ.*
 comer VIS 2SG.FEM MD
 ‘Ela comeu. Lembra?’

(126) *Hé! Kafěj ã tỹ kutã mỹr ha!*
 exclamação folha uma NUC cair VIS agora
 ‘Ih! Caiu uma folha (visual)!’

iii) A maioria das crianças testadas (V.P. 6, M.K. 6;2, C.G. 4, T.C.N 7) responderam utilizando o morfema de miratividade *ne*, que também compõe a categorias de evidencialidade, como núcleo oracional. Utilizaram, também, aspecto progressivo e perfectivo no final das sentenças. E, como exposto no capítulo 3 da tese, os evidenciais aqui testados não co-ocorrem com esse morfema, ou seja, o morfema seleciona outros morfemas ao invés dos evidenciais testados. Além disso, quando utilizam aspecto progressivo se referem aos eventos como momento presente, como se os eventos por elas visualizadas nas imagens estivessem acontecendo naquele momento, devido ao fato de as imagens permanecerem disponíveis a elas, como mostrado nas frases transcritas nos exemplos abaixo.

(127) *Ũnsĩ ne mro sa nĩ.*
 alguém.DIM MIR nadar pendurado/horizontal PROG
 ‘O menino está nadando.’

(128) *Ũnsĩ ne ka to tâpry sa nĩ.*
 alguém.DIM MIR árvore POSP subir pendurado/horizontal PROG
 ‘O menino está subindo na árvore.’

- (129) *Ŭnsĩ* *ne* *marsija* *ko* *mũ*.
 alguém.DIM MIR melancia comer PERF
 ‘O menino comeu melancia.’

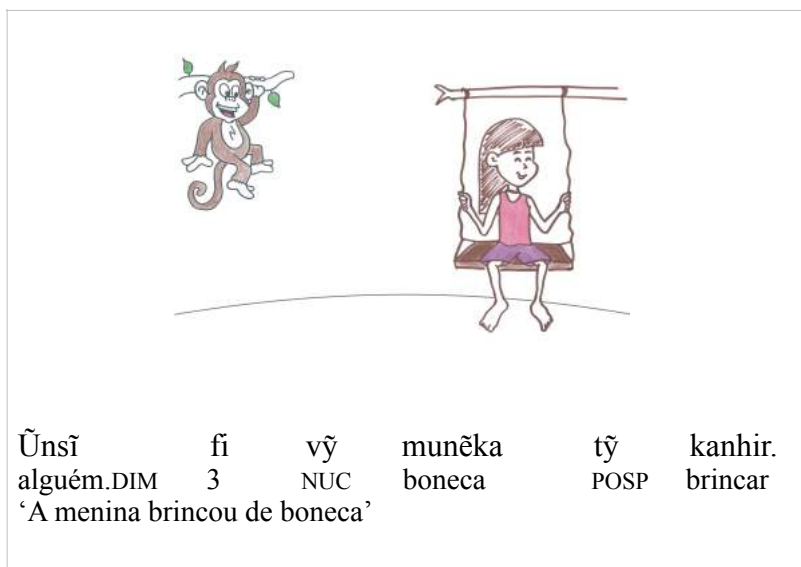
Discussão

Conforme resultados expostos anteriormente, as condições simétricas para ambos os evidenciais registraram índices significativos de aceitação, corroborando com as nossas hipóteses e previsões. No entanto, as condições assimétricas não atendem satisfatoriamente nossas expectativas, registrando, também, consideráveis índices de aceitação.

No teste piloto de produção registraram-se resultados que mostram o uso do evidencial visual *mỹr* por crianças com idade entre 5 e 7 anos. Além disso, houve um recorrente uso do marcador de miratividade *ne* que também faz parte da categoria dos evidenciais nessa língua.

Esses resultados do teste piloto, nos fornecem algumas pistas importantes que podem ajudar a refinar a metodologia utilizada na testagem da aquisição dessas estruturas gramaticais em trabalhos futuros. Assim, destacamos alguns fatores que, a primeira vista, podem ter influenciado esses resultados.

Enquanto as condições de controle faziam referência aos eventos reportados pelo macaco relacionados aos eventos mostrados nas imagens, as condições de teste faziam referência às informações diretas e indiretas obtidas pelo macaco que reporta para os participantes. Dessa forma, o que parece prevalecer para a criança é a ocorrência do evento em si, ou seja, por mais que na condição assimétrica exista o estranhamento, optar pela resposta negativa seria negar a ocorrência do evento visualizado na imagem, o que parece ganhar um peso maior no processo de decisão. As condições de controle soavam mais categóricas, no sentido da correspondência entre as frases auditivas e a imagem, por exemplo, na condição assimétrica (CN5) o participante ouvia a frase “a menina brincou de boneca”, mas via na imagem a menina no balanço.



Quadro 5: Exemplo de condição controle assimétrico (CN5)

Já nas condições de teste a diferença entre a frase auditiva e a imagem visualizada nas condições assimétricas (JF e MF) não era tão categórica, ou seja, o evento mencionado na frase de alguma forma correspondia a imagem, estando a diferença apenas na forma como o macaco obteve a informação, se direta ou indiretamente. O contraste entre as condições de teste e as condições de controle foi pensado exatamente para tentar isolar a variável testada no experimento. No entanto, o efeito não foi propriamente o esperado.

Em uma avaliação qualitativa na análise dos filmes dos participantes com idade entre 3 e 4 anos, pode-se notar que eles tendem a atualizar para o presente o que está diante deles, como no caso dos eventos mostrados pelas imagens. Parece haver uma dificuldade maior em entender que os eventos mostrados nas imagens já haviam acontecido, e que o macaco estava reportando coisas que ele já tinha visto ou ouvido de alguém. É como se os eventos estivessem acontecendo naquele momento. Na verdade, eles parecem de fato ter entendido, mas esqueciam muito rapidamente.

A razão pela qual os participantes utilizaram o morfema de miratividade na produção pode ser explicada pelo fato de as imagens não estarem mais disponíveis para o entrevistador, ou seja, o entrevistador passa a não saber mais qual imagem esta sendo projetada na tela do

computador, já que é a criança quem tem a visão da tela e manuseia os slides. Sendo assim, a informação dada nas respostas da criança passa a ser informação nova para o entrevistador e mesmo para a criança, pois ela só tem acesso à imagem quando ela passa os slides. Por mais que a criança já tenha visto todas as imagens, é pouco provável que ela tenha memorizado a sequência dos slides, visto que são 16 slides.

Vale lembrar que o morfema de miratividade seleciona marcas de aspecto específicas. A marca de evidencial visual não ocorre com esse morfema aspectual, uma vez que esses morfemas ocupam a mesma posição do evidencial visual, a posição final da sentença.

Assim sendo, esses dados, mesmo que não previstos, nos fornecem algumas pistas sobre o alto índice de aceitabilidade das condições assimétricas, bem como a própria metodologia utilizada no experimento quando se leva em conta a natureza dos evidenciais ora testados, sobretudo o evidencial visual *mỹr* que só ocorre em contextos perfectivos e no passado.

É importante destacar também a necessidade de aplicar um teste controlado de produção para que se possa comparar os resultados. O experimento de produção talvez possa ser feito utilizando videos curtos, ao invés de imagens, para que o participante possa ver o início e o final do evento, no caso do evidencia visual *mỹr*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição de todo o trabalho realizado neste estudo, consideramos que a tese cumpriu com os objetivos que se propôs a investigar com relação ao tema abordado. Elucidamos e explicamos várias questões importantes relacionadas a categoria de evidencialidade na língua Kaingang.

Na parte descritiva, destacamos a questão da interação entre as partículas de evidenciais e os que denominamos de núcleos oracionais, mostrando que os núcleos oracionais formam a categoria gramatical responsável por licenciar orações finitas nessa língua, são elas que possibilitam gerar sentenças gramaticais. Através da diversidade de morfemas, essa categoria gramatical tem, ainda, a função de tipificar as orações, como por exemplo, em orações declarativas, afirmativas e negativas. Além disso, a categoria de evidencialidade está diretamente relacionada a essa categoria, visto que alguns evidenciais exercem também a função de núcleos oracionais, como o morfema de miratividade.

Na parte que envolveu os estudos psicolinguísticos, tantos os experimentos de medida *off-line* quanto os de medida *on-line*, revelaram resultados de grande interesse para o estudo dos evidenciais. Nos estudos de processamento aplicados a falantes adultos de Kaingang, vimos a produtividade dessas estruturas gramaticais nos processos de compreensão como demonstrado no estudo *off-line* de compreensão. Os evidenciais se mostraram fundamentais na identificação de contextos simétricos e assimétricos envolvendo tipo e fonte de informação. E de forma relevante o experimento de rastreamento ocular revelou a realidade psicológica dos evidenciais reportativo e visual, mostrando através dos movimentos sacádicos e fixações do olhar o quão determinantes são as estruturas de evidencialidade na identificação de referências relacionadas a fonte de informação.

Ainda que numa abordagem inicial, as análises acústicas nos revelam pistas, igualmente importantes, de que os evidencias podem estar carregando em suas estruturas prosódicas informações relacionadas a estruturas recursivas, o que poderá também, em estudos futuros, contribuir para o estudo da recursividade nas línguas para além das estruturas puramente sintáticas.

Na parte do estudo de aquisição, além dos resultados que mostraram valores significativos mostrando que as crianças tem a compreensão e fazem o uso de alguns evidenciais, o mirativo *ne* e o próprio *mÿr*, por exemplo, vimos a complexidade de se desenvolver experimentos para testar essas estruturas. Devido a complexidade semântica de cada evidencial exige-se uma metodologia muito acurada e precisa nas tarefas experimentais, as vezes não sendo possível a testagem de mais de um evidencial em um mesmo experimento, como pareceu o caso dos evidenciais *je* e *mÿr*.

De qualquer forma, o estudo não deixou de contribuir positivamente, no sentido que foram feitos apontamentos importantes para o estudo da aquisição dos evidenciais em Kaingang.

Por fim, gostaria de falar aqui do compromisso social que este estudo trás consigo. Referimo-nos ao povo Kaingang (e, evidentemente, os demais povos indígenas) que tem manifestado uma grande preocupação com o estudo, a preservação e o fortalecimento das suas línguas. No momento em que de fato há uma discussão mundial a respeito da sobrevivência das línguas minoritárias, acreditamos que nosso estudo pode vir a contribuir para valorizar a língua e o próprio povo, principalmente quando nos referimos ao ensino de língua indígena nas escolas das mais diferentes comunidades. Como indígena e pesquisadora, essas questões se tornam fundamentais, o que em grande parte justifica todo o esforço em estudar e compreender essa área de estudos tão complexa que é a linguística. Não apenas compreender cientificamente a estrutura das línguas, bem como a própria linguagem humana, mas também tentar “traduzir” esses conhecimentos para fins pedagógicos que possam contribuir para desconstruir a visão simplista e preconceituosa que temos vivenciado com relação à diversidade linguística e cultural, principalmente as línguas minoritárias. Como bem pontuado em Maia (2006), é um trabalho a ser iniciado entre os próprios falantes dessas línguas minoritárias, os povos indígenas.

Nesse sentido, buscou-se desenvolver esse trabalho de acordo tanto com propriedades universais quanto com princípios de observação descritiva cuidadosa e também de respeito às diferenças culturais, procurando não só desenvolver o conhecimento

científico sobre aspectos gramaticais da língua Kaingang, mas também, valorizando suas características próprias, identificando seus recursos de expressão da categoria de evidencialidade e marcadores epistêmicos. Assim, esses aspectos da língua poderão ser mais bem conhecidos e discutidos com professores e alunos nas escolas indígenas, como forma também de estimulá-los a pensar linguisticamente sobre a sua própria língua, no quadro mais amplo dos universais linguísticos.

Todos os procedimentos metodológicos foram explicitados para os participantes e realizados com seu pleno conhecimento. Os resultados da pesquisa serão divulgados e tornados públicos, podendo vir a subsidiar o desenvolvimento de materiais pedagógicos que valorizarão a língua própria da etnia e o seu ensino, com vistas a sua preservação, revitalização e fortalecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. *Evidentiality*. New York: Oxford University Press, 2004, 452 p.

_____. *Evidentiality in typological perspective*. In AIKHENVALD, A.Y & DIXON, R.M. (ed). *Studies in Evidentiality*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 1-32.

ALMEIDA, Liriana de. *A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua kaingang: uma proposta de análise / Liriana de Almeida*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

AMARAL, Luiz . *Bilinguismo, Aquisição, Letramento e o Ensino de Múltiplas Línguas em Escolas Indígenas no Brasil*. *Cadernos de Educação Escolar Indígena*, v. 9, p. 13-32, 2011.

COMRIE, Bernard. *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORBETT, G. 2000. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press.

COSTA, Isabella Coutinho. *O Número em Ye'kuana: uma perspectiva tipológica*. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2013. Dissertação de mestrado.

CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press.

Da ROSA, Arão. *Gĩr kāsir mré ěg vĩ tỹ rãnrhāj ge ěmã tỹ Guarita ki*. A língua Kaingang na educação infantil da Escola Gomercindo Jê-tê Tenh Ribeiro da Terra Indígena Guarita. Florianópolis: UFSC, 2015. Trabalho de conclusão de curso).

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Sistema vocálico e escrita do Kaingáng*. In RODRIGUES, A. e CABRAL, Ana Suelly (Org.), *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2007, p. 85-96.

_____. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. Liames 4. Campinas: IEL/Unicamp. Primavera 2004, p. 71-81.

_____. Kaingang: questões de língua e identidade. LIAMES – Línguas Indígenas Americanas. Campinas: IEL- Unicamp, 2002.

_____. *Gênero em Kaingang?* In L. dos Santos e I. Pontes (orgs.). **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: Ed. da UEL, pp.215-242. ISBN: 85-7216-347-6, 2002.

_____. Panorama da História Kaingang. Disponível em www.portalkaingang.org.br (Acesso em: 20 de janeiro de 2017).

de VILLIERS, J., Garfield, J., Gernet-Girard, H., Roeper, T., & Speas, M. (2009). Evidentials in Tibetan: Acquisition, semantics, and cognitive development. In S. A. Fitneva & T. Mat- sui (Eds.), *Evidentiality: A window into language and cognitive development, New Directions for Child and Adolescent Development*, 125, 29–47. San Francisco: Jossey-Bass.

de VILLIERS, J. The interface of language and Theory of Mind. **Lingua**, vol. 117, p. 1858-1878, 2007.

de VILLIERS, J. G.; PYERS, J. E. Complements to cognition: a longitudinal study of the relationship between complex syntax and false-belief-understanding. **Cognitive Development**, vol. 17, p. 1037-1060, 2002.

EVERETT, D. L. 2005. Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã: Another look at the design features of human language. *Current Anthropology* 46.621-46.

FERRARI, L., FRANÇA, A. & MAIA, M. Métodos de Investigação Linguística. In: Lilian Ferrari, Aniela I. França & Marcus Maia. A Linguística no Século XXI: Convergências e Divergências. A aparecer Ed. Contexto

FÉRY, Caroline & Fabian SCHUBÖ. 2010. Hierarchical prosodic structures in the intonation of center-embedded relative clauses. *The Linguistic Review* 27:293-317.

FRANCHETTO, Bruna. As Artes da Palavra. in: Cadernos de Educação Escolar Indígena.

Barra do Bugres, MT: UNEMAT. V.2, N.1 – 2003.

GOMES, MAIA, FRANÇA & RILLIARD (a aparecer). Prosody as a recursive embedding tool in production and perception of Karajá: an acoustic and neuro-psycholinguistic investigation. *Journal of Speech Sciences*.

GONÇALVES, Solange Aparecida. Aspecto no Kaingang. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. Tempo, Aspecto e Modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê). Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP : [s.n.], 2011.

JESCHULL, L. & ROEPER, T. (2009). Evidentiality vs. certainty: Do children trust their minds more than their eyes? In Crawford, J., Otaki, K., & Takahashi, M. Eds.). *Proceedings of the 3rd conference on generative approaches to language acquisition North America*, pp. 107-115. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

LEITÃO, Márcio M., Psicolinguística Experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: Mário Eduardo Martelotta (org.). *Manual de Linguística*. 1. ed., 3^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

LIMA DA SILVA, Lidia. Um novo olhar para o sistema de evidenciais em Karo. In: “Os Clássicos da Linguística e a Pesquisa Linguística atual”, X ENAPOL, 10., 2007, São Paulo. Anais. São Paulo: Editora Paulistana, 2008.

LYONS, J. (1977). *Semantics*. London: Cambridge University Press. 2v.

MAIA, Marcus. Processamento de frases. In: Marcus Maia (org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, p. 13-29, 2015.

_____. Rastreamento Ocular de Sintagmas Preposicionais Ambíguos em Português. *Revista da ABRALIN*, v. 9, p. 11-36, 2010.

_____. A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação inter-cultural bilíngüe. *Tellus (Campo Grande)*, v. 11, p. 61-76, 2006.

_____. "O Mediativo em Karajá". In: Ludoviko Santos & Ismael Pontes (orgs.), *Línguas Jê: Estudos Vários*. Londrina: Ed. UEL, 2002, ISBN 85-7216-347-6, p. 147-173.

_____. 1998. *Palavras Interrogativas em Karajá*. XIII Encontro Nacional da ANPOLL. Unicamp, Campinas – São Paulo.

NAME, Cristina. *Psicolinguística da Aquisição da Linguagem*. In: Maia, M. (org.).

Psicolinguística, Psicolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015, p. 71-84.

NASCIMENTO, S.H.L. **Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingang**. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis. 1995.

NASCIMENTO, Márcia. *Tempo, Modo, Aspecto e Evidencialidade em Kaingang*.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013.

_____. *Ëg vî ki kâmén sînvî han - As Artes da palavra no Kaingang*. In: Arenhaldt, Rafael & Tania Beatriz Iwaszko Marquesi. (Orgs). *Pensando a educação Kaingang*. 1. ed. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2010. v. VII. (p. 99 - 123)

_____. *Frases Interrogativas Sim/Não na Língua Kaingang – O uso da Partícula ‘mỹ’*. Barra do Bugres, 2006. Monografia (Graduação). Universidade do Estado de Mato Grosso.

O’GRADY, W. 1997. *Syntactic development*. Chicago: University of Chicago Press.

PALMER, Frank .R. *Mood and Modality*. Cambridge University Press. New York, 2001.

PAPAFRAGOU, A., Li, P., 2001. Evidential morphology and Theory of Mind. In: Skarabela, B., Fish, S., Do, A.H.-J. (Eds.), *Proceedings from the 26th Annual Boston University Conference on Language Development*. Cascadilla Press, Somerville, MA, pp. 510–520.

PETERSON, Tyler and SAUERLAND, Uli. *Evidence from Evidentials*. University of British Columbia Working Papers in Linguistics. 2010.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. (1986) **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola.

SAUERLAND, Uli: under review, 'False Speech Reports in Pirahã: A Comprehension Experiment', In Maia and Nevins (under review).

STENZEL, Kristine. As categorias de evidencialidade em Wanano (tucano oriental). Liames – Línguas Indígenas Americanas. IEL-Unicamp, 2006.

TSUNODA, Tasaku (2006). *Language endangerment and revitalization*. Berlin: Mouton de Gruyter. 9-15 y 36-42.

UNESCO Atlas of the World's Languages in Danger, <http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php> acessado em 24/07/2016.

VEIGA, Juracilda. Fundamentos da Cultura Kaingang. Curt Nimuendajú: Campinas, 2006.

WIESEMANN, Úrsula. Introdução na Língua Kaingáng. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL), Arquivo do setor Lingüístico do Museu Nacional. RJ. 1967.

_____. Dicionário Bilíngüe Kaingang-Português. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2002.

_____. Dicionário Kaingáng-Portugues, Português-Kaingáng. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1971.

_____. Time distinctions in Kaingang. *Zeitschrift für Ethnologie*. Braunschweig, vol. 99, n. 1-2, 1974, p. 120-130.

WILLETT, Thomas. (1988). A Cross-Linguistic Survey of the Grammaticalization of Evidentiality. *Studies in Language* 12:51-97.

APENDICES

Apêndice A - Sentenças experimentais para o estudo de aquisição

1.

a. Gĩr ag tỹ móra ke mỹr.

criança 3PL NUCL bola jogar VIS

‘Os meninos jogaram bola (Visualizado)’

b. Gĩr ag je tỹ móra ké.

criança 3PL REP NUCL bola jogar.PASS

‘Os meninos jogaram bola (Reportada)’

2.

a. Ũnsĩ tỹ goj tá pesca ke mỹr.

criança NUCL rio no percar fazer VIS

‘O menino pescou no rio (Visualizado)’

b. Ũnsĩ je tỹ goj tá pesca ké.

criança Rep NUCL rio no pescar fazer.PASS

‘Nẽnkanh pescou no rio (Reportada)’

3.

a. Ũnsĩ tỹ goj tá mro mỹr.

criança NUCL rio POSP nadar VIS

‘Nẽnkanh nadou no rio (Visualizado)’

b. Nẽnkanh je tỹ goj tá mro.

Nẽnkanh REP NUCL rio POSP nadar

‘Nẽnkanh nadou no rio (Reportado)’

4.

a. Nẽnkanh tỹ bicicleta kri nĩ mỹr.

Nẽnkanh NUC bicicleta POSP andar VIS

‘Nẽnkanh andou de bicicleta (Visualizado)’

b. Nẽnkanh je tỹ bicicleta kri nĩ.

criança REP NUCL bicicleta POSP andar

‘Nẽnkanh andou de bicicleta (Inf. Reportada)’

5.

a. Nẽnkanh tỹ marsia ko mỹr.

criança NUC melancia comer VIS

‘Nẽnkanh comeu melancia (Visualizado)’

b. Nẽnkanh je tỹ marsia kó.

criança REP NUC melancia comer.PASS

‘Nẽnkanh comeu melancia (Reportativo)’

6.

a. Nẽnkanh tỹ rarỹnh jãkrunh mỹr.

Nẽnkanh NUC laranja juntar Vis

‘Nẽnkanh juntou laranjas (Visualizado)’

b. Nẽnkanh je tỹ rarỹnh jãkrunh.

Nẽnkanh REP NUC laranja juntar

‘Nẽnkanh juntou laranjas (Reportada)’

7

a) Nẽnkanh tỹ kamĩjũ kēsir génh mỹr.

Nẽnkanh NUC carrinho DIM POS brincar VIS

‘Nẽnkanh brincou de carrinho

b) Nẽnkanh je tỹ kamĩjũ sĩ tỹ kanhir.

Nẽnkanh REP NUC carrinho DIM POS brincar

‘Nẽnkanh brincou de carrinho

8.

a) Nẽnkanh tỹ ka to tâpry mỹr.

Nẽnkanh NUC arvore POS subir VIS

‘Nẽnkanh subiu na arvore’.

b) Nẽnkanh je tỹ ka to tãpry.

Nẽnkanh REP NUC arvore POS subir

‘Nẽnkanh subiu na arvore’.

Itens treinamento

9.

a) Nẽnkanh tỹ ta kãmĩ kanhir mỹr.

Nẽnkanh NUC chuva POS brincar VIS

‘Nẽnkanh brincou na chuva’.

b) Nẽnkanh je tỹ ta kãmĩ kanhir.

Nẽnkanh REP NUC chuva POS brincar

‘Nẽnkanh brincou na chuva’.

10.

a) Nẽnkanh tỹ desenho han mỹr.

Nẽnkanh NUC desenho fazer VIS

‘Nẽnkanh fez desenho’

b) Nẽnkanh je tỹ desenho han.

Nẽnkanh REP NUC desenho fazer

‘Nẽnkanh fez desenho’

11.

a) Nẽnkanh tỹ TV vэг mỹr.

Nẽnkanh NUC tv ver VIS

‘Nẽnkanh assistiu TV’.

b) Nẽnkanh je tỹ TV vэг.

Nẽnkanh REP NUC tv ver

‘Nẽnkanh assistiu TV’.

12.

a) Nẽnkanh tỹ murita ke mỹr.

Nẽnkanh NUC bolita jogar VIS

‘Nẽnkanh jogou bolita’.

b) Nẽnkanh je tỹ murita ké.

Nẽnkanh REP NUC bolita jogar.PASS

‘Nẽnkanh jogou bolita’.

Distrativas

1. Mỹrinh fi vỹ maçã kó.
2. Mỹrinh fi vỹ livro to jãn.
3. Mỹrinh fi vỹ balão tỹ kanhir.
4. Mỹrinh fi vỹ sorvete kó.
5. Mỹrinh fi vỹ munêka tỹ kanhir.
6. Mỹrinh fi vỹ gato mré kanhir.
7. Mỹrinh fi vỹ hinja kri nĩ.
8. Mỹrinh fi vỹ kasor mré kanhir.

Apêndice B - Formulário de consentimento

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR EM UM ESTUDO

Título do estudo: Experimento de aquisição de evidenciais em Línguas Indígenas (Kaingang)

Você é convidado (ou seu filho/a) a participar de um estudo linguístico realizado por Márcia Nascimento Kaingang, aluna do departamento de Linguística da Universidade do Rio de Janeiro, sob orientação do professor Dr. Marcus Mais e Luiz Amaral. O propósito do estudo é estudar Aquisição de Evidenciais em Línguas Indígenas, especificamente na língua Kaingang. Os resultados deste estudo serão incluídos em artigos/Tese escritos por Márcia Nascimento, Marcus Maia e Luiz Amaral. Quando essa pesquisa for concluída, todo material escrito a partir desta pesquisa será entregue às comunidades envolvidas no projeto. Antes de decidir se você deseja participar deste estudo apresentamos informações sobre o estudo. Você pode tirar suas dúvidas, caso tenha algo que não seja claro na descrição abaixo.

- O estudo tem duração de aproximadamente 15 minutos e será gravado em vídeo. A gravação vai ser usada posteriormente somente como referência para a pesquisa. Nenhum material será gravado sem a sua autorização. Mesmo que você autorize a gravação

inicialmente, você pode interrompe-la após o início, se quiser. O material gravado não será usado publicamente (em conferências, por exemplo), a menos que você autorize.

- Você verá na tela do computador um desenho e em seguida ouvir uma frase, e então você vai responder uma pergunta sobre isso.
- A sua participação neste estudo é voluntária.

- O material documentado nesta pesquisa pode beneficiar no futuro as escolas locais Kaingang e o ensino da língua Kaingang e do português. Você tem o direito de não responder alguma pergunta se não quiser e interromper sua participação a qualquer momento.
- A participação neste estudo sobre a língua Kaingang não oferece nenhum risco.

CONFIRMAÇÃO VOLUNTÁRIA DO PARTICIPANTE

Eu entendo os procedimentos explicados acima. Minhas perguntas foram respondidas satisfatoriamente e eu aceito participar neste estudo. Eu recebi uma cópia deste formulário. Se acaso eu não souber assinar, um parente vai assinar este documento para mim.

Assinatura do participante: Nome: Data

Assinando este consentimento, eu indico que o participante leu ou ouviu oralmente o conteúdo deste formulário. O participante entende a informação apresentada no formulário e recebeu uma cópia.

Assinatura da pesquisadora: Nome: Data GRAVAÇÃO DE VIDEO

Eu autorizo a gravação de video da minha participação neste estudo

() SIM () NÃO

CITAÇÃO EM PUBLICAÇÕES

Eu autorizo que meu nome seja incluído nas publicações resultantes deste estudos (na seção de agradecimentos e na citação direta desta entrevista)

Responda as perguntas no seu ritmo, não existe resposta correta ou incorreta.

Por favor observe que nenhuma das tarefas é para testar sua inteligência pessoal ou habilidade. O objetivo é testar e aperfeiçoar nosso entendimento da gramática do Kaingang.

☐ SIM ☐ NÃO

Muito obrigada pela sua participação!

Como entrar em contato com a pesquisadora: se você tem perguntas sobre este estudo, por favor entre em contato **Márcia Nascimento** (indiaedai@hotmail.com).

Apêndice B - Questionário Sociolinguístico

Questionário Sociolinguístico

Direcionado aos moradores da comunidade

Data / /

1. Dados de identificação

1.1. Nome (incluir nome indígena se houver)

1.2. Marca clânica (rá)

1.3. Endereço (Terra indígena, aldeia, município e estado)

1.4. Atividades profissionais (função que exerce na comunidade)

2. Aprendizagem de idiomas

2.1 Que língua(s) você fala? (☐)Kaingang (☐)Português (☐)outra, qual?

2.2 Que língua você aprendeu primeiro? (☐)Kaingang (☐)Português (☐)outra, qual?

2.3 Com que idade você aprendeu o Kaingang?

2.4 Que língua seus filhos aprenderam primeiro?

(☐)Kaingang (☐)Português (☐)outra, qual?

2.5 Acha importante o ensino da língua Kaingang na escola?

3. Conhecimento de idiomas

3.1 1º..... (☐)fala, (☐)entende, (☐)le, (☐)escreve

3.2 2º..... (☐)fala, (☐)entende, (☐)le, (☐)escreve

4. Idioma predominante

4.1 Qual idioma você aprendeu primeiro? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

4.2 Qual você fala mais? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

5. Qual a etnia do(da) seu(sua) esposo(a)?

5.1 Que língua ele/ela fala? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

5.2 Que língua ele aprendeu primeiro? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

6. Uso de idiomas

6.1 Família

i) Em que idioma você fala com seus filhos? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

ii) Fala em kaingang com todos seus filhos?

iii) Algum de seus filhos não fala em kaingang?

iv) Fora de sua casa em que idioma fala com seus parentes? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

v) Em que idioma prefere que eles falem? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

6.2 Comunidade

6.3 Em que idioma você fala com

i) Seus amigos ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

ii) Seus vizinhos ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

iii) Seus companheiros de trabalho ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

iv) Seu professor ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

v) Diretor ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

vi) Pastor ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

6.4 Nas situações abaixo, em que língua você fala?

i) Reuniões comunitárias ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

ii) Festas ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

iii) Rituais ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

iv) Jogos ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

v) Quando esta na cidade ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

6.5 Qual é o idioma mais falado pelos professores nas aulas?

6.6 Temas (sobre o que?)

6.7 Em que língua você conversa sobre

i) Seu trabalho ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

ii) Seus negócios ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

iii) Agricultura ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

iv) Política ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

v) Futebol ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

6.8 Em que língua relata as histórias e os contos tradicionais? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

6.9 Em que língua fala sobre os diferentes aspectos da vida na comunidade?

()Kaingang ()Português ()outra, qual?

7. Educação

7.1 nível de estudo ()não alfabetizado () ensino fund. Incompleto () ensino fundamental completo () ensino médio () graduação

7.2 Com que idade começou a estudar?

7.3 Em que língua era ministrado o ensino? ()Kaingang ()Português ()outra, qual?

8. Movimento migratório

8.2 Lugar onde nasceu

8.3 Lugar onde morou ao longo da vida (meses e anos)

8.4 Viagens a outros lugares (cidades)

() nunca

() raras vezes

() freqüentemente

() Muito freqüentemente

8.5 Para outras terras indígenas

() nunca

() raras vezes

() freqüentemente

() Muito freqüentemente

8.6 Para os indígenas não falantes da língua.

i) Gostaria de aprender?

()sim ()não

Por quê?

ii) Gostaria que seus filhos aprendessem?

()sim ()não

Por quê?

9. O que você pensa sobre o futuro da língua kaingang para os próximos 10, 20 anos?

10. O que voce faria de diferente para ajudar a revitalizar a lingua na sua aldeia?

11. O que voce acha sobre o avanço da tecnologia na aldeia, voce acha que ajuda ou atrapalha o ensino da língua indígena e da sua cultura? por que?

12. De modo geral, como voce vê sua aldeia no futuro em relação a língua Kaingang e a cultura?

Apêndice C - Questionário Maia (2006)

Questionário para o Levantamento Preliminar de dados sociolingüísticos sobre sociedades Indígenas Brasileiras (Marcus Maia e Maria das Graças D. Pereira)

1 Caracterização do Informante

1.1 Nome

1.2 endereço

1.3 Atividade profissional

1.4 Histórico das atividades desenvolvidas junto ao grupo indígena

1.5 data da coleta das informações

2 situação educacional

2.1 sociedade Indígena

2.2 Aldeia

Nome, localização, forma de acesso

2.3 População da aldeia

Especificar por sexo e faixa etária

2.4 Histórico da educação escolar na aldeia

2.5 situação educacional atual

2.5.1 A escola

2.5.1.1 Localização

2.5.1.2 vínculo institucional

2.5.1.3 Instalações

Existe casa específica? A comunidade participou da construção?

A casa segue o padrão habitacional do grupo indígena?

Quais são as atuais condições físicas da escola?

2.5.2 A população atendida

2.5.2.1 Atendimento específico

A escola atende exclusivamente à comunidade indígena ou é freqüentada também por regionais?

2.5.2.2 Caracterização dos alunos

Qual a população atendida? Que séries? Há turmas separadas? Quantas? Qual o número de alunos por turma e total?

Especifique por faixa etária e por sexo.

2.5.2.3 Frequência

Os alunos comparecem com regularidade? Há desistências? Por quê?

2.5.2.4 Interesse

O que motiva os alunos a estudarem?

2.5.3 Os professores

2.5.3.1 Natureza

Os professores são índios ou não índios? Ou ambos? Especifique.

2.5.3.2 Formação

Como se deu a formação dos professores índios? Qual o seu conhecimento do português e das línguas indígenas? Especifique.

Qual a formação dos professores não índios? Qual seu conhecimento da(s) língua(s) indígena(s) e da cultura do grupo?

2.5.3.3 Interesse

Por que o professor escolheu trabalhar com educação indígena?

2.5.3.4 Permanência

Por quanto tempo o professor exerce a sua profissão na aldeia? Há muita rotatividade? Por quê?

2.5.3.5 Moradia

Os professores residem na aldeia? Se não, onde residem?

2.5.4 O ensino

2.5.4.1 Finalidade

Qual a finalidade da educação escolar na comunidade?

2.5.4.2 Função

Qual o papel social da educação na aldeia?

2.5.4.3 Língua

O ensino é bilíngue? Ou monolíngue? Em que língua (s). Explícite.

Para os alunos não falantes da língua indígena, existe um atendimento específico para que os mesmos tenham a oportunidade de aprender?

2.5.4.4 Alfabetização

A alfabetização é feita em que língua(s)? Por quê? A escola adota algum método específico? Qual? Quando e como se dá a aprendizagem da primeira e segunda língua?

2.5.4.5 estrutura, programas e currículos

A escola está diretamente ligada à instituição pública ou privada?

Que disciplinas são ensinadas? Existe regime seriado?

Existe ensino religioso? O ensino é orientado especificamente para o grupo indígena? Como? Os programas e currículos obedecem a que orientação? São diferenciados, com calendário próprio e adequados às necessidades específicas da comunidade?

Por quê?

2.5.4.6 Material didático

Que material didático é utilizado? É bilíngüe? Foi desenvolvido especialmente para o grupo? Quem participou de sua elaboração?

O material didático é adequado às necessidades da população atendida?

2.5.4.7 Produção em língua escrita

Em que circunstâncias a população atendida utiliza a língua escrita? Há produção de textos? De que tipo? Em que língua?

2.5.4.8 reconhecimento

A escola é reconhecida oficialmente? Desde quando? Quem emite os certificados de conclusão dos cursos?

2.5.4.9 Orientação e supervisão

Há acompanhamento regular das atividades educacionais? Por quem? Qual a periodicidade? Como é feito? Há programas de treinamento e de reciclagem de professores? Há preocupação com a formação de novos professores indígenas?

2.8 Avaliação da situação escolar

2.8.1 Posicionamento da comunidade

A comunidade considera necessária a educação escolar para os seus membros? Por quê? Por que as famílias desejam que suas crianças aprendam a ler e a escrever? A comunidade favorece o ensino em e sobre o português? O que acham do ensino em e sobre a(s) língua(s) indígena(s)? Se for o caso, como a comunidade lida com o ensino diferenciado?

2.8.2 Posicionamento da instituição

Qual a finalidade do ensino ministrado? Qual a visão das secretarias (municipal, estadual), FUNAI ou missão sobre a educação indígena?

A escola tem conseguido atingir seus objetivos? Por quê?